



FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA  
CAMPUS GOIÂNIA – GO

WENDELL VIEIRA MENDES

# EDUFISICAST: dando voz à Educação Física escolar

GOIÂNIA – GOIÁS  
2020





UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese

2. Nome completo do autor

Wendell Vieira Mendes

3. Título do trabalho

EDUFISICAST: Dando voz a Educação Física escolar

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
  - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por Ari Lazzarotti Filho, Professor do Magistério Superior, em 30/11/2020, às 10:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por WENDELL VIEIRA MENDES, Discente, em 30/11/2020, às 10:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 1712669 e o código CRC CEAB78F4.

WENDELL VIEIRA MENDES

## EDUFISICAST: dando voz à Educação Física escolar

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física Escolar.

Orientador: Ari Lazzarotti Filho

GOIÂNIA – GOIÁS  
2020





Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

MENDES, WENDELL VIEIRA  
EDUFISICAST [manuscrito] : dando voz à Educação Física escolar /  
WENDELL VIEIRA MENDES. - 2020.  
CXXVII, 127 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. ARI LAZZAROTTI FILHO.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,  
Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Programa de Pós  
Graduação em Educação Física em rede, Goiânia, 2020.  
Bibliografia. Apêndice.  
Inclui fotografias, gráfico, tabelas.

1. Educação Física escolar. 2. Legitimação. 3. Podcast. I.  
LAZZAROTTI FILHO, Dr. ARI , orient. II. Título.

CDU 796



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 12 da sessão de Defesa de Dissertação de **Wendell Vieira Mendes**, que confere o título de Mestre em Educação Física, na área de concentração em Educação Física Escolar.

Aos vinte e nove dias de outubro de dois mil e vinte, a partir da(s) 10h, por vídeo conferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “EDUFISICAST: Dando voz a Educação Física escolar”. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor Ari Lazzarotti Filho / FEFD - UFG com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor Humberto Luis de Deus Inácio / FEFD - UFG, membro titular interno; Professor Doutor Gabriel Carvalho Bungenstab - ESEFEGO, membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato aprovado pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Ari Lazzarotti Filho, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos vinte e nove dias de outubro de dois mil e vinte.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por Ari Lazzarotti Filho, Professor do Magistério Superior, em 29/10/2020, às 12:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Gabriel Carvalho Bungenstab, Usuário Externo, em 29/10/2020, às 12:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Humberto Luis De Deus Inácio, Professor do Magistério Superior, em 05/11/2020, às 09:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 1643744 e o código CRC 89EB272A.

Referência: Processo nº 23070.046893/2020-63

SEI nº 1643744



*Dedico este trabalho à memória de Eva Aparecida Vieira Mendes, meu maior exemplo e inspiração de vida, minha mãe.*



## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, aquele em quem me apoio em todos os momentos.

À minha amada esposa Nadyene, que viveu comigo as dores e alegrias desta caminhada, sempre ao meu lado.

Às minhas filhas Ingrid e Alice, e ao meu pequeno Benício, que ainda está no ventre da mamãe, por me motivarem a querer ser o melhor exemplo em suas vidas.

Ao meu orientador e amigo Ari Lazzarotti Filho, pela paciência, pela compreensão dos meus limites, pelos conselhos pontuais e pelo incentivo necessário para a conclusão deste trabalho.

À minha amiga Ludmylla Di Oliveira Brito, responsável por minha entrada no processo seletivo quando eu não mais tinha a intenção de voltar aos estudos.

Aos meus colegas de mestrado do Polo UFG, que foram acima de tudo companheiros e companheiras de partilhas enriquecedoras e que venceram juntos comigo mais uma difícil etapa da vida acadêmica.

Aos companheiros e companheiras do Grupo de Estudos e Pesquisa em Esporte, Lazer e Comunicação, o GEPELC FEFD-UFG, pelas contínuas contribuições e incentivo ao projeto.

Aos professores João Arlindo, Lázaro Tuim, Kelly Ferreira, Wendel da Costa, Karla Medeiros, Edymar Patryk e Marcos Junio, que dispuseram do seu tempo e conhecimento participando dos episódios de podcast comigo.

Ao meu amigo e irmão de coração Paulo Henrique, pelo pronto socorro no conhecimento técnico inicial necessários à de gravação dos áudios.



Aos amigos e amigas da Escola Municipal João Clarimundo de Oliveira e do Colégio Estadual Presidente Artur da Costa e Silva, pela ajuda e compreensão nos momentos de necessidade no trabalho.

Aos queridos professores e professoras da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás, pelas contribuições e ricos momentos de discussão e aprendizagem nas aulas.

À Universidade Federal de Goiás (UFG) pela excelente qualidade no ensino público e gratuito que me foi oferecido desde a graduação.

À coordenação Nacional e Regional do PROEF pela luta em manter a realização deste curso, mesmo em meio aos tenebrosos tempos de desvalorização da ciência.

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.



*Aprenda o mais simples! Para aqueles  
Cuja hora chegou  
Nunca é tarde demais!  
Aprenda o ABC; não basta, mas  
Aprenda! Não desanime!  
Comece! É preciso saber tudo!  
Você tem que assumir o comando!*

*Aprenda, homem no asilo!  
Aprenda, homem na prisão!  
Aprenda, mulher na cozinha!  
Aprenda, ancião!  
Você tem que assumir o comando!  
Frequente a escola, você que não tem casa!  
Adquira conhecimento, você que sente frio!  
Você que tem fome, agarre o livro: é uma arma.  
Você tem que assumir o comando.*

*Não se envergonhe de perguntar, camarada!  
Não se deixe convencer  
Veja com seus olhos!  
O que não sabe por conta própria  
Não sabe.  
Verifique a conta  
É você que vai pagar.  
Ponha o dedo sobre cada item  
Pergunte: O que é isso?  
Você tem que assumir o comando.*

**Elogio do Aprendizado - Brecht (2000, p. 114)**

MENDES, Wendell Vieira. **EDUFISICAST**: dando voz à Educação Física escolar. 2020. 126 folhas. Dissertação (Mestrado em Educação Física Escolar) – Faculdade de Educação Física e Dança/Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

## RESUMO

O objetivo do presente estudo foi subsidiar a produção de material instrucional em forma de Podcast, visando esclarecer e reafirmar o status de componente curricular da Educação Física como mediadora de um conhecimento/saber visível e relevante na formação dos alunos, o EDUFISICAST. Derivados desse propósito, surgem os objetivos propostos nesse trabalho, a saber: apresentar a origem e a constituição dos saberes relacionados a disciplina Educação Física como componente curricular; identificar o que o campo acadêmico da educação tem produzido sobre os motivos da invisibilidade do conhecimento disciplinar da Educação Física escolar; compreender a influência da cultura escolar na invisibilidade do conhecimento disciplinar da Educação Física; e apresentar possibilidades de inovação na prática pedagógica da Educação Física escolar. Nessa pesquisa, optamos por uma revisão bibliográfica com abordagem qualitativa. A partir do texto base Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica (González, 2018), que discute as atuações docentes de professores de Educação Física, extraímos o tema central da investigação Cultura Escolar e a Educação Física. Dentro desse tema central, encontramos categorias de análise que adotamos como subtemas: Invisibilidade do Conhecimento Disciplinar da Educação Física Escolar; Caráter Funcional do Abandono do Trabalho Docente; Hierarquia dos Saberes Escolares; e Inovação das práticas pedagógicas. Esses temas, roteirizados, subsidiaram a produção de onze episódios do podcast intitulado EDUFISICAST. Após passar pelas cinco etapas que são comuns a todos os podcasts (produção, gravação, edição, publicação e distribuição), o produto educacional foi avaliado por professores de Educação Física e professores de outras áreas por meio de questionário online. Os resultados da avaliação foram bastante positivos no que se refere à aceitação do produto tanto quanto à facilidade de acesso, como ao formato e qualidade do conteúdo e a possível retenção de ouvintes. Indicam que trabalhar a informação e a formação sobre o valor da Educação Física escolar através da mídia podcast pode ser um caminho fértil e bastante viável.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar. Legitimação. Podcast.

MENDES, Wendell Vieira. **EDUFISICAST**: giving voice to school Physical Education. 2020. 126 sheets. Dissertation (Master in School Physical Education) - Faculty of Physical Education and Dance / Federal University of Goiás, Goiânia, 2020.

## ABSTRACT

The objectives of this study was to support the production of instructional material in the form of a Podcast, aiming to clarify and reaffirm the status of curricular component of Physical Education as a mediator of a visible and relevant knowledge in the education of students, EDUFISICAST. Derived from this purpose, the objectives showed in this paper are: to present the origin and constitution of knowledge related to the discipline Physical Education as a curricular component; to identify what the academic field of education has produced about the reasons for the invisibility of disciplinary knowledge of school Physical Education; to understand the influence of school culture on the invisibility of disciplinary knowledge of Physical Education; and present some possibilities for innovation in the pedagogical practice of school Physical Education. In this research, we opted for a literature review with a qualitative approach. From the basic text School Physical Education: between the “roll the ball” and the pedagogical renewal (González, 2018), which discusses the teaching performances of Physical Education teachers, we draw the central theme of this research, that is, School Culture and Physical Education. Within this central theme, we found categories of analysis that we adopted as subthemes: Invisibility of the Disciplinary Knowledge of School Physical Education; Functional Character of Teaching Work Abandonment; Hierarchy of School Knowledge; and Innovation of pedagogical practices. These scripted themes supported the production of eleven episodes of the podcast entitled EDUFISICAST. After going through the five stages that are common to all podcasts (production, recording, editing, publication and distribution) the educational product was evaluated by Physical Education teachers and teachers from other areas through an online questionnaire. The results of the evaluation were very positive regarding to the product acceptance as well as the ease of access, the format and quality of the content and some possible retention of listeners. They indicate that working on information and training on the value of school Physical Education through podcast media can be a fertile and quite feasible path.

**Keywords:** School Physical Education. Legitimation. Podcast.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagem de capa dos episódios do EDUFISICAST .....	51
Figura 2 – Imagem de fundo na página do EDUFISICAST .....	52
Figura 3 – Mesa de som Soundcraft Signature 12 MTK .....	56
Figura 4 – Microfone AKG P3S .....	57
Figura 5 – Layout do Software Ableton Live 10 Lite .....	57
Figura 6 – Layout do Software Wave Editor .....	59
Figura 7 – Imagem do Site EDUFISICAST .....	60
Figura 8 – Visão do EDUFISICAST no Aplicativo Spotify .....	62

## LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Quadro 1 – Lista de recursos materiais utilizados na produção .....	56
Gráfico 1 – Gênero dos respondentes da pesquisa .....	64
Gráfico 2 – Comparativo de gênero PodPesquisa 2019 .....	65
Gráfico 3 – Faixa etária dos participantes da pesquisa .....	65
Gráfico 4 – Nível de formação dos participantes da pesquisa .....	66
Gráfico 5 – Tempo de atuação na educação básica .....	66
Gráfico 6 – Porcentagem de professores por rede de ensino .....	67
Gráfico 7 – Porcentagem de professores por fase de ensino .....	67
Gráfico 8 – Função dos participantes na escola .....	68
Gráfico 9 – Acesso através dos meios disponibilizados .....	69
Gráfico 10 – Principais formas de acesso de Podcasts no Brasil .....	69
Gráficos 11 e 12 – Avaliação da usabilidade do EDUFISICAST .....	70
Gráfico 13 – Avaliação do formato/linguagem do EDUFISICAST .....	70
Gráfico 14 – Preferência dos participantes por formatos de podcast ...	71
Gráficos 15 e 16 – Avaliação do tempo de duração dos episódios .....	72
Gráfico 17 – Avaliação da qualidade do conteúdo dos episódios .....	72
Gráfico 18 – Avaliação da relevância dos temas abordados .....	73
Gráfico 19 – Avaliação do potencial de retenção de ouvintes .....	73
Quadro 2 – Lista de temas para novos episódios sugeridos pelos professores respondentes.....	74

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>O professor e o ato investigativo .....</b>	<b>15</b>
<b>O Problema, sua relevância e os objetivos do estudo .....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 1 – REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 Marco Teórico .....</b>	<b>23</b>
<b>1.2 Revisão de Temas específicos da produção .....</b>	<b>26</b>
<b>1.2.1 História e Consolidação da Educação Física Escolar no Brasil ....</b>	<b>27</b>
<b>1.2.2 Educação Física escolar, especificidade e currículo .....</b>	<b>31</b>
<b>1.2.3 Hierarquia dos saberes escolares e o status da Educação Física.</b>	<b>37</b>
<b>CAPÍTULO 2 – TRAJETÓRIA METODOLÓGICA E A CONFECCÃO DO PRODUTO .....</b>	<b>43</b>
<b>2.1 Nasce o EDUFISICAST .....</b>	<b>43</b>
<b>2.1.1 Concepção do EDUFISICAST .....</b>	<b>44</b>
<b>2.2 Características da produção do EDUFISICAST .....</b>	<b>47</b>
<b>2.3 Etapa 1 – A Produção .....</b>	<b>49</b>
<b>2.3.1 Hospedagem .....</b>	<b>50</b>
<b>2.3.2 Tema e Público .....</b>	<b>52</b>
<b>2.3.3 Formato .....</b>	<b>52</b>
<b>2.3.4 Periodicidade .....</b>	<b>54</b>
<b>2.4 Etapa 2 – Gravação .....</b>	<b>54</b>
<b>2.4.1 Ambiente e Equipamentos .....</b>	<b>55</b>
<b>2.5 Etapa 3 – Edição .....</b>	<b>58</b>
<b>2.6 Etapa 4 – Publicação .....</b>	<b>59</b>
<b>2.7 Etapa 5 – Distribuição .....</b>	<b>61</b>
<b>Capítulo 3 – COLOCANDO O EDUFISICAST À PROVA .....</b>	<b>63</b>
<b>3.1 Da Pesquisa Avaliativa .....</b>	<b>63</b>
<b>3.2 Divulgação da pesquisa e período de avaliação .....</b>	<b>63</b>



3.3 Perfil dos professores e professoras respondentes da pesquisa .....	64
3.4 Conhecimento e uso da mídia podcast .....	68
3.5 Opiniões sobre o EDUFISICAST .....	69
3.6 Potencial retenção de ouvintes .....	73
3.7 Temas Sugeridos .....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	77
REFERÊNCIAS .....	80
APÊNDICES .....	85
Apêndice A – Roteiro EDUFISICAST #00 EDUFISICAST A Origem .....	85
Apêndice B – Roteiro EDUFISICAST #01 Educação Física escolar, de onde vem? Onde vive? Do que se alimenta? .....	89
Apêndice C – Roteiro EDUFISICAST #02 Educação Física Escolar, Especificidade e Currículo .....	97
Apêndice D – Roteiro EDUFISICAST #03 Hierarquia dos saberes escolares e o status da Educação Física .....	104
Apêndice E – Roteiro EDUFISICAST #04 e #05 Educação Física, o Severino da escola – Caráter funcional (Parte I e II) .....	110
Apêndice F – Roteiro EDUFISICAST #06 e #07 Inovação das práticas pedagógicas na Educação Física escolar (Parte I e II) .....	113
Apêndice G – Roteiro EDUFISICAST #08, #09 e #10 PROEF no chão da escola (Parte I, II e III) .....	115
Apêndice H – Questionário de avaliação do EDUFISICAST .....	119
Apêndice I – Imagens dos momentos de gravação dos episódios de entrevista e debate .....	125

## INTRODUÇÃO

### O professor e o ato investigativo

Antes de nos atermos as questões objetivas deste trabalho, julgamos necessário evidenciar ao leitor a organicidade do mesmo, a perspectiva do autor com base em suas vivências, experiências, formação acadêmica e lutas pessoais.

Para esse entendimento é preciso fazer memória a partir da imersão nas aulas de Educação Física vivenciadas na escola, ainda no ensino de 1º e 2º graus<sup>1</sup> na rede pública de ensino, visto que a história dessa relação com a disciplina não se inicia na faculdade, no curso de licenciatura em Educação Física mas sim, muito antes disso.

A vivência, como aluno da escola pública, traz lembranças de participação nas aulas de Educação Física, que quase sempre foram boas lembranças. Falamos das atividades esportivas, pois eram as únicas práticas dessas aulas que na grande maioria das vezes eram guiadas pelo espontaneísmo. Houve períodos em que participar dessas aulas nem foi possível, pois eram feitas no contra turno e chocavam com o horário de trabalho.

Não só as aulas nos foram negadas nesse período, mas, também, quase todas as vivências relacionadas à cultura corporal cabíveis à escola. Havia a aceitação de que era uma condição imposta pela “opção” de trabalhar desde cedo, na adolescência. O que realmente acontecia era a exclusão das práticas corporais que eram um direito dos alunos. Mais tarde, entendemos que este fato era permitido pela legislação vigente, por uma interpretação equivocada sobre a Educação Física como atividade e não como disciplina escolar, componente curricular.

Já no ensino médio as aulas eram no mesmo turno, mas as vivências em momento algum propunham uma reflexão sobre as situações geradas nas aulas, relacionadas a exigência de aptidão física, alunos se escondendo da aula por não conseguirem realizar os exercícios, situações de discriminação, separação de atividades por sexo entre outros. Muitos diziam que só participavam porque eram obrigados, pois, para eles, parecia não significar nada. A Educação Física da escola representava apenas um momento de frustração e até de sofrimento.

---

<sup>1</sup> Antigos 1º e 2º graus, hoje ensino fundamental e médio.

Posteriormente, como a grande maioria dos ingressantes no curso de Educação Física, no ensino superior veio a escolha pelo curso foi motivada pelo gosto por esportes. Logo, houve a percepção de que para ser professor não bastava “gostar de esportes”, e neste caminho de esclarecimento alguns professores foram excelentes condutores de reflexões mais profundas e progressistas. Mostraram uma visão de Educação Física diferente da que havíamos vivido na escola. Foram vários questionamentos, momentos de aprendizado únicos na formação pessoal e profissional que nos foram proporcionados pelo curso de licenciatura plena em Educação Física na Universidade Federal de Goiás.

Ao final do curso, houve o ingresso nos primeiros anos de carreira como professor de Educação Física. O contato com o “chão da escola” trouxe momentos questionadores sobre o papel e a importância da Educação Física escolar. A teoria e a prática eram conflituosas. Como integrante de uma comunidade escolar passei a buscar respostas e soluções para nossos problemas da área, questionando sobre recursos, desenvolvendo pequenos projetos e tentando mostrar o valor que a Educação Física tem na formação dos alunos através das aulas ministradas. Hoje, já se vão dezenove anos de caminhada dentro da escola de educação básica.

Durante esse tempo, foi possível perceber de fato que o ato educativo é também um ato investigativo, pois as inquietações insistentes nos levaram a buscar mais conhecimento. Incomodados, em toda a trajetória profissional, com as problemáticas da Educação Física escolar, entendemos que:

[...] nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos. Toda investigação se inicia por um problema com uma questão, com uma dúvida ou com uma pergunta, articuladas a conhecimentos anteriores, mas que também podem demandar a criação de novos referenciais. (MINAYO, 2001, p.18)

É a partir desse breve relato que assumimos o desafio deste trabalho, criar e inovar nas formas de luta pela legitimação da Educação Física escolar.

## **O problema, sua relevância e os objetivos do estudo**

Nossa motivação vem, portanto, da inquietação gerada pela desvalorização da Educação Física escolar enquanto componente curricular e o tratamento dado ao professor de Educação Física decorrente da “invisibilidade” de seu conhecimento disciplinar.

Neste trabalho abordamos, as questões relativas à legitimação da Educação Física no currículo escolar, a invisibilidade de seu conhecimento disciplinar e o abandono do trabalho docente.

Situando o tema de nossa pesquisa, as inquietações nos levam aos seguintes questionamentos: Em que medida esta realidade de invisibilidade do conhecimento disciplinar aparece nas escolas prejudicando o trabalho do professor de Educação Física e influenciando-o ao abandono do trabalho docente ou desinvestimento pedagógico? Até que ponto o saber específico da disciplina Educação Física é desconhecido (invisível) para a gestão escolar e professores de outras áreas, já que existem documentos oficiais que consolidam a Educação Física dentro da escola? Qual é a participação da escola (cultura escolar) no processo de invisibilidade do conhecimento disciplinar da Educação Física? Como esclarecer e reafirmar o status de componente curricular da Educação Física como mediadora de um conhecimento/saber visível e relevante na formação dos educandos?

Ao tentar responder essas questões e ainda cumprir com as normativas que dispõem sobre o processo de conclusão do curso de mestrado profissional, que orientam para a confecção de um produto educacional, optamos por construir um instrumento de valor formativo e informativo que fosse de fácil acesso aos professores de Educação Física e toda a comunidade escolar (professores de outras áreas, professores que atuam nas funções de gestão e outros).

Pensando nisso, escolhemos como produto final a elaboração de um Podcast sobre Educação Física escolar e suas problemáticas com foco na invisibilidade de seu conhecimento disciplinar, sendo um veículo de formação e instrução que nos ajudará a atingir os objetivos propostos neste trabalho. Tal ação se justifica visto que a cultura instituída da escola através desses importantes agentes pode contribuir para a legitimidade do conhecimento da Educação Física no processo de escolarização.

O objetivo geral da pesquisa bibliográfica foi subsidiar a produção de um material instrucional em forma de Podcast, que visou esclarecer e reafirmar o status de componente curricular da Educação Física como mediadora de um conhecimento/saber visível e relevante na formação dos alunos, o EDUFISICAST. Derivados desse propósito, surgem os objetivos de apresentar a origem e a constituição dos saberes relacionados a disciplina Educação Física como componente curricular, identificar o que o campo acadêmico da educação tem produzido sobre os motivos da invisibilidade do conhecimento disciplinar da Educação Física escolar, compreender a influência da cultura escolar na invisibilidade do conhecimento disciplinar da Educação Física e apresentar possibilidades de inovação na prática pedagógica da Educação Física escolar.

No primeiro capítulo, estabelecemos os referenciais sobre os quais este trabalho se sustenta. Eles subsidiaram a produção de conteúdo dos episódios de podcast. Neles apresentamos as problemáticas da legitimação da Educação Física como, a invisibilidade de seu conhecimento disciplinar, o caráter funcional do abandono do trabalho docente e a hierarquia entre as disciplinas.

No segundo capítulo, apresentamos a trajetória metodológica e a Confecção do produto educacional EDUFISICAST. Nele são descritos conhecimentos básicos sobre o podcast e seu processo de produção.

No terceiro capítulo, apresentamos a avaliação do produto educacional, colocando o EDUFISICAST à prova numa pesquisa com professores das redes de ensino locais, que atuam na educação básica.

Por fim, nas considerações finais estão as reflexões gerados por esse trabalho e suas possíveis contribuições. Esperamos assim, ter uma melhor compreensão da Educação Física escolar e seu lugar enquanto componente curricular, contribuindo para as reflexões sobre a superação das dificuldades enfrentadas com sua valorização e legitimação dentro da escola.

## CAPÍTULO 1 – REVISÃO DE LITERATURA

O referencial para a construção deste trabalho está centrado na perspectiva crítica de Educação e Educação Física. Se dedica a compreender a temática e a problemática da pesquisa por meio de referenciais teóricos do campo da Educação Física e dos estudos da cultura escolar e currículo. Discussões sobre os saberes docentes também permearam essa etapa teórica, visto que são aspectos centrais no entendimento dos conhecimentos sobre Educação Física no ambiente escolar.

Apesar de já termos, através da legislação, consolidado a inserção da Educação Física dentro da escola, bem como garantido a sua legalidade como elemento curricular obrigatório da Base Nacional Comum Curricular da educação básica nacional, ainda não conseguimos lhe conferir atributos que pudessem legitimá-la como uma disciplina relevante e significativa para a formação. Entendemos que:

A EF, em sua expressão legal, a muito deixou de ser no âmbito escolar, uma “atividade”, um “fazer pelo fazer”, um “exercitar-se”, recebendo desde a última Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (LDB 9394/96) o status de componente curricular. Fato que não tem se desdobrado em mudanças efetivas no cotidiano da área. As razões para tal são de uma complexidade que tem merecido diversos esforços explicativos (FENSTERSEIFER, 2012, p.321).

No intuito da legitimação da Educação Física como componente curricular, com relevância para a formação dos educandos temos que, primeiramente, justificar com argumentos plausíveis a sua permanência na grade curricular. Muitos estudiosos vem focando seus estudos a fim de dar à Educação Física uma legitimidade e uma sustentação pedagógica dentro do processo ensino-aprendizagem, mas apesar de toda a mobilização em prol de um direcionamento para a Educação Física escolar na busca de sua afirmação dentro do contexto curricular, não percebemos grandes mudanças na prática pedagógica, no “chão da escola”.

A realidade dentro das escolas na prática diária da Educação Física, ainda nos parece muito distante das teorias pedagógicas elaboradas e propostas pelos diversos estudiosos da área com referência no movimento renovador:

Apesar de já ter se passado mais de vinte anos da materialização das primeiras propostas nesta linha (Coletivo de Autores, 1992), e mais de quinze anos do lançamento da primeira versão dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997), não se tem revelado fácil romper com a lógica que sustentou o trabalho docente em Educação Física por quase um século. O atual contexto escolar ainda revela que o caráter tradicional da Educação

Física é muito presente, ou o que é ainda pior, o abandono do trabalho docente. [...] (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER; GLITZ; RISTOW, 2013, p.3)

Para Gonzáles e Fensterseifer (2009), a Educação Física escolar brasileira ainda passa por um processo de transformação que nos coloca, por um lado, diante do abandono de um discurso legitimador centrado no “exercitar-se para...” e, de outro, nas dificuldades encontradas na construção e efetivação de um novo modo de legitimação no espaço escolar.

Analisando a atuação docente de professores de Educação Física, González (2018, p.12), identifica como uma das dimensões mais ricas e complexas de seu estudo, *a cultura escolar, a cultura da escola e a Educação Física*. Na tentativa de entender a diversidade de atuações docentes dos professores de Educação Física, o autor menciona três categorias que em seus estudos em conjunto com outros pesquisadores, lhe parecem as mais interessantes: *a invisibilidade do conhecimento disciplinar, o caráter funcional do abandono do trabalho docente e hierarquias dos saberes escolares*.

A categoria *invisibilidade do conhecimento disciplinar* está vinculada à ideia de que, majoritariamente, o conjunto dos agentes da comunidade escolar, de forma particular os gestores escolares, não possuem elementos básicos para reconhecer o que se ensina ou se deve ensinar nas aulas de Educação Física (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER; GLITZ; RISTOW, 2013). Este fato permite que não apenas muitas formas de ocupar o tempo da aula sejam aceitas, como também que essas diferentes formas recebam o mesmo reconhecimento, ainda algumas sendo efetivamente aulas e outras não. Essa incapacidade em reconhecer o que se ensina ou o que se deveria ensinar nas aulas de Educação Física, tem consequências na organização do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor de Educação Física escolar e favorece práticas pouco relevantes à formação dos escolares e à valorização da disciplina como componente curricular.

Outra categoria utilizada para a compreensão do lugar da Educação Física Escolar e, portanto, o de seus professores nas escolas, apontada por González (2018, p.14) é o *caráter funcional do abandono do trabalho docente*. Neste sentido, o autor refere-se à atuação do professor como aquele que tem reconhecimento profissional mais ligado a fatores extracurriculares ou extraclasse (como capacidade

para organização de eventos, disposição para as demandas da escola e outros), do que às aprendizagens específicas sobre os saberes da disciplina.

Também relacionada fortemente com as categorias anteriores, existe ainda a das *hierarquias dos saberes escolares*, que carrega um conjunto de limites e preconceitos que o professor deve enfrentar para conquistar seu reconhecimento profissional no interior da cultura escolar (GONZÁLEZ, 2018, p.15). Essa realidade aponta para um desprestígio que dificulta a participação da Educação Física, em condições de igualdade no projeto educacional da escola, perante as demais disciplinas.

Ao tomarmos como base a experiência de trabalho com a Rede Estadual de Ensino do Estado de Goiás, percebemos uma proximidade considerável entre a realidade apontada nas pesquisas e a realidade cotidiana das escolas no Estado de Goiás. Pode-se dizer que, na maioria das escolas, quando comparamos a Educação Física com as demais disciplinas da grade curricular, constatamos ser a mesma, uma das disciplinas que menos tem “atenção” na formação do aluno. Em tese, a Educação Física não reprova, seus conteúdos não são pré-requisitos para os anos ou ciclos seguintes e não fazem parte dos conteúdos das provas externas. E, até por conta disso, a equipe gestora-pedagógica pouco se preocupa, se os conteúdos contidos no plano de trabalho do professor foram todos desenvolvidos ou não.

Isto ocasionalmente provoca o que Faria e Bracht (2014, p.S314) chamam de *sentimento de invisibilidade do professor*, ao analisarem os efeitos da falta de conhecimento e, conseqüentemente, de reconhecimento da importância do seu trabalho, “[...] práticas de não reconhecimento podem causar sentimentos negativos que despotencializam o trabalho, mas que também, podem impulsionar os sujeitos a lutarem por condições mais amplas de valoração” (FARIA; BRACHT, 2014, p.S315).

Não raramente, encontramos escolas onde a preocupação das equipes gestora e pedagógica com relação à Educação Física é se o professor está presente e se não está promovendo muita desordem e barulho com seus alunos. Também, não raramente, caso um outro professor falte, se ele pode assumir e cuidar da turma que está sem aula. Nesse caso, deixando de lado seu planejamento e o direcionamento das aulas.

Submetidos a essa situação de desconforto, os professores de Educação Física muitas vezes entram, a nosso ver, num círculo vicioso de comodismo e de falta de comprometimento pois:

[...] a escola, em algumas oportunidades, ao não conferir à EF o estatuto de disciplina escolar mediadora de um conhecimento/saber, pode dificultar, em razão desse não reconhecimento, a produção de práticas pedagógicas de qualidade. É com base no que vimos descrevendo que entendemos ser pertinente a seguinte reflexão: é comum ouvir que esse ou aquele professor de EF apresenta uma prática com características de desinvestimento pedagógico (recebem a denominação de rola-bola), mas qual é a participação da escola (de uma cultura escolar específica) nesse processo? Não estariam as culturas escolares esvaziando de sentido essa prática pedagógica e, com isso, favorecendo o desinvestimento pedagógico? Quais posturas, atitudes e saberes a escola exige do professor de EF? O que a escola busca garantir que os alunos aprendam nas aulas de EF? Ou, simplesmente, podemos interpelar: a escola também desinveste? (MACHADO, et al., 2010. p. 139).

Por todo esse contexto, torna-se importante o trabalho de pesquisa aqui proposto, tendo como foco central, os aspectos relacionados à cultura escolar, a cultura da escola<sup>2</sup> e a sua relação com o componente curricular Educação Física e o não reconhecimento de seu saber/conhecimento. Torna-se necessário então, estabelecer a relação entre cultura escolar e Educação Física.

A cultura escolar é um objeto complexo com o qual nos deparamos neste estudo. Não é possível reduzi-la à dimensão interna da escola, nem tão somente a dimensão externa (estrutural). Estudar a cultura escolar e suas relações com a Educação Física só é possível se buscarmos compreender o cotidiano escolar a partir desse conjunto de elementos particulares e universais que determinam as práticas/ações cotidianas. Entendemos que:

[...] Colocado em outros termos a cultura escolar somente pode ser compreendida se olharmos para a complexa rede de relações de fatores intra- e extraescolares, bem como para os percursos de formação inicial e continuada dos professores que atuam nas escolas. Entendemos que estes são os protagonistas do trabalho e que não é possível abordar este objeto à margem do seu trabalho. Por outro lado, entendemos que é relevante conceber o campo escolar como espaço no qual se podem/devem identificar as tensões, as acomodações, as determinações, táticas do

---

<sup>2</sup> Para Fourquin (1997, pg.167) a escola é também um “mundo social”, que tem suas características de vida próprias, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos e a isto podemos denominar “cultura da escola”. Já a cultura escolar, se pode definir como o conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos que, selecionados, organizados, “normalizados”, “rotinizados”, sob o efeito dos imperativos de didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada no contexto das escolas.

cotidiano e as rupturas com a estrutura que os atores presentes nele produzem. (PICH, 2009, p.251).

Partindo desse pensamento é possível entender a escola como espaço de produção de uma cultura específica, a cultura escolar. Essa visão distancia a escola da ideia de mera reprodutora de processos macrossociais. Tratando da Educação Física, podemos por exemplo, lembrar do “esporte na escola” e o “esporte da escola” tema tratado por Vago (1996) e até mesmo a “Educação Física na escola” e a “Educação Física da escola” tratada por Caparroz (1997). Ambos os autores fazem crítica a incorporação (reprodução) e o desenvolvimento da Educação Física como componente curricular baseadas em influências externas (desportista, médica e militarista) e apontam que a área por não se libertar das amarras de tais influências vive uma situação de marginalidade no currículo escolar.

Para Pich (2009), a produção de conhecimento da pedagogia da Educação Física brasileira transitou num primeiro movimento na construção de propostas pedagógicas para o campo escolar (década de 1980 até a atualidade) e posteriormente emergiram com maior vigor os estudos que procuraram dar protagonismo aos atores do cotidiano escolar, que tem sua referência mais importante na cultura que é produzida na escola, e que, dentre outras possibilidades, tem no conceito de cultura escolar uma das mais importantes ferramentas teóricas. O autor argumenta que:

[...] A escola possui uma dinâmica própria, produz uma cultura específica que é preciso compreender a partir de uma aguçada capacidade para “ler o cotidiano”. É preciso adentrar nos ambientes em que essa cultura é produzida para decifrar seus códigos, normas, valores e práticas. Se durante um longo tempo procuramos “legislar” sobre a escola e seus atores, estamos atualmente perante o desafio de descer da torre de marfim acadêmica para termos uma relação colaborativa com os atores do cotidiano escolar, uma relação sujeito-sujeito e não mais sujeito-objeto, para termos alguma chance de o campo acadêmico poder contribuir efetivamente com a transformação da Educação Física escolar. Entendemos que as pesquisas referenciadas no conceito de cultura escolar podem ser um terreno fértil para caminharmos nessa direção. (PICH, 2009, p. 231).

### **1.1 Marco Teórico**

O Coletivo de Autores (1992) e mais especificamente Carmen Lúcia Soares (1996), tratam da Educação Física escolar e seus conhecimentos e especificidades onde concebe-se que historicamente a Educação Física ocidental moderna ensinou

*o jogo, a ginástica, as lutas, a dança, os esportes.* Poderíamos afirmar então que estes são conteúdos clássicos. Permaneceram através do tempo transformando inúmeros de seus aspectos para se afirmar como elementos da cultura, como linguagem singular do homem no tempo.

As atividades físicas tematizadas pela Educação Física se afirmaram como linguagens e comunicaram sempre sentidos e significados da passagem do homem pelo mundo. Constituem assim um acervo, um patrimônio que devem ser tratados pela escola. A contribuição da Educação Física, neste caso, será a de colocar os alunos diante desse patrimônio da humanidade, que tem sido chamado por alguns autores de “cultura física” (Betti, 1991), “cultura corporal de movimento” (Bracht, 1989), Cultura de movimento (Kunz, 1992), “cultura corporal” (Soares; Taffarel; Varjal; Castellani Filho; Escobar; Bracht, 1992).

Bracht, em sua obra “*EDUCAÇÃO FÍSICA E APRENDIZAGEM SOCIAL*” (1992), além de outras várias obras suas, realiza um esforço no sentido de estabelecer uma certa clareza terminológica quanto à expressão Educação Física, visando explicar sua busca pela autonomia pedagógica. Esse autor afirma que o termo foi utilizado no Brasil, concomitantemente, num sentido restrito e num sentido amplo, o que gerou um verdadeiro caos conceitual, que dificultou a comunicação científica e a reflexão teórica. No seu sentido “restrito”, o termo Educação Física abrange as atividades pedagógicas, tendo como tema o movimento corporal e que toma lugar na instituição educacional. No seu sentido “amplo” tem sido utilizado para designar, inadequadamente a seu ver, todas as manifestações culturais ligadas à ludomotricidade humana, que, no seu conjunto, parece-lhe melhor abarcadas por termos como cultura corporal ou cultura de movimento.

Outros autores como González e Fensterseifer (2009) consideram que a Educação Física escolar brasileira passa por um processo de transformação que nos coloca, por um lado, diante do abandono de um discurso legitimador centrado no “exercitar-se para...” e, de outro, nas dificuldades encontradas na construção e efetivação de um novo modo de legitimação no espaço escolar. Apontam como perspectiva para o enfrentamento deste desafio a possibilidade de a Educação Física produzir respostas que levem em conta a especificidade da instituição em que se encontra, identificando o campo de conhecimento que lhe é particular e o modo

como os conhecimentos são tratados. Por fim, reconhecem que tal tarefa, como a república, em uma sociedade democrática, é tarefa de todos os implicados.

Refletem ainda sobre os desafios da Educação Física escolar, considerando seu estatuto de disciplina no contexto de uma sociedade democrática e republicana (LDB 9394/96). Reafirmam o entendimento de que cabe à Educação Física tematizar as diferentes manifestações da cultura corporal de movimento, articulando-se com o desenvolvimento curricular proposto pelos marcos legais, sem desconsiderar as nuances do contexto no qual se desenvolve e os sujeitos que com ela estão envolvidos. Não pretende produzir respostas prescritivas, mas afirmar que elas necessitam ser produzidas levando em conta as expectativas da sociedade, a especificidade da escola e a responsabilidade curricular da Educação Física enquanto disciplina (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2013).

Ao verificar a questão da dificuldade de legitimação da Educação Física no contexto escolar nos deparamos com uma realidade atual de abandono do trabalho docente em aulas de Educação Física e a invisibilidade de seu conhecimento disciplinar. González; Fensterseifer; Ristow e Glitz (2013), realizaram investigação que teve como objetivo reconhecer semelhanças e diferenças na configuração de casos de professoras de Educação Física caracterizados de abandono do trabalho docente. Particularmente, buscou compreender como os membros da comunidade escolar, em especial os gestores, enxergam (se é que enxergam) a prática docente de duas professoras com proposições de ensino similares na sala de aula, mas com um envolvimento diferenciado com a instituição. Os resultados indicaram que o abandono do trabalho docente é percebido pelos membros da comunidade escolar apenas no caso em que a professora renuncia a qualquer tipo de proposição em suas aulas e não se mostra solícita a outras necessidades da escola, e não é notado (ou explicitado) quando a atuação docente, ainda que não pautada pelo ensino dos conteúdos da disciplina escolar, não altera as rotinas escolares e dá conta minimamente da tradição. Os conhecimentos tratados (ou não) nas aulas de Educação Física são invisíveis ao olhar dos gestores escolares.

O ofício de ser professor envolve habilidades, conhecimentos e competências que esse agente mobiliza durante sua formação e sua atuação profissional. Os professores são figuras fundamentais na escola e possuem consigo saberes incorporados às suas demandas. Embora estejam presentes nas rotinas de aula,

esses saberes são integrados ao longo da trajetória de vida desse profissional, desde os primórdios da vida pessoal até sua ação pedagógica no ambiente escolar (TARDIF, 2007).

Os saberes são pessoais, da formação escolar, da formação profissional, dos instrumentos utilizadas no trabalho e da experiência na profissão. A origem desses saberes está ligada às fontes sociais de aquisição, que por sua vez, são os ambientes e instituições onde o agente produz esses conhecimentos, como: a família, a escola, os cursos de formação, os currículos, livros, programas e o espaço da escola (TARDIF, 2007).

## **1.2 Revisão de Temas específicos da produção**

A Educação Física costuma ser considerada uma das disciplinas mais “amadas” pelos alunos na escola. Mas, por mais que isso pareça bom, este fato está longe de poder ser considerado motivo de prestígio ou reconhecimento no cotidiano escolar. Uma grande parte da comunidade escolar não espera muito das aprendizagens oportunizadas por esta disciplina. Isso se deve à uma tradição sobre a condição da Educação Física escolar: um espaço vazio de conteúdo que pode ser preenchido com atividades que levem os alunos a “se mexerem”, sem importar quais os conhecimentos que cabem tratar e a relação que possa ter com as demais disciplinas na escola (GONZÁLEZ; FRAGA, 2012, p.39).

Estudos apontam que o abandono do trabalho docente é oportunizado ou facilitado por uma cultura escolar que tem expectativas muito limitadas em relação à Educação Física e daquilo que os professores podem ensinar em suas aulas. Nessa lógica, dificilmente qualquer integrante de uma comunidade escolar solicita que os professores justifiquem porque determinado conteúdo específico foi ou não foi desenvolvido em suas aulas (GONZÁLEZ; FRAGA, 2012, p.39).

Boa parte deles ainda entende que a Educação Física é um tempo para os alunos extravasarem as energias acumuladas na imobilidade das salas de aula, tal como o “banho de sol na prisão” (FRAGA, 2000, p. 112), ou um lugar de preparo da motricidade estudantil para melhor assimilação em sala de aula dos conteúdos das disciplinas ditas mais “sérias”. É como se a aula, os conteúdos e o professor de

Educação Física fossem invisíveis porque, quase que, tanto faz o que acontece nessas aulas.

Simplemente, para ser um “bom” professor de Educação Física, basta ser aquele que não falta ao trabalho, cumpre horário, mantém a burocracia em dia, dá conta dos alunos da sua turma e daqueles que estão soltos no pátio, consegue conter situações indesejáveis (alunos machucados, indisciplina, uso indevido do espaço, saídas da escola, etc.), não ser muito exigente (conformar-se com o material e infraestrutura disponível), estar sempre à frente da organização de eventos e disponível para diferentes demandas da escola, independente do que proponha em suas aulas. Os conhecimentos tematizados (ou não) nas aulas de Educação Física parecem ser invisíveis ao olhar da comunidade escolar em geral.

De certo modo, essas críticas correspondem ao que se passa na escola, mas não leva em consideração que este desprestígio foi construído num longo processo de “desidentificação” da Educação Física com a função social da escola. É o que afirmam González e Fraga (2012, p.39), no livro Afazeres da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar.

Mas onde, em sua história, a Educação Física perde sua identidade? Onde ela se desidentifica com sua função dentro da escola? É preciso conhecer melhor então suas origens e seu processo de consolidação como componente curricular.

### **1.2.1 História e Consolidação da Educação Física Escolar no Brasil**

Entre as disciplinas do ensino fundamental e médio a Educação Física é uma das que mais sofreu modificações nos últimos tempos. Desde mudanças na pedagogia quanto na legislação educacional. Fatos que inclusive colocaram em dúvida sua própria missão no universo escolar.

Durante o período militar por exemplo o foco era o preparo físico e a valorização dos estudantes com aptidão esportiva. Hoje a Educação Física está mais voltada para cultura corporal de movimento. Se antes era limitada à ginástica e ao desporto, hoje os objetos de ensino se diversificaram indo desde a ginástica e os esportes, até os jogos e brincadeiras, dança, lutas e as práticas corporais de aventura. Isso por conta de uma necessidade gerada pelas mudanças sociais em nosso país e que atualmente ganha cada vez mais força dentro das escolas.

Em muitos momentos de sua história a Educação Física brasileira se confunde com as instituições médicas, militares e esportivas. Estas instituições foram precursoras na definição do caminho da Educação Física Escolar, delimitaram o seu espaço e delimitaram o seu campo de conhecimento, tornando-a um valioso instrumento de ação e de intervenção na realidade educacional e social.

Carmen Lúcia Soares (1996, p.8), referência em história da Educação Física no Brasil, afirma que a Educação Física Escolar tal como a concebemos hoje - como matéria de ensino - têm suas raízes na Europa de fins do século XVIII e início do século XIX. Esse é o tempo e o espaço da formação dos sistemas nacionais de ensino característicos da sociedade burguesa.

Nesse período, o Brasil colonial e imperial (Soares, 1994, p.88), as questões relativas à saúde, à higiene, e ao corpo dos indivíduos começam a fazer parte das preocupações das elites dirigentes no nosso país. E é nesses cuidados físicos com o corpo, os quais incluíam a formação de hábitos como: tomar banho, escovar os dentes, lavar as mãos, que se faziam presentes também os exercícios físicos, vistos exclusivamente como fator higiênico.

Os exercícios físicos, então, passaram a ser entendidos como “receitas” e “remédios”. Julgava-se que, através deles, e sem mudar as condições materiais de vida a que estava sujeito, ao trabalhador daquela época, seria possível adquirir o corpo saudável, ágil e disciplinado exigido pela nova sociedade capitalista. Essa ideia perdurou mais de um século e pouco se alterou em países como o Brasil.

A Ginástica, primeiro nome dado à Educação Física, com caráter bastante abrangente, teve lugar como conteúdo escolar obrigatório, contribuindo com o objetivo dessa sociedade capitalista em formação, “construir” um novo homem: mais forte, mais ágil, mais empreendedor. Este movimento foi bastante vigoroso em todo o século XIX, teve sua denominação definida a partir do país de origem e ficou também conhecido como “escolas” ou “métodos ginásticos”. Os mais conhecidos no Brasil foram o Método Francês, Alemão e Sueco, sendo o mais divulgado e que serviu de modelo para um método nacional de ginástica em nosso país, o Método Francês (Soares, 1996, p.8).

Estes métodos ou escolas de ginástica não pensaram a Ginástica na escola, mas os pedagogos e médicos buscaram neles os princípios básicos para elaborar os conteúdos de ensino da escola, uma especificidade da Ginástica para a escola. Esta

Ginástica compreendia exercícios individuais, em duplas, quartetos; o ato de levantar e transportar pessoas e objetos; esgrima; danças; jogos e posteriormente, já no final do século XIX, os jogos esportivos; a música; o canto e os exercícios militares.

O pensamento médico higienista construiu um discurso normativo, disciplinador e moral. Tudo em nome da saúde, da paz e da harmonia social. Apoiada pelo poder de Estado a medicina social em sua vertente higienista vai influenciar e condicionar, de modo decisivo, a Educação Física, a educação escolar em geral, e toda a sociedade brasileira.

No Brasil, especificamente nas quatro primeiras décadas do século XX, foi marcante no sistema educacional a influência dos Métodos Ginásticos e da Instituição Militar. Pode-se dizer que o auge da militarização da escola corresponde à execução do projeto da sociedade idealizado pela ditadura do Estado Novo.

Mais adiante, após a Segunda Guerra Mundial, que coincide com o fim da ditadura do Estado Novo no Brasil, surgem outras tendências disputando a supremacia. No período de pós-guerra o método de Educação Física Desportiva Generalizada divulgada no Brasil por Augusto Listelo, onde há a influência do esporte como elemento predominante da cultura corporal.

Em sua trajetória, a Educação Física ao longo de sua história, priorizou os conteúdos ginásticos e esportivos. Até que em 1970 surgiram novos movimentos na Educação Física escolar, em oposição aos modelos tecnicistas, esportivistas e biologicistas, inspirados no momento histórico social pelo qual passou o país, nas novas tendências da educação de maneira geral, além de questões específicas da própria Educação Física. Assim a Educação Física escolar passou a ser vista como uma ação teórico-prático de crítica, no sentido de desenvolver um corpo de conhecimento científico que pudesse imprimir uma identidade pedagógica da Educação Física no Currículo Escolar.

Atualmente, coexistem na Educação Física diversas concepções, modelos, tendências ou abordagens, que tentam romper com esse modelo mecanicista, esportivista e tradicional que outrora foi embutido aos esportes.

Na década de 80 e 90 alguns estudiosos na área pedagógica começam a dar destaque a Educação Física como área de conhecimento e surgem novas tendências progressistas da Educação Física como: A abordagem da Concepção de

Aulas abertas (1986, Hildebrandt e Laging), Humanista (1985, Vitor Marinho de Oliveira), Psicomotricista (1982, Airton Negrine e Mauro Guiselini), Desenvolvimentista (1987, Go Tani), Construtivista (1989, João Batista Freire), Crítico Superadora (1992, Coletivo de autores), Crítico- emancipatória (1991, Eleonor Kunz), Sistêmica (1991, Betti) e Educação Física Plural (1995, Jocimar Daólio), onde os mesmos enfatizam o corpo em todos os seus aspectos, tanto de forma afetiva, cognitiva e motora.

Em 1996, com a reformulação dos PCNs, é ressaltada a importância da articulação da Educação Física entre o aprender a fazer, o saber por que se está fazendo e como relacionar-se nesse saber (Brasil, 1997). Com o processo inclusivo nas escolas, determinado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (Lei 9.394/96), estabeleceu-se uma nova visão sobre o modo de agir e pensar em educação. É dentro desse universo escolar que encontramos a Educação Física como aliada do desenvolvimento biopsicossocial do aluno. Ela destaca que as aulas de Educação Física, ao contrário das legislações passadas, devem ser integradas à proposta pedagógica da escola. Então a Educação Física é nomeada como um componente curricular da educação básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar.

Até certo ponto generalizando, podemos concluir que a Educação Física está em constante desenvolvimento no Brasil e acompanha as mudanças político-sociais, e é já pode ser vista como um elemento essencial para a formação do cidadão brasileiro.

Hoje, o papel da Educação Física tem se voltado cada vez mais ao desenvolvimento pleno do indivíduo, buscando a formação de um sujeito que conheça e reconheça seu próprio corpo em movimento, valorizando aspectos da cultura corporal de movimento e seu conhecimento científico, voltados a uma diversidade cultural e social da disciplina, que se manifesta nos gêneros, nas etnias, nas religiões, na deficiência e muito mais aspectos.

Não podemos desvincular a Educação Física do processo educacional, onde ela deve ser trabalhada na sua totalidade e a mesma deve ser vista também como área que produz conhecimento.

### 1.2.2 Educação Física escolar, especificidade e currículo

Vamos começar refletindo: Por que a Educação Física está na escola? Qual seu papel dentro da cultura escolar? O que a Educação Física ensina?

É possível encontrar algumas categorias de representação social da Educação Física escolar muito comuns no cotidiano das escolas. Elas se relacionam ao papel de entreter/brincar/recrear, ao papel de socializar, ao papel de auxiliar as outras disciplinas, ao papel de exercitar/treinar/ensinar esportes e também ao papel de desenvolver o aspecto motor.

Os sentidos dados a essas atribuições, ao papel da Educação Física escolar parecem sugerir uma legitimidade fragilizada muito baseada em funções que não são ou não deveriam ser, próprias da Educação Física na escola e que diminuem seu potencial pedagógico como disciplina escolar.

O que nos traz para esta discussão é exatamente a constatação da falta de conhecimento sobre o conteúdo curricular da Educação Física escolar ou a invisibilidade de seu conhecimento disciplinar como é denominada por alguns autores de nossa área (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER; RISTOW; GLITZ, 2013). Nos referimos à falta de conhecimento sobre a atual proposta de Educação Física produzida cientificamente e prevista nos documentos legais orientadores e normativos da educação brasileira (LDB, PCNs e BNCC). Este fato ocasiona situações frequentes de não entendimento e equívocos quanto ao que se deve ensinar nas aulas de Educação Física e sua função dentro da escola.

Primeiramente é bom lembrar, como diz Carmem Lucia Soares, em seu artigo Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade (1996), que:

A Educação Física está na escola. Ela é uma matéria de ensino e sua presença traz uma adorável, uma benéfica e restauradora desordem naquela instituição. Esta sua desordem é portadora de uma ordem interna que lhe é peculiar e que pode criar, ou vir a criar uma outra ordem na escola. (SOARES, 1996, p.7)

E para realizar esta tarefa, a Educação Física deve sobretudo, preservar, manter e aprofundar a sua especificidade, evidentemente sem isolar-se ou colocar-se à parte e alheia. A Educação Física, portanto, difere das demais disciplinas pois seu objeto de ensino parte de algo ignorado na maioria das vezes pela escola,

nosso próprio corpo e seu movimentar-se. E o movimento na escola tradicional, na maioria das vezes, é visto como desordem e incômodo.

A Educação Física percorreu um longo caminho até ser considerada componente curricular pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, culminando na Lei nº 10.793/2003 que rege a atual condição legal da Educação Física reconhecendo seu ensino como obrigatório na Educação Básica sendo integrada à proposta pedagógica da escola.

E o que isso significou? Significou que a Educação Física Escolar, pelo menos na legislação, deixa de uma vez por todas de ser encarada como uma simples atividade complementar sem propósito pedagógico, e passa a ser vista como um componente, uma matéria de ensino, com conteúdos importantes para a formação de alunos e alunas de forma integrada com a proposta pedagógica da escola.

Dentro de uma perspectiva crítica, ela passa a ganhar um tempo e um espaço no currículo escolar que deve cumprir uma função educativa, alicerçada em objetivos e conteúdo específicos e que seja capaz de sistematizar, ao longo dos anos escolares, um conjunto de conhecimentos que permita aos alunos compreender o mundo que habitamos, bem como a dimensão humana que se liga às práticas corporais. Com o propósito de que a apropriação desses conhecimentos possa resultar no bem comum de toda a sociedade (GONZÁLEZ, 2018).

Passamos a reconhecer então que as vivências com as diferentes manifestações da cultura corporal de movimento não se limitam a aquisição de aptidão física ou esportiva. Elas podem enriquecer e estimular momentos de discussões sobre: a organização social, suas regras e normas; a relação entre o envolvimento com essas práticas e a qualidade de vida; a cultura humana relacionada ao tempo livre; as formas que a humanidade pode se relacionar harmoniosamente com o meio ambiente natural e tantos outros aspectos que podem ser induzidos por momentos reflexivos nas atividades desenvolvidas. (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014, p.14)

Na perspectiva em que nos apoiamos, a Cultura corporal de movimento é atualmente considerada o objeto do qual a Educação Física trata na escola. A área de conhecimento específica pela qual a Educação Física é responsável dentro da escola. Podemos entendê-la como uma dimensão da cultura que se refere as

possibilidades do se-movimentar dos seres humanos, suas práticas corporais sistematizadas e suas representações sociais.

É importante lembrar aqui, como nos alerta o professor doutor Walter Bracht, um dos defensores do termo, que quando reivindicamos uma especificidade para a Educação Física enquanto disciplina do currículo escolar a partir do conceito de cultural corporal de movimento, não buscamos o seu isolamento, mas sim dizer qual é sua contribuição específica para a tarefa geral da escola. É absolutamente necessário que a Educação Física esteja aberta a dar sua contribuição para a tarefa geral da escola, e isso também, a partir de outras formas de organização curricular que não a da forma de disciplinas (BRACHT, 2005).

A Educação Física possui um vasto conteúdo formado pelas diversas manifestações corporais criadas pelo ser humano ao longo dos anos, entre elas, os jogos, as brincadeiras, as danças, os esportes, as ginásticas, as lutas e as práticas corporais de aventura. Este conjunto de práticas tem sido chamado de cultura corporal de movimento, ou cultura corporal, ou cultura de movimento, entre outros. Por ser um conjunto de saberes diversificado e riquíssimo, consideramos extremamente importante seu tratamento nas aulas de Educação Física.

Porém muitos professores de Educação Física mantêm-se ainda hoje, influenciados pela concepção esportivista e continuam restringindo as aulas aos esportes mais tradicionais: basquetebol, voleibol, handebol e futebol. Não bastasse este fato, é muito comum que estes conteúdos esportivos sejam transmitidos somente na ótica do saber fazer sem o devido aprofundamento (ROSÁRIO; DARIDO, 2012).

Tarcísio Mauro Vago, em seu artigo “Pensar a Educação Física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude”, defende que:

[...] a escola é um lugar com uma identidade, uma responsabilidade social, uma expectativa social. Escola não é clube. Escola não é academia de ginástica. Escola não é centro de treinamento esportivo. A escola não é a rua, ou a praça do bairro. Escola não é tempo nem “equipamento” de lazer. Embora possa, e deva estabelecer relações com todos esses lugares, a escola é um tempo e um lugar singular, que não pode ser nem confundido com nenhum desses, muito menos ser substituído por eles. Para este autor é fundamental pensar a escola entendida como um lugar de produção de culturas por que seus protagonistas assim o fazem, produzem cultura. É também um lugar de circulação das culturas, por que tem como responsabilidade garantir um humano direito ao patrimônio por todos produzido. E por último e não menos importante é um lugar situado entre as culturas por que faz relação com outros lugares em que os humanos produzem suas culturas, nas ruas, nas praças, nos pertencimentos religiosos, na política, nas tantas manifestações artísticas, por exemplo.

Sendo preciso, no entanto, problematizar estas relações. (VAGO, 2009, p.26)

Assim surge a necessidade de elaboração do currículo que amplie a linguagem corporal de forma que seja devidamente planejado levando em conta seus objetivos, experiências de aprendizagem e avaliação que atendam às necessidades da escola e supra as especificidades dos alunos. Analisando quais esportes, jogos, lutas, danças e brincadeiras devem fazer parte do currículo na Educação Física naquele contexto escolar.

Vamos conhecer rapidamente agora um pouco mais sobre a Educação Física na Base Nacional Comum Curricular, documento que merece muitas críticas, porém, é o atual documento, em nível nacional, que normatiza a construção dos currículos escolares.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica (BRASIL, 2018, p.7). Nela cada uma das práticas corporais tematizadas compõe uma das seis unidades temáticas abordadas ao longo do Ensino Fundamental.

UNIDADE TEMÁTICA BRINCADEIRAS E JOGOS – com os objetos de conhecimento: Brincadeiras e jogos da cultura popular, Brincadeiras e jogos de matriz indígena, Brincadeiras e jogos de matriz africana e os Jogos eletrônicos;

UNIDADE TEMÁTICA ESPORTES – com os objetos de conhecimento divididos em sete categorias: Esportes de Marca, Esportes de Precisão, Esportes Técnico-combinatórios, Esportes de Rede/quadra dividida ou parede de rebote, Esportes de Campo e taco, Esportes de Invasão ou territorial, Esportes de Combate;

UNIDADE TEMÁTICA GINÁSTICAS – com os objetos de conhecimento divididos em: Ginástica geral, Ginástica de condicionamento físico e Ginástica de conscientização corporal;

UNIDADE TEMÁTICA DANÇAS – com os objetos de conhecimento divididos em: Danças comunitárias e regionais, Danças de matriz indígena, Danças de matriz africana, Danças Urbanas e Danças de salão.

UNIDADE TEMÁTICA LUTAS – com os objetos de conhecimento: Lutas comunitárias e regionais, Lutas de matriz indígena, Lutas de matriz africana, Lutas do Brasil e Lutas do Mundo;

E finalmente UNIDADE TEMÁTICA PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA – dividida em práticas na natureza e no ambiente urbano.

O documento também sugere a distribuição das unidades temáticas e conteúdos de acordo com os anos do Ensino Fundamental. Em princípio, todas as práticas corporais podem ser objeto do trabalho pedagógico em qualquer etapa e modalidade de ensino. Ainda assim, alguns critérios de progressão do conhecimento devem ser atendidos, tais como os elementos específicos das diferentes práticas corporais, as características dos sujeitos e os contextos de atuação, sinalizando tendências de organização dos conhecimentos.

Na BNCC, as unidades temáticas de Brincadeiras e jogos, Danças e Lutas estão organizadas em objetos de conhecimento conforme a ocorrência social dessas práticas corporais, das esferas sociais mais familiares (localidade e região) às menos familiares (esferas nacional e mundial). Em Ginásticas, a organização dos objetos de conhecimento se dá com base na diversidade dessas práticas e nas suas características. Em Esportes, a abordagem recai sobre a sua tipologia (modelo de classificação), enquanto Práticas Corporais de aventura se estrutura nas vertentes urbana e na natureza.

Então, qual a finalidade do ensino da Educação Física na escola? Quanto às finalidades para o ensino da Educação Física a professora doutora Suraya Cristina Darido da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho a UNESP, afirma que:

[...] é possível elencar os objetivos relacionados à saúde, ao lazer e à apreciação crítica. A busca por melhores condições de vida relacionada à saúde é uma possibilidade possível na aprendizagem da Educação, porém não a única. Pode colaborar com a melhoria da saúde ou mesmo com a adoção de um estilo de vida ativo. Outra finalidade é a prática como forma de lazer, como atividade relacionada à vivência lúdica realizada no tempo livre. Assim, no ensino das práticas corporais, o professor deve estar atento ao fornecimento de repertório de movimento, mas também ao tratamento de atitudes para com o lazer, bem como a compreensão do que venha a ser esse termo. A apreciação crítica do esporte, da dança, do circo e de outras práticas é uma terceira finalidade que pode ser buscada, seja por meio da mídia ou mesmo daquela corporalmente presente no ambiente do espetáculo. Tal finalidade demanda uma compreensão abrangente das práticas corporais, no que diz respeito a sua vivência e ao conhecimento sobre determinantes culturais, sociais, econômicos etc. (DARIDO, 2012, p.47)

Assim, deverá compor o rol de conteúdos da disciplina de Educação Física na escola, em uma dimensão biológica: as relações entre nutrição, gasto energético e as diferentes práticas corporais, bem como entre exercício, lesões e uso de anabolizantes; o desenvolvimento das capacidades físicas; e a melhoria da saúde e da estética.

Já em uma dimensão sociocultural, deve ser esclarecido aos alunos as relações entre esporte, sociedade e interesses econômicos; a organização social, o esporte e a violência; o esporte com intenções de lazer e de profissionalização; a história e o contexto das diferentes modalidades esportivas; a qualidade de vida, atividade física e contexto sociocultural; as diferenças e similaridades entre as práticas dos jogos e dos esportes; as adaptações necessárias para a prática do esporte voltado para o lazer, entre outros (DARIDO, 2012).

Para Betti (2002), a Educação Física, dentro da concepção da Cultura Corporal de Movimento, é um patrimônio cultural da humanidade que merece ser preservado, transmitido e transformado pelas novas gerações e que as finalidades de seu ensino perpassam a promoção da saúde, a vivência do lazer e a apreciação crítica. A Educação Física deve assumir a responsabilidade de formar um cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante das novas formas da cultura corporal de movimento, o esporte-espetáculo dos meios de comunicação, as atividades de academia, às práticas alternativas, etc.

Para isso, não basta aprender habilidades motoras e desenvolver capacidades físicas, aprendizagem esta necessária, mas não suficiente. Se o aluno aprende os fundamentos técnicos e táticos de um esporte coletivo, precisa também aprender a organizar-se socialmente para praticá-lo, precisa compreender as regras como um elemento que torna o jogo possível (portanto é preciso também que aprenda a interpretar e aplicar as regras por si próprio), aprender a respeitar o adversário como um companheiro e não um inimigo, pois sem ele não há competição esportiva. (BETTI, 2002, p.75)

Fica claro então para nós que a Educação Física também propicia, como os outros componentes curriculares, um certo tipo de conhecimento aos alunos e alunas. Mas não é um conhecimento que se possa incorporar dissociado de uma vivência concreta. Como nos diz Betti:

[...] A Educação Física não pode transformar-se num discurso sobre a cultura corporal de movimento, sob pena de perder a riqueza de sua especificidade, mas deve constituir-se como uma ação pedagógica com

aquela cultura. Essa ação pedagógica a que se propõe a Educação Física será sempre uma vivência impregnada da corporeidade do sentir e do relacionar-se". [...] (BETTI, 2002, p.75)

A vivência concreta pertencente à Educação Física é a Cultura de movimento. Respeitando sua especificidade ligada ao fazer, à aprendizagem através do fazer.

### **1.2.3 Hierarquia dos saberes escolares e o status da Educação Física**

Discutir a hierarquização dos saberes escolares, e o fato de que o componente curricular Educação Física ocupa uma posição inferiorizada frente a outras disciplinas na escola, não é algo novo para nós. Porém, é importante reconhecer essa condição quando falamos das práticas pedagógicas de professores, já que a Educação Física escolar carrega um conjunto de limites e preconceitos que o professor deve enfrentar para conquistar seu reconhecimento profissional no interior da cultura escolar.

Em diversos estudos de pesquisa é possível encontrar relatos de professores que coincidem em apontar que esse desprestígio dificulta a participação em pé de igualdade, no projeto educacional da escola. Frequentemente, também é um empecilho para a constituição de uma prática pedagógica de qualidade frente à precariedade de materiais disponibilizados pelas escolas, a desigualdade na divisão do tempo destinado às aulas de Educação Física, dentre outras formas de desvalorização que a colocam numa clara situação de marginalidade no currículo. (GONZÁLEZ, 2018)

Cabe então neste momento, os seguintes questionamentos: Por que se atribui mais prestígio a certas disciplinas do que a outras? Qual a hierarquia das diferentes disciplinas escolares?

É possível dizer que existe um consenso sobre a existência da hierarquia dos saberes, das disciplinas, e que a Educação Física parece não se colocar entre as áreas de conhecimento consideradas mais importantes para a formação de alunos e alunas. Isso sugere que a comunidade escolar não tem se convencido da contribuição da área para o desenvolvimento dos alunos e alunas como o faz em relação principalmente às disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa, Ciências da Natureza entre outras.

As representações construídas na escola sobre a Educação Física escolar, veiculadas no discurso dos professores e professoras das demais disciplinas, podem informar à própria Educação Física e a nós professores e professoras sobre os papéis e saberes assumidos perante a especificidade de sua intervenção pedagógica, sua legitimidade estabelecida e sua legitimidade a conquistar. Portanto, os papéis poderão ser repensados e ressignificados de acordo com a relevância das informações e das necessidades de mudança da prática pedagógica empreendida no fazer diário em cada escola (CARVALHO, 2006)

Baseado nos estudos do sociólogo britânico Michael Young (1982), o professor Dr. José Angelo Gariglio, em seu artigo “Hierarquias dos saberes escolares” no Dicionário Crítico de Educação Física (2015), explica que há duas formas de organização do saber escolar: a primeira diz respeito aos saberes tidos por superiores. Estes seriam dotados de aptidão literária, da ênfase dada à apresentação escrita em detrimento da oral; com peso no caráter abstrato do conhecimento, estruturados e compartimentalizados de forma a ignorar a experiência da vida cotidiana. Paralelamente, existe outro grupo de disciplinas que organiza seu programa segundo critérios não acadêmicos. Esses programas ou saberes, organizam-se invariavelmente na forma de apresentação oral, de trabalho em grupo, do caráter concreto do saber e de seu relacionamento com o conhecimento estranho à escola (GARIGLIO, 2015).

Socialmente, no momento atual, os conhecimentos formalizáveis são mais valorizados, por servirem ao avanço técnico e, portanto, ao desenvolvimento econômico. As ciências físicas são transmitidas sem diálogo com a realidade concreta, justamente para reafirmarem essa estratificação e compartimentação, do conhecimento na escola, a serviço dos interesses da ordem social vigente. Em contrapartida, há a desvalorização das Ciências Sociais ou mesmo não científicas (Artes, Filosofia e Educação Física por exemplo), consideradas exclusivamente como pertencentes ao campo da opinião, como destituídos de racionalidade, a não ser que se igualem ao modelo dominante de ciências físicas. Desvalorização essa que muitas vezes é introjetada e reforçada pelos próprios professores dessas disciplinas ditas não científicas.

Essas características do saber superior são consequências históricas de um sistema de ensino baseado num modelo livresco de aprendizagem destinado aos

padres da Idade Média, época em que o corpo sofreu uma desvalorização e foi inferiorizado, dicotomizado e dualizado. A partir dessa época, o saber corporal foi estigmatizado e o saber escrito e livresco foi valorizado. Estas características do saber de tipo superior representam escolhas culturais conscientes ou inconscientes, que estão em sintonia com os valores e credos dos grupos dominantes em determinada época (JEBER, 1996, p.145).

Leonardo José Jeber em sua dissertação de mestrado na Faculdade de Educação da UFMG, descreve que a maioria das disciplinas transmite seus conhecimentos através do código escrito, preferencialmente. No caso da Educação Física, não se faz uso frequente do código escrito ou de material didático dessa natureza no seu aprendizado. Ao contrário, é através da apresentação oral que se realiza a aula de Educação Física (JEBER, 1996, p.144).

Quase toda a organização do movimento dos alunos através dos jogos e demais conteúdos passam pelo comando verbal do professor e da comunicação dos alunos entre si. Não é comum o trabalho mediante material escrito, e quando isso acontece, soa de forma muito estranha para os alunos e alunas. A própria tentativa de, esporadicamente, trabalhar com esse tipo de material nas aulas, tem sido bastante difícil. Há enorme resistência, por parte dos alunos, de aceitar tal situação. Eles chegam mesmo a ironizar, perguntando se aquela aula é de Português, o que revela que eles carregam fortes estereótipos a respeito das disciplinas escolares, evidentemente não sem razão.

Jeber (1996) afirma, o que se passa é que, na Educação Física, a ênfase recai sobre as atividades lúdicas de movimento, mas isso não nos autoriza a deixar de lado um dos patrimônios construídos pela humanidade, que é o código escrito. A questão é: como a Educação Física poderia proporcionar a vivência lúdica sem abdicar de transmitir seu conhecimento? (GARIGLIO, 1995, p.31). Ou será que a codificação escrita é impossível ou inútil quando se trata de ensinar as coisas ao corpo?

Normalmente, a Educação Física escolar limita-se ao ensino do movimento, desvinculando-o de seus sentidos e significados. Prevalece, assim, a sensação de que o ensino da Educação Física lida apenas com o imediatamente palpável, com o concreto. Oportunamente é bom reafirmar que a ênfase na dimensão abstrata que pode existir no conhecimento transmitido pela Educação Física não pode se dar com

o objetivo de transformá-la em disciplina igual às demais, mas apenas demonstrar que pode haver um ensino de Educação Física que considere sua dimensão abstrata, para que os indivíduos que dela usufruem o façam da maneira mais plena possível.

Algo que também pode contribuir para a visão histórica de como a Educação Física vem-se constituindo dentro do espaço escolar, na hierarquia dos saberes, é a permissividade em ser, na escola, “o “curinga curricular”, pois suas aulas são tomadas e negligenciadas em função de outras atividades curriculares, por exemplo, ensaios para festividades de datas comemorativas”. (SOUZA JÚNIOR, 2001, p. 84).

Os professores com práticas caracterizadas pelo abandono do trabalho docente em geral percebem essa condição e, também em linhas gerais, assumem condição de “vítimas”, manifestando certo desconforto com essa condição. Sentem-se injustiçados. Nos casos dos professores inovadores, todos relatam diferentes episódios em que o baixo prestígio da disciplina foi explicitado por colegas de outras áreas, de forma sutil, irônica ou direta. Esses relatos vêm acompanhados, para além do sentimento de pena, pela exposição de como os professores “reagiram” à situação e como eles marcaram o seu espaço e o da disciplina (GONZÁLEZ; BORGES, 2015).

Voltamos mais uma vez à questão da especificidade da Educação Física. O movimento está presente em nossa vida mais do que se possa perceber e diante do que se considera educação, a Educação Física está presente na escola para promover conhecimentos relativos ao movimento.

Entretanto, se ficarmos apenas nas questões do movimento puro e simples, não é possível alcançar os objetivos educacionais no que se refere a formação do indivíduo crítico e consciente de suas ações, por isso se faz necessário não o estudo de um movimento, mas sim de um movimento intencional. Um movimento que há reflexão e análise antes de ser elaborado e por isso justificasse dentro do sistema educacional.

É necessário, que a sociedade entenda a contribuição da Educação Física na escola, de forma coerente e por toda a amplitude de conhecimentos que a engloba. Muitos ao serem questionados a respeito da contribuição da disciplina Educação Física, afirmam que é importante, mas os argumentos apresentados, muitas vezes, não sustentam a Educação Física enquanto área de conhecimento. Esses

argumentos podem variar entre a realização de atividades esportivas, recreativas, desenvolvimento motor, procura de talentos e a promoção da saúde.

A Educação Física enquanto área de conhecimento deve, em primeiro lugar, assim como o nome diz, ter um conhecimento a ser estudado. Dessa maneira, esse conhecimento deve ser ensinado em todas as séries da educação, tendo uma contribuição para a vida cotidiana do cidadão por meio dos saberes pertencentes à área.

Portanto, com toda esta abrangência, não cabe à Educação Física escolar realizar apenas atividades esportivas ou recreativas e tampouco que promovam o desenvolvimento motor que tanto são enfatizadas em algumas defesas pela Educação Física na escola. Entretanto, se compreendemos que a Educação Física é uma área de conhecimento, esses argumentos pouco contribuem para tal realização, além de seus objetivos serem distintos dos objetivos educacionais. Sendo esse o sentido que as disciplinas escolares devem caminhar, o de se preocupar essencialmente com a formação do cidadão integral em suas dimensões pessoais, profissionais e sociais, pode-se estabelecer como os professores de Educação Física devem agir no contexto educacional a partir dos conteúdos próprios da área.

Vivemos em um sistema capitalista no qual a preparação para o mercado de trabalho também se faz necessária, porém sem deixar de lado os fatores morais, sociais que abrangem nossa cultura e o ideário do que seja um ser atuante na sociedade. As disciplinas escolares giram em torno dessa preparação e com a Educação Física não é diferente. O que faz a Educação Física essencial para a vida desse sujeito e o que ela contribui no cotidiano da vida desse sujeito é a peça-chave para podermos legitimar nossa área de fato na escola (VAGO, 1999, p. 44).

A Educação Física na escola é campo de análise, reflexão e construção de conhecimentos relacionados ao corpo que se movimenta e como o mesmo se constitui na sociedade. Cabe a nós, da espécie humana, possuidores de uma capacidade de reflexão e ação, ao mesmo tempo denominada movimento, fazer a história por meio de nossa autonomia e liberdade de pensar e agir (COSTA; PEREIRA; PALMA, 2009)

Diante dessas ponderações e partindo do pressuposto que a luta para definir um currículo envolve prioridades sociopolíticas e discurso de ordem intelectual, nota-

se que os conflitos gerados em torno da hierarquização dos saberes escolares estão lado a lado com os interesses de ordem política, pedagógica e sociocultural. Além disso, para fazer crer que determinada disciplina escolar é considerada boa, adequada e eficaz, apoia-se no discurso da busca pela qualidade da educação, onde a escola prepara os alunos para enfrentar o mercado de trabalho. Conhecer o que deve ser governado é parte da estratégia que permite a regulação e o controle de indivíduos, grupos, processos e práticas. Logo, pode-se dizer que a hierarquização das disciplinas escolares são processos de controle.

É importante entender isso. A seleção das disciplinas escolares e a importância que adquirem no currículo não se baseiam apenas em critérios científicos, mas, em especial, em aspectos de luta de poder entre grupos e sujeitos interessados orientar a conduta das novas gerações. (SOUZA JUNIOR; GALVÃO, 2005)

Concluindo esse raciocínio, quando falamos da posição ocupada pela Educação Física na hierarquia dos saberes escolares, devemos ter em mente que essa posição se constrói. Em alguns casos, dependendo das políticas educacionais, de interesses hegemônicos dentro de uma escola, com mais ou menos dificuldade.

## CAPÍTULO 2 – TRAJETÓRIA METODOLÓGICA E A CONFEÇÃO DO PRODUTO

### 2.1 Nasce o EDUFISICAST

Na pesquisa bibliográfica nos utilizamos da literatura disponível, tais como livros, artigos acadêmicos, revistas especializadas, teses e dissertações que abordam o tema Educação Física escolar e mais especificamente temas já consolidados na literatura acadêmica da Educação Física, mas que ainda estão distantes da cultura escolar, principalmente dos gestores e professores de outras disciplinas.

Para a composição do corpus teórico foi realizada pesquisa, na plataforma Scielo e no Google Acadêmico, onde as expressões *Educação Física e Saberes*, *Educação Física e Cultura Escolar*, e *Educação Física e Invisibilidade* foram utilizados para a seleção de obras. A partir da leitura dos títulos das obras e posteriormente de seus respectivos resumos pudemos identificar algumas obras que contribuíram para apropriação de conhecimentos a respeito da Educação Física e a Invisibilidade do Conhecimento Disciplinar. Obras clássicas da literatura sobre Educação Física no Brasil foram também referência como matrizes na análise de conceitos como Educação Física Escolar, Legitimação da Educação Física escolar, Cultura Corporal, Cultura Corporal de Movimento, entre outros, como descrito no Capítulo I.

Por se tratar de pesquisa bibliográfica os principais instrumentos utilizados para a organização dos conhecimentos foram a compilação, reunião sistemática do material contido em livros, revistas e outras publicações e o fichamento, transcrição de dados em arquivos eletrônicos.

Segundo Del-Masso (2018, p.9), o procedimento para coleta de dados deverá ser planejado com cautela para que não ocorram problemas e interferências que venham a prejudicar a pesquisa. Pensando nisso, a coleta obedeceu rigoroso planejamento, manuseio, controle e registro das informações.

Um levantamento e uma revisão do conhecimento produzido sobre um tema é um passo indispensável para desencadear um processo de análise qualitativa dos estudos produzidos nas diferentes áreas do conhecimento. Este tipo de estudo caracteriza-se por ser descritivo e analítico. Adaptando os procedimentos para uma

pesquisa do tipo estado da arte, sugeridos por Romanowski e Ens (2006), realizamos os seguintes procedimentos metodológicos para a pesquisa:

- Definição dos descritores para direcionar as buscas;
- Localização dos bancos de pesquisa com acesso aos textos completos dos artigos;
- Definição de critérios para a seleção do material que compôs o corpus do estado da arte;
- Levantamento dos resumos;
- Coleta do material de pesquisa disponibilizados eletronicamente;
- Leitura dos resumos para estabelecer categorias de análise relativas ao tipo de formação, tipo de estudo, técnicas de pesquisa;
- Leitura do material para identificar o descritor nas palavras-chave *Educação Física e saberes*, *Educação Física e Cultura Escolar*, *Educação Física e Invisibilidade*;
- Leitura das publicações com elaboração de síntese preliminar, considerando o tema, os objetivos, as problemáticas, metodologias, conclusões, e a relação entre o pesquisador e área;
- Construção dos roteiros do podcast.

### **2.1.1 Concepção do EDUFISICAST**

Tentando responder as questões colocadas neste trabalho e ainda cumprir com as normativas que dispõem sobre o processo de conclusão do curso de mestrado profissional, que orientam para a confecção de um produto educacional, optamos por construir um instrumento de valor formativo/informativo que fosse de fácil acesso aos professores de Educação Física e professores de outras áreas de ensino que atuam em escolas públicas, em especial nas funções de gestão.

Pensando nisso escolhemos como produto final, a elaboração de um Podcast sobre Educação Física escolar e suas problemáticas com foco na invisibilidade de seu conhecimento disciplinar, sendo um veículo de formação e instrução que nos ajudará a atingir os objetivos propostos neste trabalho

Tendo definido o referencial teórico, já apresentado no Capítulo I, subsidiamos a produção do material instrucional em forma de Podcast, que tinha o

objetivo maior de esclarecer e reafirmar o status de componente curricular da Educação Física como mediadora de um conhecimento/saber visível e relevante na formação dos alunos.

Para isso, foi necessário apresentar a origem e a constituição dos saberes relacionados a disciplina Educação Física como componente curricular, identificar o que o campo acadêmico da Educação Física tem produzido sobre os motivos da invisibilidade do conhecimento disciplinar da Educação Física escolar, além de, demonstrar uma compreensão da influência da cultura escolar na invisibilidade do conhecimento disciplinar da Educação Física.

Em nossa pesquisa optamos por uma revisão bibliográfica com abordagem qualitativa. Essa pesquisa do ponto de vista dos objetivos pode ser considerada explicativa-descritiva e, em princípio, fizemos uma análise sobre o tema invisibilidade do conhecimento disciplinar da Educação Física, chegando aos estudos sobre a constituição da Educação Física escolar no Brasil, a Educação Física como componente curricular e conhecimentos/saberes da Educação Física escolar.

Este tipo de pesquisa preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos (GIL, 2002). Ou seja, esse tipo de pesquisa tenta explicar o porquê das coisas através dos resultados oferecidos. Segundo Gil (2002, p. 43), “uma pesquisa explicativa pode ser a continuação de outra descritiva, posto que a identificação de fatores que determinam um fenômeno exige que este esteja suficientemente descrito e detalhado.”

A partir do texto base Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica González (2018), que discute as atuações docentes de professores de Educação Física, extraímos o tema central da pesquisa Cultura Escolar e a Educação Física. Dentro desse tema central encontramos três categorias de análise que adotamos como subtemas: Invisibilidade do Conhecimento Disciplinar da Educação Física Escolar, Caráter Funcional do Abandono do Trabalho Docente, Hierarquia dos Saberes Escolares.

Estes subtemas e seus derivados, serviram de subsídio para a composição do conteúdo dos Podcasts. Uma série de onze episódios com duração média de trinta minutos que seguiu o seguinte esquema de organização:

Tema Geral: Cultura Escolar e Educação Física

**Subtema 1:** Invisibilidade do conhecimento disciplinar:

- A Constituição da Educação Física escolar brasileira – origens;
- As bases legais da Educação Física escolar;
- Falta de elementos para o reconhecimento do que deve ser ensinado nas aulas de Educação Física por parte dos agentes da comunidade escolar (de forma particular os gestores escolares).

Este subtema foi base para a confecção dos episódios intitulado “#01 Educação Física escolar, de onde vem? Onde vive? Do que se alimenta?”, e também do episódio “#02 Educação Física Escolar, Especificidade e Currículo”.

**Subtema 2:** Caráter funcional do abandono do trabalho docente

- O espaço-tempo da aula de Educação Física utilizado para o “bom funcionamento da escola”;
- Reconhecimento profissional ligado a fatores fora das aprendizagens específicas sobre os saberes da disciplina;

O subtema 2 foi base para os episódios “#04 Educação Física, o Severino da Escola - Caráter funcional Parte I” e “#05 Educação Física, o Severino da Escola - Caráter funcional Parte II”.

**Subtema 3:** Hierarquia das disciplinas

- A posição de inferioridade que o componente curricular Educação Física ocupa frente a outras disciplinas na escola.
- Conjunto de limites e preconceitos que o professor enfrenta para conquistar seu reconhecimento profissional no interior da cultura escolar.

O subtema 3 foi base para o episódio “#03 Hierarquia das disciplinas escolares e o status da Educação Física”.

Além dos subtemas mencionados, optamos, com base na literatura pesquisada, por elaborar episódios sobre as possibilidades de inovação na prática pedagógica da Educação Física escolar, que foi referência para a confecção dos episódios “#06 Inovação das práticas pedagógicas na Educação Física escolar - Parte I” e “#07 Inovação das práticas pedagógicas na Educação Física escolar - Parte II”.

O Programa de Mestrado Profissional PROEF também foi discutido como tema dos três últimos episódios da série, destoando um pouco da temática que referencia os outros episódios. Este tema foi escolhido por considerarmos a formação continuada uma possibilidade de resistência ao processo de deslegitimação da Educação Física escolar, visando demonstrar a importância de sua continuidade para que mais professores possam se qualificar com excelência para atuação docente na educação básica.

Como campo interdisciplinar, os espaços de intervenção da Mídia Educação (Física) vão além da escola e espaços institucionalizados, ainda que seu primordial compromisso passe por estratégias escolares e políticas públicas de educação, o que inclui sua abordagem na formação inicial e continuada de professores/profissionais da Educação Física, para que seja garantida a reflexão e prática social esclarecida frente às relações com a mídia e novas tecnologias. (PIRES; LAZZAROTTI FILHO; LISBOA, 2012, p.59)

Nesses episódios debatemos a experiência do PROEF/UFG desde o processo de seleção até a conclusão do curso, cito os episódios “#08 PROEF no chão da escola - Parte I”, “#09 PROEF no chão da escola - Parte II” e “#10 PROEF no chão da escola - Parte I”.

## **2.2 Características da produção do EDUFISICAST**

Descrever as características da produção de um Podcast pode ser complicado na medida em que é uma mídia altamente personalizada. Não existe um único jeito de fazer as coisas, cada produtor coloca em seu trabalho uma visão de mundo através de seu produto.

Se você perguntar a dez podcasters como cada um faz seus podcasts, tenho certeza de que ouvirá dez respostas diferentes. Isso acontece porque, ao contrário de outras mídias tradicionais, como jornal, rádio ou TV, não há uma fórmula ou manual para se fazer podcasts, um padrão que deva ser seguido por todos. Essa é, inclusive, uma das características que faz o podcast ser tão fascinante: a flexibilidade. É possível fazer de diversas formas, com infinitas combinações de programas e equipamentos, e falar sobre qualquer assunto da maneira que quiser! (LOPES, 2015, p.12)

Apesar disso, parece consenso no meio podcaster, que existem etapas que são comuns a todos os podcasts sobre as quais discorreremos mais adiante. Neste

trabalho organizamos estas etapas em uma ordem que consideramos lógica e que facilitou a organização das ações para colocar o EDUFISICAST em prática.

Para um uma melhor compreensão do que é o produto e como ele foi desenvolvido, esclarecemos que:

Podcasts são programas ou arquivos, gravados em formato digital, que ficam armazenados em um servidor na Internet. Na maioria das vezes, os produtores são independentes e criam programas em áudio. O download pode chegar por meio de um feed RSS (Really Simple Syndication), que funciona como um indexador de arquivos disponíveis. No caso do podcast, novos programas de áudio são adicionados à lista e constantemente atualizados. Assim, um programa ou página da Internet que verifica os diversos feeds RSS adicionados, reconhece os novos arquivos e os baixa de maneira automática para o computador ou smartphone. Fatos estes que fazem com que o podcast seja uma ferramenta extremamente fácil de ser utilizada. (FREIRE G., 2015, p.10)

O podcast é uma mídia da cibercultura em formato de áudio que vem conquistando grande espaço na Web 2.0<sup>3</sup>, especialmente com relação à produção de informação e às suas potencialidades comunicacionais e educativas. Além disso, também subverte a questão do receptor passivo ligado às mídias de massa tradicionais. A partir de uma origem fortemente tecnológica, o podcast teve um desenvolvimento voltado a facilitar sua produção e distribuição, permitindo que qualquer pessoa se torne potencialmente receptor e emissor, tornando a difusão de informações mais democrática. Isso, aliado a características do podcast, tais como disponibilização de conteúdo sob demanda, flexibilidade, portabilidade, interatividade, fidelização e engajamento do ouvinte (LUIZ; ASSIS, 2009).

Segundo Freire E. (2013, p.135) os podcasts brasileiros atuam como amplificadores de vozes costumeiramente ignoradas. Em grande medida produzidos alheios à lógica do lucro financeiro e atentos aos interesses afetivos/cognitivos, aquelas produções acabam preenchendo um espaço educativo de exposição e discussão de temas pouco veiculados ou inexistentes em outros âmbitos: nos grandes veículos de informação, no dia a dia social ou mesmo na escola.

Lopes (2015, p.12), afirma que existem cinco etapas que são comuns a todos os podcasts: produção, gravação, edição, publicação e distribuição.

---

<sup>3</sup> Web 2.0 é um termo popularizado para designar uma segunda geração de comunidades e serviços, tendo como conceito a "Web", rede mundial de computadores, enquanto plataforma.

A etapa de **produção** compreende pontos básicos para a concepção, criação e futura manutenção do podcast.

A **gravação**, ou captação, é uma das etapas mais importantes do processo de produção de um podcast, uma vez que se trata de uma atração em áudio. Basicamente consiste na captação do áudio dos programas.

A **edição** é sem dúvida a mais trabalhosa e demorada de todas as etapas que envolvem a produção de um podcast. Nela é possível incrementar o áudio, corrigir erros da gravação durante a edição, emendando frases, cortando gaguejadas, engasgadas e espaços em branco e mudando a ordem de trechos inteiros.

Na etapa de **publicação** o podcast para existir, assim como tudo na internet, precisa ser armazenado e publicado a fim de ser acessado e ouvido. Assim, é preciso escolher qual modelo de hospedagem e publicação irá utilizar para o programa.

Por fim, depois que o programa estiver pronto, é chegada a etapa de **distribuição** na internet e começar a alcançar os ouvintes. Para isso, além de divulgar amplamente o feed do programa, é importante disponibilizá-lo em agregadores, assim como criar perfis e páginas nas redes sociais e se esforçar para ampliar a sua rede de relacionamentos na podosfera<sup>4</sup>.

Não houve muito tempo para um aprofundamento técnico neste trabalho, mas, houve zelo para que, dentro dos recursos disponíveis, garantíssemos uma qualidade satisfatória dos áudios e outros elementos de produção. Nesse sentido, este trabalho não teve como objetivo informar uma “forma correta” nem se tornar uma cartilha para fazer podcasts sobre Educação Física, pois foi concebido a partir de um trabalho científico que poderia ter infinitas possibilidades de personalização.

### 2.3 Etapa 1 - A Produção

Segundo Lopes (2015, p.30), a etapa de produção engloba alguns pontos básicos para a concepção, criação e futura manutenção de um podcast,

---

<sup>4</sup> A utilização do podcast acarreta a formação do que se designou como “podosfera”, ou, em inglês, podosphere. O termo refere-se ao conjunto de produções no âmbito da tecnologia supracitada. (FREIRE E., 2015)

fundamentos que devem ser pensados antes da publicação do primeiro programa e depois, no processo de preparação de cada episódio.

No EDUFICAST procuramos inicialmente fazer uma programação de nove episódios como planejamento para a execução do projeto. Porém houve mudanças nos planos após colhemos contribuições no processo de qualificação. O nome inicialmente pensado para o Podcast a ser produzido era PodEFEcast que mais se tornou o EDUFISICAST levando em consideração a maior facilidade na pronúncia e a relação com o tema do podcast.

### 2.3.1 Hospedagem

Uma das principais características do Podcast, que o diferencia do rádio, é que para existir ele necessita de armazenamento e publicação online. No caso um provedor ou site hospedeiro. Torna-se necessário então, escolher um modelo de hospedagem e publicação que será utilizado para o podcast.

Talvez por isso, uma forma comum de se explicar para alguém que não conhece o podcast (forma essa que muita gente discorda, mas eu concordo plenamente) é dizer que “podcast é como se fosse um programa de rádio, só que na internet”. Se observamos bem, apesar de as mídias serem bem diferentes, a linguagem é praticamente a mesma. E mais: no podcast temos liberdade de produção de conteúdo, algo cada vez mais raro no rádio. (LOPES, 2015, p.23)

Há várias possibilidades de hospedagem na internet tanto gratuitas, que devem ser confiáveis, como pagas que trazem mais recursos e automatização do processo. É comum que no início de novos podcasts se comece usando plataformas gratuitas de hospedagem. Posteriormente, com o crescimento do podcast em relação ao número de acessos e audiência dos programas, boa parte migra para serviços de hospedagem pagos, que permitem a instalação e o uso das plataformas de blog com maior autonomia e quantidade de recursos. Basicamente os planos gratuitos de hospedagem oferecem limites de armazenamento, limites na largura de banda<sup>5</sup> e traz recursos mais básicos de estatísticas sobre o podcast (LOPES, 2015).

---

<sup>5</sup> Medida da capacidade de uma transmissão, em especial de rede ou conexão. indica a velocidade com que os dados trafegam através de uma determinada rede.

Levamos em consideração todos os aspectos que acabamos de citar para escolher a forma de hospedagem do EDUFISICAST. No nosso caso, escolhemos uma plataforma especializada em Podcasts, paga a um baixo custo, o *Podbean*. Um dos principais motivos foi a possibilidade de a hospedagem de podcast do Podbean distribuir o podcast para todos os destinos desejados com muita simplicidade e facilidade no uso: Apple Podcasts, Spotify, Google Podcasts, o aplicativo Podbean Podcast e outros. Além disso, o Podbean fornece estatísticas de podcast muito úteis para que possamos rastrear o desempenho do podcast e obter informações sobre o público.

Uma página de site também foi criada a partir da adesão ao hospedeiro Podbean onde é possível acessar os episódios, que são atualizados automaticamente, e também sendo possível baixá-los a qualquer momento. O Podbean é um serviço de publicação de podcast que permite que os usuários publiquem, gerenciem e promovam podcasts em um ambiente semelhante a um blog, que exige um mínimo de conhecimento técnico.

A fim de criar uma identificação visual para o podcast utilizamos duas imagens para a criação do site, que foram feitas utilizando imagens de licença gratuita, no aplicativo Fotos nativo do Windows 10. Na figura 1 temos a imagem de capa dos episódios e na figura 2 a imagem de fundo do site <https://edufisicast.podbean.com>.

Figura 1 - Imagem de capa dos episódios do EDUFISICAST



Fonte: o autor

Figura 2 - Imagem de fundo na página do EDUFISICAST



Fonte: o autor

### 2.3.2 Tema e Público

Definir o tema e identificar o público é importante para saber qual vocabulário utilizar em um podcast. Deve-se falar de acordo com a linguagem de quem ouvirá o seu podcast, seja ela simples ou complexa, informal ou formal.

Nossos tema e público foram definidos de acordo com o problema da pesquisa. O tema foi descrito no início deste capítulo. Nosso Público-alvo, professores de Educação Física e de outras áreas que atuem na educação básica, foi escolhido também em virtude dos objetivos deste trabalho.

### 2.3.3 Formato

Nos utilizamos de mais de um tipo formato na elaboração do EDUFISICAST. Usamos programas solo de caráter informativo e episódios onde mesclamos entrevista e debate. Nos podcasts esse é um ponto muito importante pois os formatos são diversos e cada um possui objetivos distintos.

No formato entrevista um dos pontos mais positivos é que o episódio alcança não somente a rede do entrevistador, mas também a da pessoa entrevistada. Além disso, é um espaço onde a troca de experiências pode acontecer de forma muito natural. É recomendada a construção de um roteiro ou pauta de discussão, onde estão previstas as principais perguntas, contudo, em conversas deste tipo sempre haverá um momento para um novo comentário ou assunto. Ao escolher os

convidados, é bom lembrar também de que essa entrevista pode até ser formal, mas precisa de conexão entre host<sup>6</sup> e convidado. Além disso é desejável que esta pessoa realmente tenha o conhecimento do assunto a ser debatido e seja comunicativo, transferindo isso para a sua audiência.

Em nossos episódios nesse formato convidamos professores que dominavam a literatura referente a cada tema proposto nos episódios em que participaram. Caso dos episódios “#04 Educação Física, o Severino da Escola - Caráter funcional Parte I”, “#05 Educação Física, o Severino da Escola - Caráter funcional Parte II”, “#06 Inovação das práticas pedagógicas na Educação Física escolar - Parte I” e “#07 Inovação das práticas pedagógicas na Educação Física escolar - Parte II”.

No formato solo, que consideramos de caráter formativo-informativo, a ideia era transmitir alguma informação ao ouvinte. Se os podcasts em si já lembram muito os programas de rádio, este formato é ainda mais próximo desse modelo.

Nos episódios em que optamos por este formato houve a necessidade de construção de um roteiro, que foi narrado e posteriormente incrementado com efeitos sonoros de transição e músicas de fundo. Foram os casos dos episódios “#00 EDUFISICAST - A origem”, que foi o episódio introdutório, “#01 Educação Física escolar, de onde vem? Onde vive? Do que se alimenta?”, #02 Educação Física Escolar, Especificidade e Currículo” e o episódio “#03 Hierarquia das disciplinas escolares e o status da Educação Física”<sup>7</sup>.

Tecnicamente é um formato mais simples, porém é necessário um bom autoconhecimento antes de optar por gravar este tipo de formato. Isso porque será apenas o apresentador e o microfone, então, parte da dinâmica de falas como acontece nos episódios de entrevista e debate, se perde. Entretanto, a edição desse tipo de programa é mais simples já que o roteiro pode traçar ou prever todo o caminho a ser percorrido neste tipo de episódio. Além disso, não há preocupações com agenda de convidados ou equipamentos mais avançados de gravação para captar os áudios dos entrevistados em trilhas separadas. Para o apresentador ao abordar temas específicos, é possível ter a oportunidade de se tornar referência em determinado assunto, construindo assim uma identidade ou marca pessoal.

---

<sup>6</sup> Termo que traduzido do inglês pode significar hospedeiro ou anfitrião denominando a pessoa que apresenta os episódios, que dirige as ações ou faz o papel de apresentador principal.

<sup>7</sup> Os roteiros/planejamentos de cada episódio estão disponibilizados nos Apêndices.

### 2.3.4 Periodicidade

Associação Brasileira de Podcasters realiza periodicamente uma pesquisa intitulada PodPesquisa com a intenção de conhecer a comunidade e o ouvinte de Podcast no Brasil. Na PodPesquisa de 2014, houve a pergunta: “Com que frequência um podcast deveria ser publicado?” e os resultados apontaram que os ouvintes de podcast no Brasil preferem programas semanais, os quais eles ouvem por oito horas em média toda semana (LOPES, 2015).

Como já dito anteriormente uma das características de um podcast que o diferencia de qualquer outra atração em áudio na internet é o fato de ele poder ser assinado e recebido automaticamente através do feed. Ou seja, o ouvinte é, antes de tudo, um assinante: ele pode optar por receber as atualizações do seu programa no seu agregador preferido, tão logo um novo episódio seja publicado. Mesmo aqueles que não usam feed e fazem download direto no site se programam através da frequência de publicação de cada podcast.

Assim, a definição da periodicidade do podcast é a primeira manifestação de consideração e respeito de um produtor de conteúdo para com seu público. Além disso, definir a frequência de publicação dos programas é essencial para que todo o processo de produção abordado até aqui seja aplicado na preparação de cada episódio: definir o tema, escolher os participantes e preparar a pauta. (LOPES, 2015, p.60)

Planejamos inicialmente para o EDUFISICAST, uma periodicidade ou frequência de publicação semanal de seus episódios, porém as gravações não puderam ser feitas seguindo a ordem planejada e houve atraso no cronograma. Publicamos praticamente todos os episódios ao mesmo tempo para a realização da avaliação do produto pelos professores.

### 2.4 Etapa 2 – Gravação

A produção de um podcast depende em grande parte da boa captação do áudio a ser editado. Nem sempre os softwares conseguem melhorar as gravações satisfatoriamente. Quanto melhor a qualidade obtida no ato da gravação melhor será o resultado final dos programas, ou seja, como se trata de uma atração em áudio quanto maior for a dedicação para conseguir uma captação sem interferências de

ruídos e um áudio mais limpo e em bom volume, melhor pode ser a experiência de escuta e satisfação da audiência além de, facilitar o trabalho de edição.

#### 2.4.1 Ambiente e equipamentos

O ambiente é o aspecto mais relevante a ser considerado inicialmente, para que se tenha uma boa captação de áudio. Em estúdios de gravação geralmente encontram paredes isoladas acusticamente com revestimentos de espuma ou outros materiais mais adequados.

[...] Para podcasts, o ideal seria gravar pelo menos em um cômodo isolado, preferencialmente pequeno e com pouca reverberação (eco). Entretanto, como a maioria dos podcasters grava em sua própria casa (e mais raramente em outros locais, como trabalho, escola ou em eventos), isso geralmente não é possível. [...] (LOPES, 2015, p.67)

Pensando nisso, para as gravações do EDUFISICAST, escolhemos um local mais tranquilo com o espaço necessário para receber convidados e onde pudéssemos montar uma estação de trabalho com o computador e os outros equipamentos.

Dependendo das condições e planejamento as gravações podem ser feitas de diferentes maneiras:

Existem basicamente três tipos de gravação possíveis: *Gravação presencial*: todos os participantes estão juntos em um mesmo ambiente. *Gravação remota*: todos os participantes estão em ambientes separados, sendo necessária a utilização de um aplicativo de conferência. *Gravação híbrida*: alguns participantes estão juntos e outros não, sendo necessário um setup que mescle os dois formatos anteriores. Independente do formato escolhido, a qualidade do áudio é resultado da combinação de vários fatores. (LOPES, 2015, 67)

No EDUFISICAST nos utilizamos das formas presencial e remota<sup>8</sup>. De sete episódios em que havia a participação de convidados quatro foram gravados presencialmente a três foram gravados remotamente.

Para a gravação remota utilizamos do aplicativo Skype que permite comunicação pela internet através de conexões de voz e vídeo de forma gratuita e

---

<sup>8</sup> Em virtude da pandemia de coronavírus e a distância de domicílio de alguns colegas professores participantes, a gravação dos três últimos episódios foram feitas no formato remoto.

com qualidade satisfatória. O áudio captado através do notebook foi enviado á uma mesa de som para captação em separado das falas do host/apresentador e dos demais participantes, o que ajudou a edição posterior.

Como recursos de gravação foram utilizados equipamentos pessoais e outros que adquirimos com recursos próprios, visando principalmente a melhor qualidade do áudio e também seu uso posterior numa possível continuidade do EDUFISICAST, conforme quadro abaixo:

*Quadro 1 – Lista de recursos materiais utilizados na produção*

Tipo	Quantidade
Notebook Dell Inspiron 15 5000 Series	01
Mesa de Som SoundCraft Signature 12MTK	01
Microfones AKG P3S	04
Cabos para Microfones XLR	04
Suporte articulado para microfone	03
Cabo USB para mesa de som	01
Cabe para microfones	03
Cabo de áudio P2/P10	02
Caixa de som JBL Flip 4	01

Fonte: o autor

Equipamentos adquiridos:

*Figura 3 – Mesa de Som SoundCraft Signature 12MTK*



Fonte: o autor

Figura 4 – Microfone AKG P3S

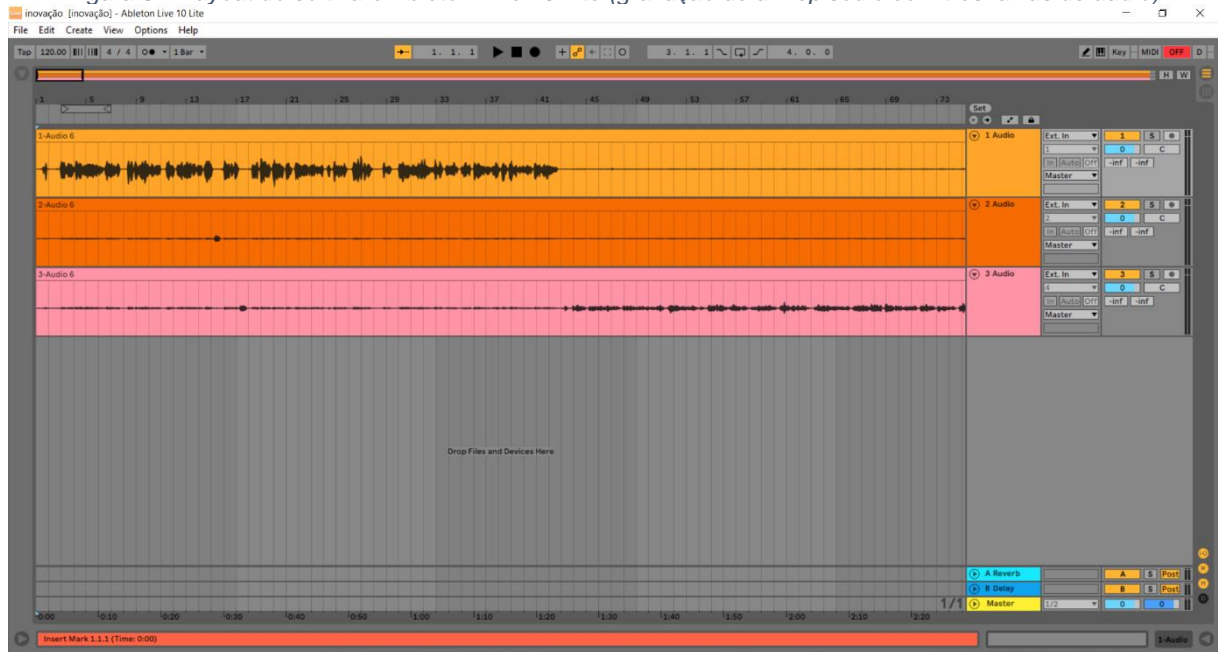


Fonte: o autor

É preciso salientar aqui que a utilização desses equipamentos foi uma opção nossa, pois é possível produzir podcasts de forma muito mais simples com menos equipamentos. Prova disso foi a produção do episódio inicial #00 - “#00 EDUFISICAST - A origem” feito apenas com o notebook e seu microfone acoplado, além de um software de edição de áudio. Há várias configurações possíveis sem custo algum ou a baixo custo.

O software para gravação é algo que depende do tipo de gravação se presencial, remota ou híbrida, e também do planejamento dos episódios (número de participantes principalmente).

Figura 5 – Layout do software Ableton Live 10 Lite (gravação de um episódio com três faixas de áudio)



Fonte: o autor

Optamos por utilizar um software com capacidade de gravação em multitrack<sup>9</sup>, o Ableton Live 10 Lite. Captar cada áudio separadamente é o método mais usado por profissionais de áudio, uma vez que cada faixa pode ser devidamente tratada e trabalhada.

Ao finalizar a gravação esse software gera arquivos em MP3<sup>10</sup> que utilizamos para a edição final dos episódios. “O formato mais usado para podcasts é o .MP3, em 96 kbps ou 128 kbps, que garantem boa qualidade com tamanho razoável para armazenamento e transmissão via internet.” (LOPES, 2015, p.84).

O formato de áudio é importante pois tem relação com a demanda de espaço para armazenamento e levando-se em conta que o podcast pode ser hospedado numa plataforma grátis, a hospedagem e banda de tráfego podem ser bem reduzidas. O uso de outros formatos pode impactar na melhora da qualidade, mas não é algo tão significativo que possa ser percebido pela maioria dos ouvintes.

## **2.5 Etapa 3 – Edição**

A etapa de edição é onde acontece a seleção e divisão do áudio bruto em partes de acordo com o planejamento e objetivos de cada episódio e também a criatividade do editor.

O tempo gasto nessa fase depende esmero do editor, do estilo proposto, da linguagem e do ritmo do podcast. Porém de todas as etapas que envolvem a produção de um podcast, a edição é sem dúvida a mais trabalhosa e demorada.

Nesta etapa também é possível suprimir alguns tipos de erros da gravação, emendando frases, cortando gaguejadas, engasgadas, espaços em branco e vícios de linguagem e mudando a ordem de trechos inteiros, caso seja necessário.

---

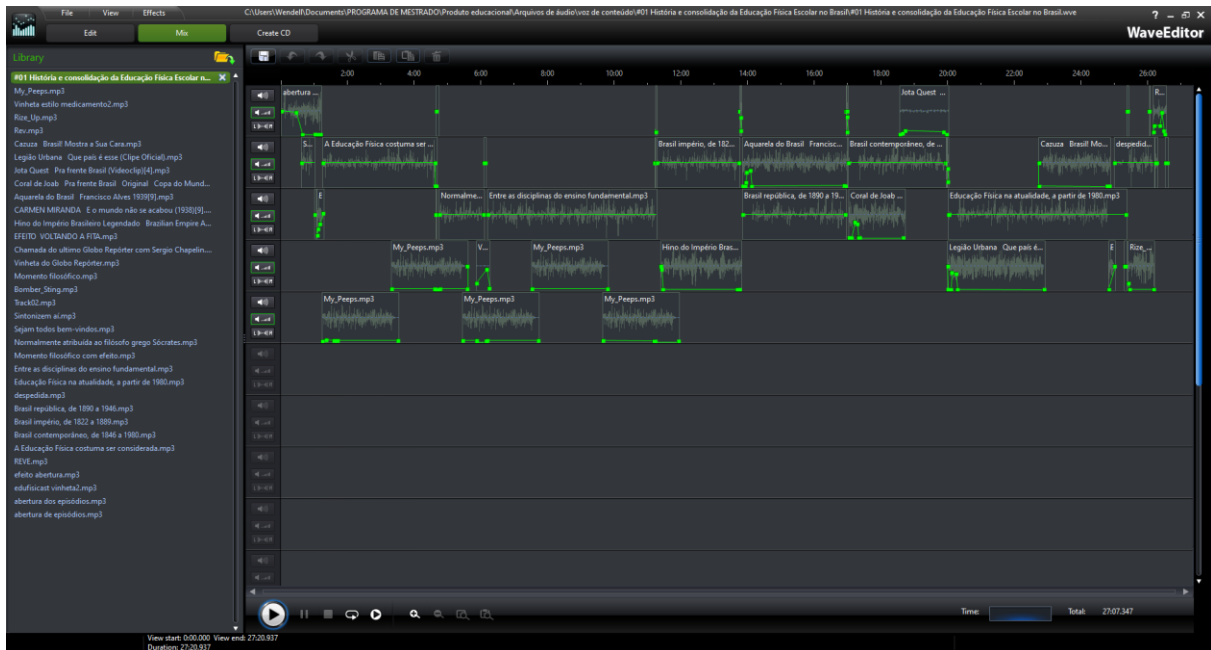
<sup>9</sup> Multitrack é o mesmo que multipista ou multicanal. É um recurso de gravação onde podemos gravar mais de uma faixa de áudio separadamente e simultaneamente. Esse recurso foi necessário nos programas com convidados, onde a voz de cada participante pode ser gravada em arquivos diferentes facilitando o trabalho de edição (correção de volume, retirada de ruídos, etc.).

<sup>10</sup> MP3 é um tipo de formato de áudio comprimido. A compressão remove frequências de áudio teoricamente imperceptíveis pelo ouvido humano, resultando em perda de qualidade, porém muitas vezes essa perda é realmente imperceptível.

Após esta “limpeza” da voz pode se incrementar o conteúdo com a sonorização do arquivo, ou seja, a inserção de músicas de fundo e outros elementos sonoros como vinhetas e efeitos utilizados no programa.

Na produção do EDUFISICAST escolhemos um software de edição chamado Cyberlink Wave Editor. Este software não é profissional, mas traz recursos bastante úteis para a finalidade da edição de podcasts apresentando a edição em multipistas, onde podemos acompanhar o áudio mixado na linha do tempo do projeto, visualizando cada evento em uma pista separada. Isso permite que qualquer elemento possa ser alterado a qualquer momento, sem comprometer o restante do trabalho como um todo.

Figura 6 – Layout Wave Editor



Fonte: o autor

## 2.6 Etapa 4 – Publicação

Assim como explicamos na etapa de produção, quando falamos sobre hospedagem, o podcast precisa ser publicado em algum lugar na internet para poder existir e ser acessado e ouvido. O EDUFISICAST foi hospedado no serviço de hospedagem Podbean que gera automaticamente um domínio próprio para o site do podcast.

Simplificadamente um domínio de internet pode ser entendido como sendo um conjunto de caracteres que você coloca no navegador para encontrar um site na internet. No nosso caso [edufisicast.podbean.com](https://edufisicast.podbean.com) (<https://edufisicast.podbean.com>). Este conjunto de caracteres funciona como um ponto de referência, um endereço para que todas as pessoas encontrem o seu site na internet. Por isso ele é tão importante. Na figura 7 é possível ver a página criado pelo Podbean para a exibição do EDUFISICAST.

Figura 7 – Imagem do site EDUFISICAST



Fonte: o autor

Para que o podcast seja ouvido, os ouvintes podem entrar diretamente no site, localizar o player do podcast na postagem e optar por ouvir ou fazer o download diretamente.

Um endereço de feed RSS também é necessário para informar aos agregadores da existência do programa, assim como da atualização sempre que um novo episódio for publicado. De posse do endereço do feed, os ouvintes podem optar por assinar o programa no agregador de sua preferência.

O feed RSS é na verdade um arquivo de extensão .XML, cujo código é criado a partir da estrutura das suas postagens, com campos específicos, como título do episódio, tempo de duração, data de publicação, nome do autor, etc. Esses campos são interpretados pelos agregadores para formar o catálogo do seu programa e exibir essas informações aos ouvintes. (LOPES, 2015, p.107)

O feed do EDUFISICAST, que pode ser compartilhado, foi construído da seguinte forma <https://feed.podbean.com/edufisicast/feed.xml>.

Após a criação do site e inserção dos primeiros episódios passamos a fase de distribuição, o feed RSS será extremamente importante.

## **2.7 Etapa 5 – Distribuição**

A alma da distribuição de um podcast é o RSS, arquivo com informações sobre os programas que tem a mesma função das fichas de catalogação de livros em bibliotecas. O RSS carrega informações como o título da obra, sua descrição detalhada e informações sobre os episódios.

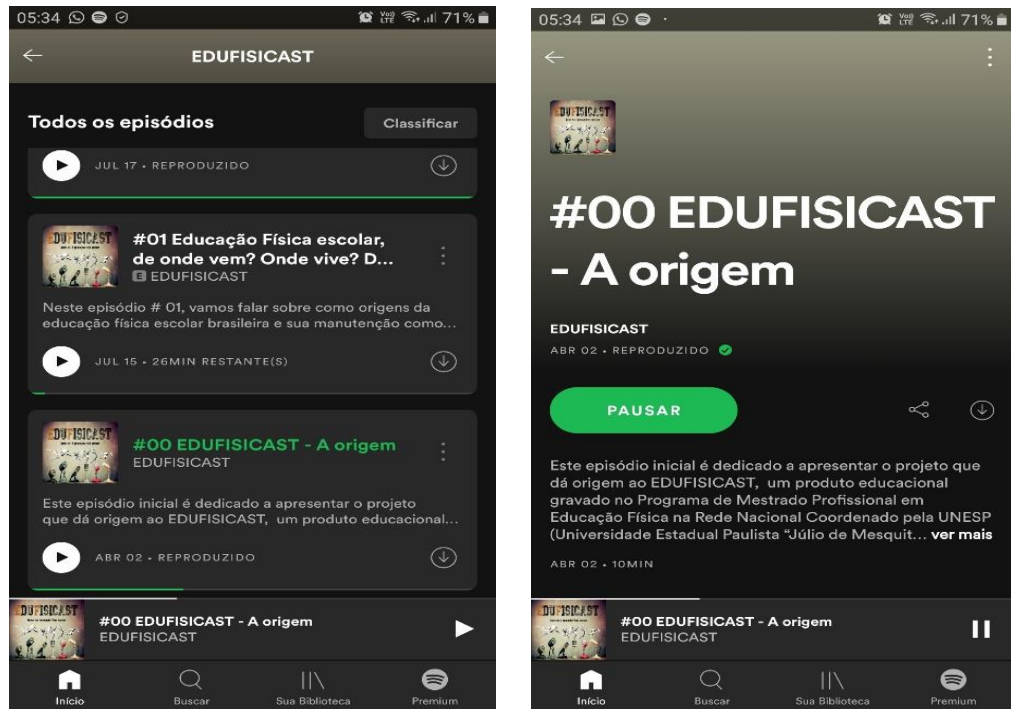
As informações ajudam o ouvinte a decidir se é isso mesmo o que ele quer ouvir antes de fazer o download do arquivo. Para isso, além de divulgar amplamente o feed do programa, é importante disponibilizá-lo nos principais agregadores<sup>11</sup>. Como já explicamos anteriormente a maioria desses agregadores requer a utilização de outro site ou aplicativo capaz de, primeiramente, hospedar o podcast. Sem hospedar o áudio em alguma plataforma própria para isso, não é possível compartilhá-lo no agregador de podcast, tampouco nas redes sociais. Assim criar perfis e páginas nas redes sociais e se esforçar para ampliar a rede de relacionamentos também é importante para o sucesso do acesso ao podcast e conquista de novos ouvintes. As redes sociais são uma ferramenta bastante útil para a socialização com a podosfera em geral.

Além do site e o aplicativo Podbean, buscamos inscrever o EDUFISICAST nos principais agregadores do Brasil atualmente como o Spotify, Podcast Addict, Google Podcasts, Apple Podcasts, Castbox e Deezer, que segunda a PodPesquisa 2019, estão entre os 10 agregadores mais utilizados. Assim aumenta a possibilidade de alcance dos ouvintes em qualquer lugar do mundo. Estes agregadores apresentam players de áudio muito intuitivos e de fácil usabilidade. Na figura 8 vemos como o EDUFISICAST aparece no layout do app Spotify.

---

<sup>11</sup> Agregadores de podcast são aplicativos e/ou sites que armazenam e transmitem arquivos de áudio. Eles permitem que o usuário consiga acessar, ouvir e baixar o podcast seja no computador ou smartphone.

Figura 8 – Visão do EDUFISICAST no Aplicativo Spotify



Fonte: o autor

## **CAPÍTULO 3 – AVALIAÇÃO DO PRODUTO: COLOCANDO O EDUFISICAST À PROVA**

### **3.1 Da pesquisa avaliativa**

Com o intuito de avaliar nosso produto EDUFISICAST, preparamos um questionário utilizando o Google Formulários. Nesse questionário foi possível coletar dados sobre o perfil dos respondentes, conhecer seus hábitos e preferências de uso de podcasts e a opinião dos professores alvo da pesquisa sobre conteúdo e forma do EDUFISICAST.

Seguindo nossos objetivos o questionário foi direcionado para professores de Educação Física ou de outras áreas, atuantes na Educação Básica, em qualquer rede de ensino (pública ou privada). Os professores que estivessem dentro desse perfil e ainda cumprissem com o requisito de ter ouvido um ou mais episódios poderiam responder o questionário.

O objetivo principal da pesquisa era avaliar sua receptividade, seu conteúdo, sua linguagem e sua viabilidade como canal de formação e informação. O EDUFISICAST foi apresentado como um podcast que discute as problemáticas da Educação Física escolar abordando questões relativas à cultura escolar e legitimação da Educação Física tentando ainda apontar perspectivas de superação das problemáticas e de inovação das práticas pedagógicas. É possível conferir o questionário no Apêndice 8.

### **3.2 Divulgação da pesquisa e período de avaliação**

Como principais meios de divulgação da pesquisa foram utilizados aplicativos de redes sociais como o Facebook, o Instagram e o Whatsapp. No Whatsapp, foram acessados grupos de professores das redes de ensino estadual e municipal onde há grande número de participantes. Esse caminho facilitou o alcance de professores de Educação Física e de outras áreas também.

O questionário ficou disponível para envio de respostas durante quinze dias, do dia 21 de julho a 05 de agosto de 2020. Mesmo com um período curto de pesquisa houve uma participação satisfatória de professores.

Recebemos ao todo 104 questionários respondidos. Dos quais para efeito de análise utilizamos 97. Achamos necessário excluir seis questionários duplicados e um questionário por inadequação do perfil.

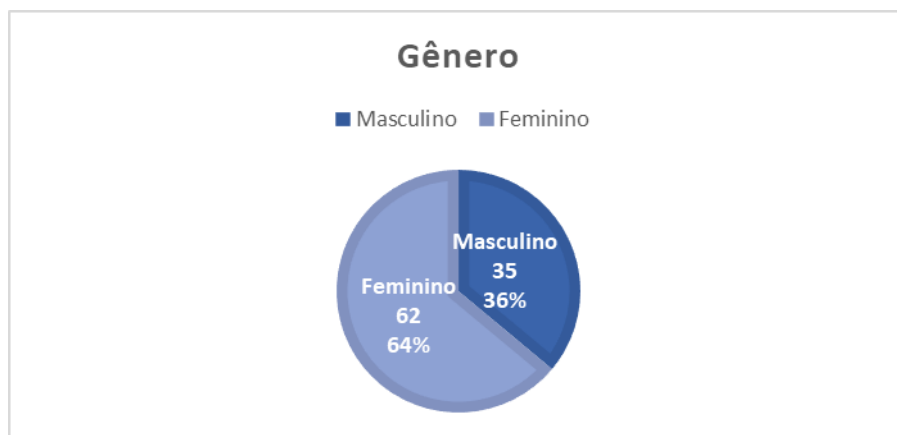
Critérios para exclusão de questionários:

1. Por duplicação das respostas (mesmo dia, proximidade de horário, respostas 100% idênticas em todas as questões)
2. Por perfil não intencionado (professor do ensino superior)

### 3.3 Perfil dos professores e professoras respondentes da pesquisa

Quem são os respondentes ou as respondentes da pesquisa? A análise de dados nos mostra que em sua maioria são do gênero feminino.

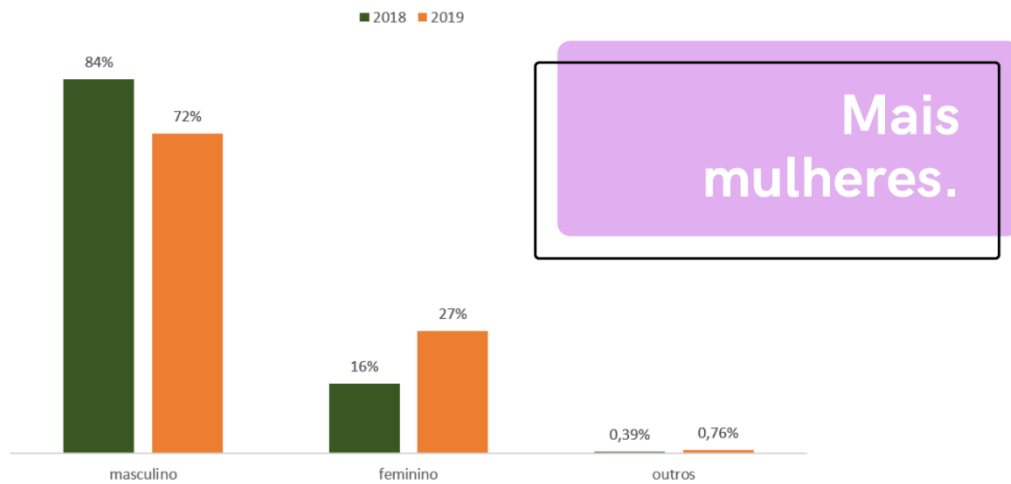
Gráfico 1 – Gênero dos respondentes da pesquisa



Fonte: o autor

Não é novidade que o gênero feminino domina o campo de trabalho na educação básica. Porém esse dado se torna relevante se compararmos a participação feminina de um modo geral na podosfera. A PodPesquisa (2019) mostra que o gênero masculino ainda é a grande maioria de ouvintes de podcast no Brasil. Porém a adesão feminina à podosfera tem aumentado significativamente. De 2018 para 2019 a diferença percentual entre o gênero masculino e o gênero feminino caiu em cerca de 11%, conforme o gráfico 2, diminuindo essa desigualdade entre os gêneros.

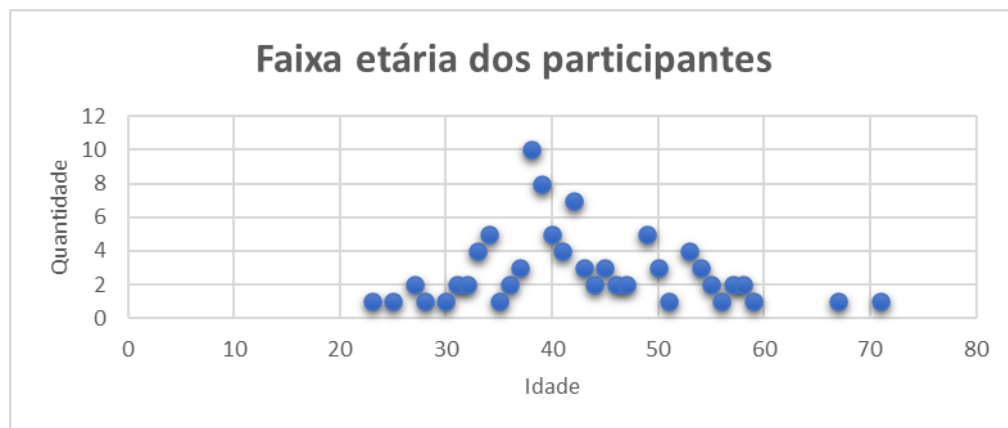
Gráfico 2 – Comparativo de gênero PodPesquisa 2019



Fonte: PodPesquisa 2019

A média de idade, entre os respondentes dos 97 questionários analisados, corresponde a 42 anos de idade.

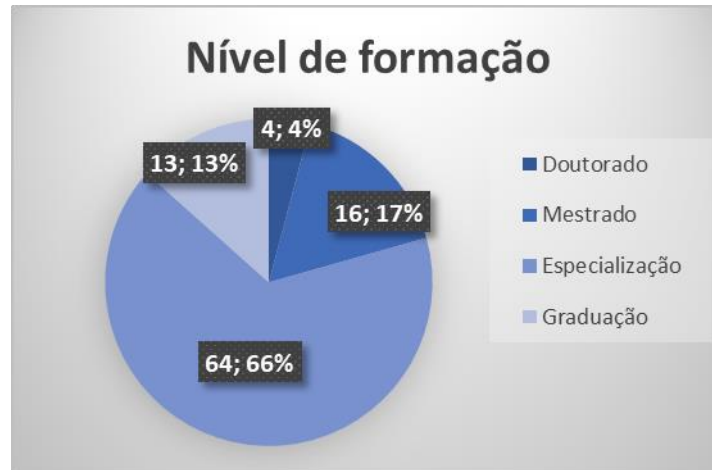
Gráfico 3 – Faixa etária dos participantes da pesquisa



Fonte: o autor

Na análise do nível de formação podemos constatar conforme o gráfico 4, que a grande maioria dos professores possui pós graduação sendo baixo o número de professores que possuem apenas graduação.

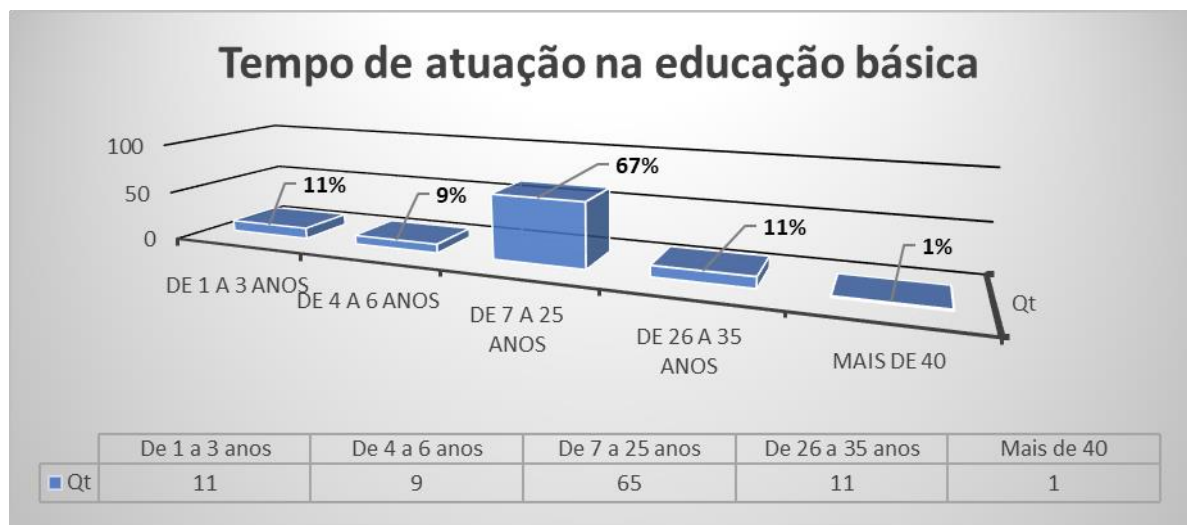
Gráfico 4 – Nível de formação dos participantes da pesquisa



Fonte: o autor

Quanto ao tempo de atuação na educação básica consideramos os estudos de Huberman (2007) como parâmetro para analisar a fase da carreira ou ciclo de vida profissional dos professores. Notamos que a grande maioria dos professores se encontra na faixa dos 7 a 25 anos de atuação na educação básica, se enquadrando na Fase de Diversificação. Nesta fase segundo Huberman (2007), as pessoas lançam-se numa série de experiências pessoais, diversificando o material didático, os modos de avaliação, a forma de agrupar os alunos, as sequências do programa de ensino e etc., tentativas de diversificar a gestão das aulas.

Gráfico 5 – Tempo de atuação na educação básica



Fonte: o autor

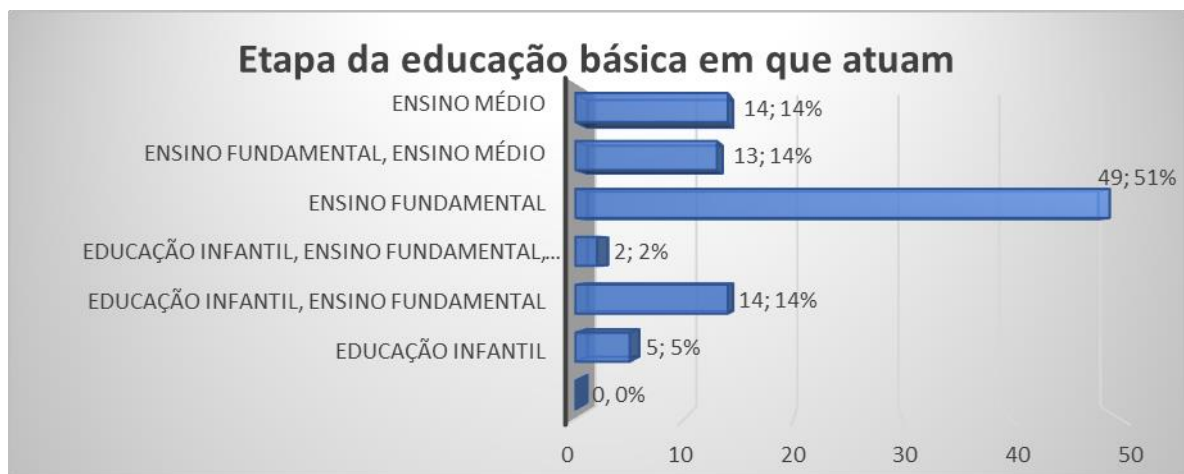
Os professores respondentes quase que na totalidade trabalham em redes públicas de ensino, municipal e estadual. Em sua grande maioria atuam no ensino fundamental.

Gráfico 6 – Porcentagem de professores por rede de ensino



Fonte: o autor

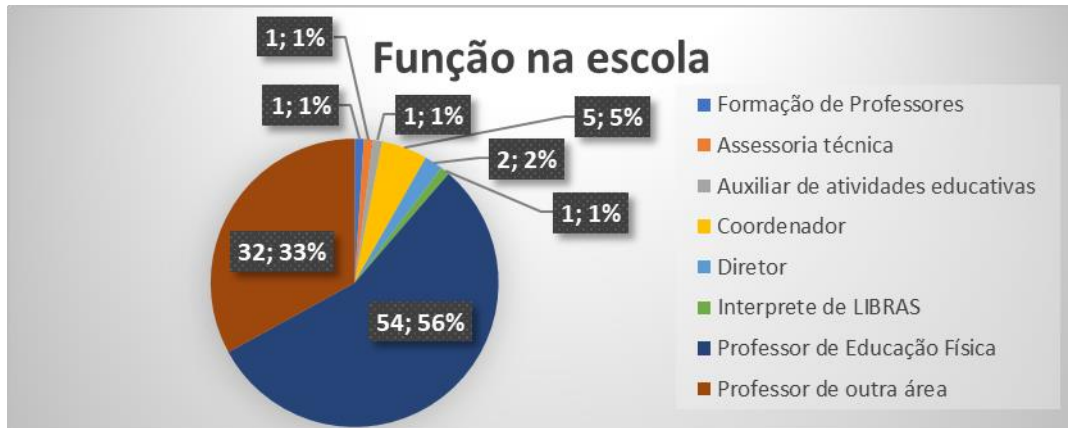
Gráfico 7 – Porcentagem de professores por fase de ensino



Fonte: o autor

Tivemos uma participação bastante diversificada no que diz respeito as funções desempenhadas pelos professores respondentes. Chama atenção a boa participação de professores de outras áreas, além da área da Educação Física, e de professores que desempenham funções de gestão na escola. Público este que o produto e a pesquisa pretendiam atingir.

Gráfico 8 – Função dos participantes na escola



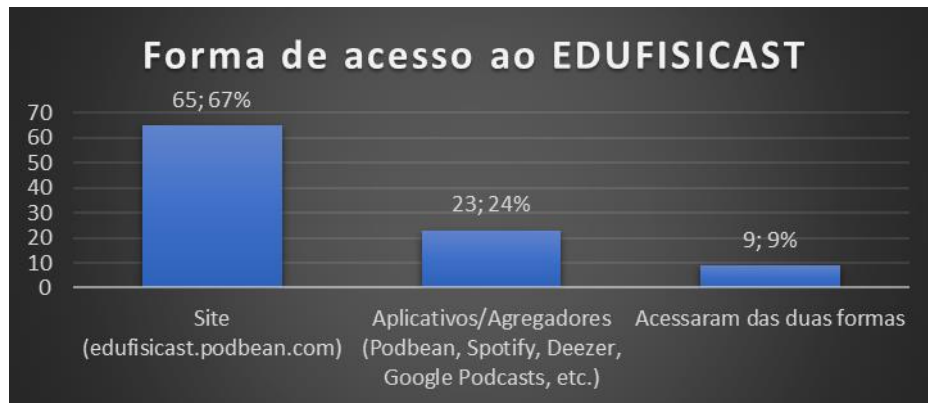
Fonte: o autor

### 3.4 Conhecimento e uso da mídia Podcast

Como nossos respondentes ouviram nosso podcast? Houve tendência de acesso ao EDUFISICAST através do site. Fato que talvez se explique por que na divulgação da pesquisa de avaliação houve a indicação do domínio do site. Deixamos a utilização de aplicativos agregadores a critério dos professores respondentes, já que o gosto por aplicativos é bastante pessoal.

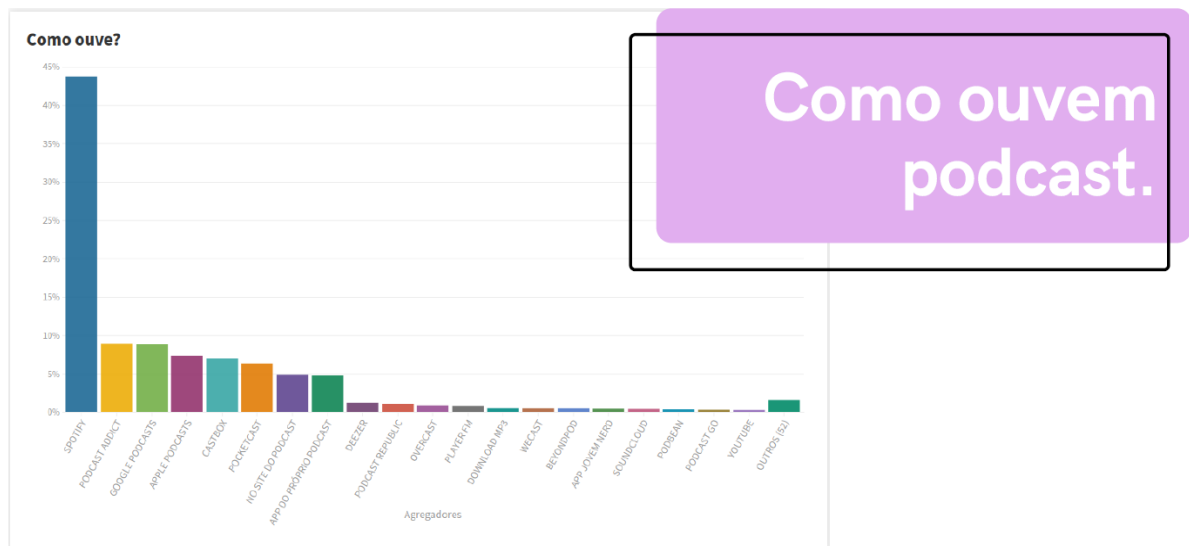
Talvez daí, o maior número de acessos através do site citado pelos respondentes no questionário de pesquisa. O que se comparado ao público geral de ouvintes de podcast contraria a tendência na forma de acesso aos podcasts. É o que demonstram os gráficos 9 e 10, onde podemos comparar a forma de acesso dos respondentes da nossa pesquisa e a forma de acesso verificada na PodPesquisa (2019), onde a maioria das pessoas usam aplicativos agregadores de podcasts para acessar os episódios de seu interesse. Destaca-se entre eles o Spotify, aplicativo em que o EDUFISICAST também estava disponível.

Gráfico 9 Acesso através dos meios disponibilizados



Fonte: o autor

Gráfico 10 – Principais Formas de acesso de podcast no Brasil



Fonte: PodPesquisa 2019

### 3.5 Opiniões sobre o EDUFISICAST

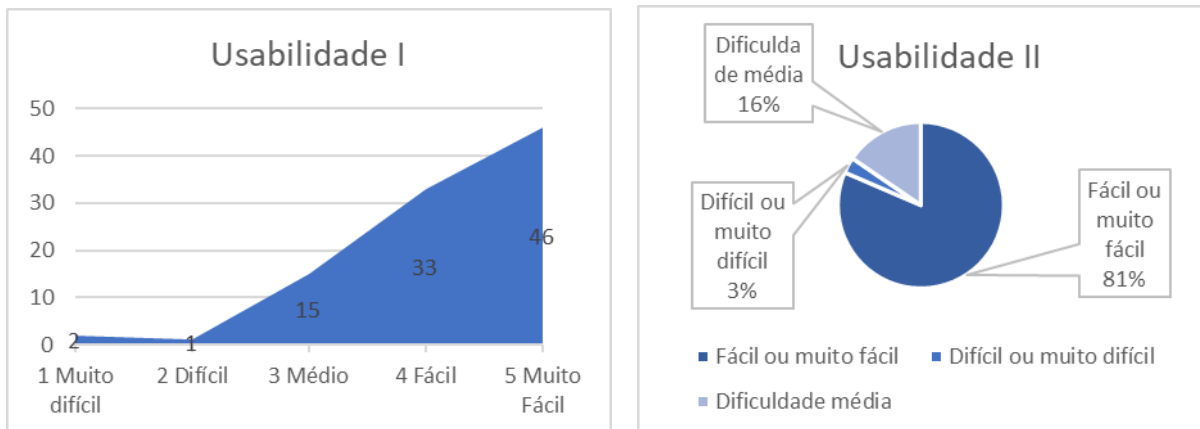
Analisando mais detidamente agora o EDUFISICAST, destacaremos os seguintes pontos: a usabilidade, o formato de linguagem, a duração dos episódios e a qualidade do conteúdo dos episódios.

Quanto a usabilidade a pesquisa avaliativa foi bastante positiva. Usabilidade é o termo utilizado para se referir à facilidade com que os usuários lidam com uma ferramenta. Em outras palavras, é a maneira com a qual um dispositivo ou

funcionalidade tecnológica é aplicado para o cumprimento de seu objetivo (PATEL, 2020)

Entre os respondentes mais de 80% disseram ter sido fácil ou muito fácil acessar o EDUFISICAST e utilizar os recursos para ouvir os episódios. É que podemos verificar nos gráficos 11 e 12. Demonstrando que esse tipo de mídia não oferece complexidade de uso para os ouvintes.

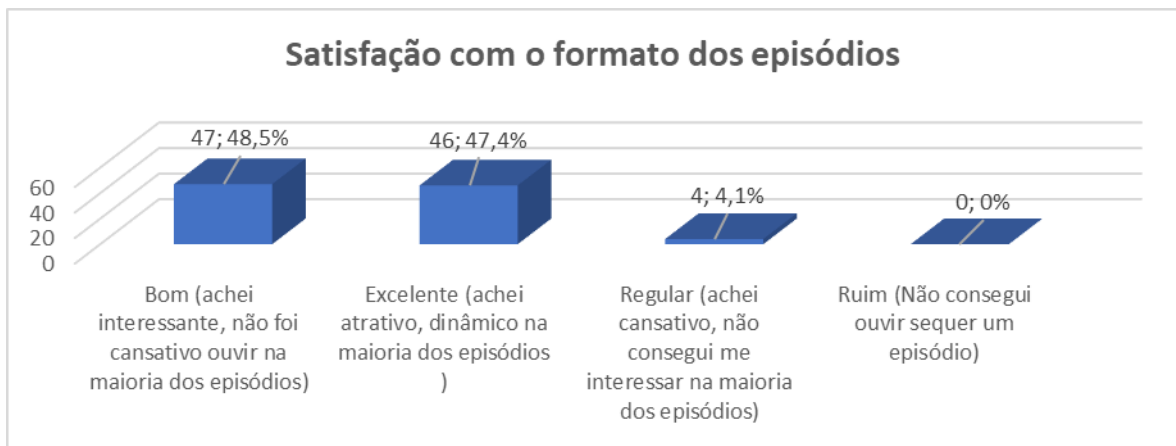
Gráficos 11 e 12 – Avaliação da Usabilidade do EDUFISICAST



Fonte: o autor

Sobre o formato do EDUFISICAST, mais de 90% dos respondentes apresentaram opinião positiva quanto a dinâmica e ao interesse nos episódios ouvidos.

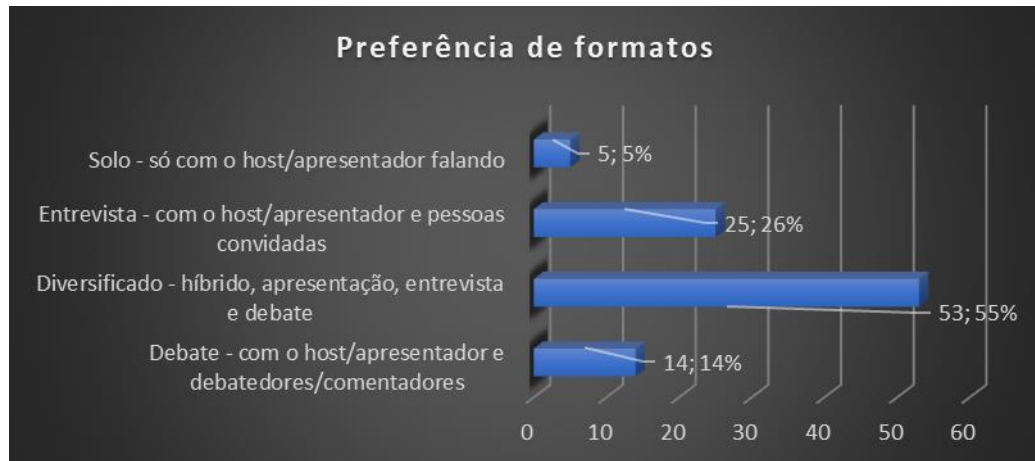
Gráfico 13 – Avaliação do formato/linguagem do EDUFISICAST



Fonte: o autor

O resultado é coerente com a preferência de formatos da maioria dos professores respondentes.

Gráfico 14 – Preferência dos participantes por formatos de podcast



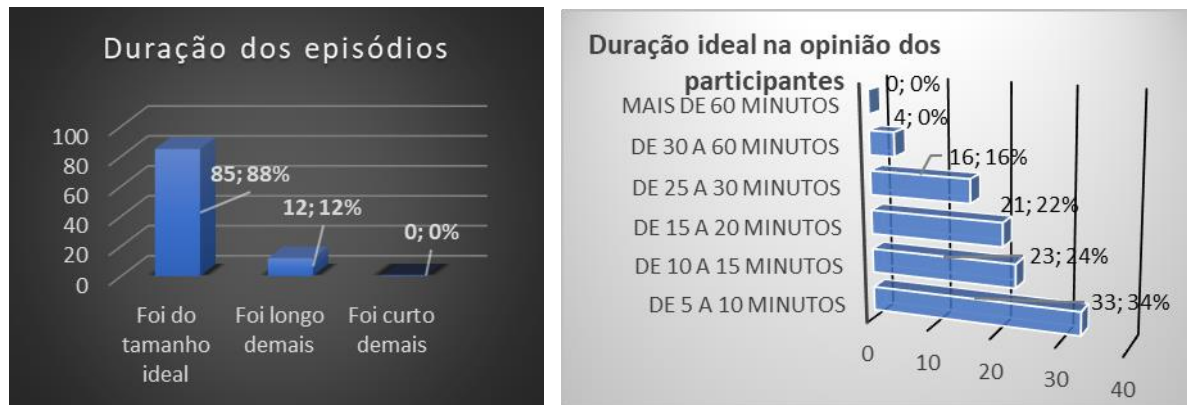
Fonte: o autor

Na produção dos episódios buscamos diversificar os formatos exatamente com o objetivo de torná-los atrativos e com uma narrativa o mais dinâmica possível dentro do estilo desenvolvido nas apresentações. Lembramos que no EDUFICAST usamos os formatos de programas solo de caráter informativo e episódios onde mesclamos os formatos entrevista e debate.

Quanto a duração dos episódios tivemos em média trinta minutos em cada episódio. Alguns mais, outros menos. Consideramos dividir episódios de conteúdo extenso em partes para que o interesse do ouvinte não fosse prejudicado. A duração é um fator de muita relevância na conquista de ouvintes em se tratando de podcasts.

Constatamos nesse quesito uma contradição na opinião dos professores respondentes da nossa pesquisa. Ao mesmo tempo em que a grande maioria considerou a duração dos episódios do EDUFICAST como ideal, quando questionados sobre a duração ideal de um episódio em sua opinião, a grande maioria respondeu que preferem episódios curtos. Grande parte, preferem episódios de até 20 minutos no máximo.

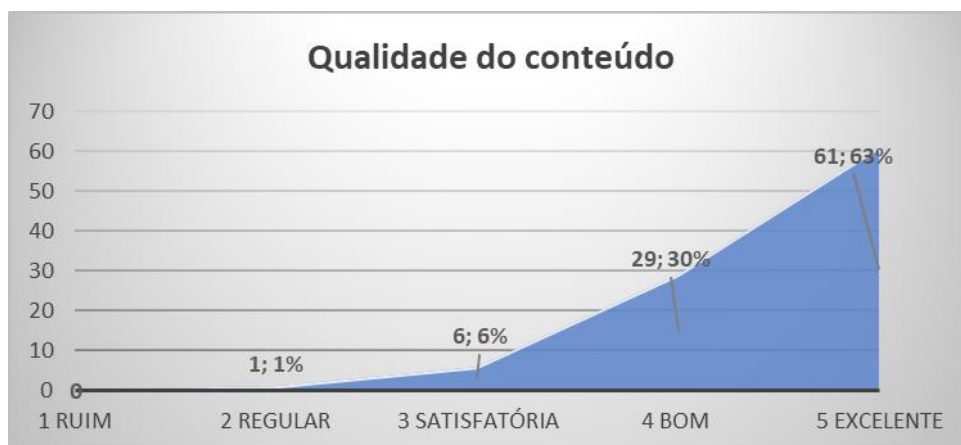
Gráfico 15 e 16 – Avaliação do tempo de duração dos episódios



Fonte: o autor

Quanto à qualidade do conteúdo dos episódios tivemos também um resultado muito positivo. Mais de 90% dos ouvintes e respondentes da pesquisa consideraram a qualidade do conteúdo boa ou excelente.

Gráfico 17 – Avaliação da qualidade do conteúdo dos episódios



Fonte: o autor

Quase na mesma proporção os temas e as discussões presentes nos episódios foram considerados por mais de 90% dos ouvintes e respondentes como importantes ou essenciais

Gráfico 18 – Avaliação da relevância dos temas abordados



Fonte: o autor

Esses dados nos sugerem que o trabalho de pesquisa bibliográfica feito para subsidiar os conteúdos dos episódios foi avaliado muito positivamente.

### 3.6 Potencial retenção de ouvintes

Pela avaliação observamos que tanto entre os professores de Educação Física quanto os professores de outras áreas estão propensos a continuar sua audiência no produto que apresentamos. Quando perguntados se numa provável continuação dos episódios seriam seguidores, ou seja, ouvintes do EDUFISICAST, não houve respostas que negassem a possibilidade. Entre provavelmente e com certeza sim, obtivemos mais de 90% de possibilidade retenção de ouvintes.

Gráfico 19 – Avaliação do potencial de retenção de ouvintes



Fonte: o autor

### 3.7 Temas sugeridos

Como último item da pesquisa foi perguntado aos professores respondentes, quais temas gostaria que fossem discutidos em novos episódios? Este item não era obrigatório portanto, o número de sugestões não corresponde ao número de participantes, pois alguns professores não deram sugestões.

No quadro abaixo é possível ver os temas sugeridos na íntegra.

*Quadro 2 – Lista de temas para novos episódios sugeridos pelos professores respondentes.*

TEMAS SUGERIDOS PARA NOVOS EPISÓDIOS
Interesse e obrigatoriedade nas aulas de Educação Física.
A saúde do trabalhador e sua automação do dia.
Competição, jogos e as aulas de Educação Física.
Ensino do Esporte. Ensino da Dança.
Educação Física na Educação Infantil.
Conteúdos.
Educação Inclusiva; tecnologias e Educação Física; relatos de experiência.
Práticas pedagógicas da EF escolar.
Avaliação nas aulas de Educação Física, Formação Inicial, Formação Continuada, Importância do diálogo e parcerias das escolas com às instituições de ensino superior, tecnologia e Educação Física, mídia e Educação Física, Educação Física escolar e as metodologias ativas, políticas públicas e Educação Física escolar, Educação Física na BNCC, entre outros.
Tecnologias da informação e perspectivas, EF e EaD
Educação Física e a família.
BNCC.
Esporte escolar.
O ensino dos temas da CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO, Livro didático na Educação Física.
Acredito que episódios em que houvesse trocas de experiências do que está sendo realizado pelos professores de Educação Física nas escolas. Como no episódio 6 em que o professor Wendell e a Kelly deram algumas dicas importantes de como trabalham determinados conteúdos da EF na escola.
Como fazer a atividade física se torna um hábito na vida dos estudantes?
Educação física e interdisciplinaridades.

Temas com as demais disciplinas escolares A realidade escolar, o cotidiano dos alunos. Temas práticos, projetos escolares. Uma escola dinâmica nos novos episódios.
Especificidade e Currículo.
Atividades físicas ligadas ao emocional.
Integração da Educação Física com outras disciplinas.
Superando as dificuldades.
Dificuldades de aprendizagem. Diversidade cultural e de gênero. Cultura afro-brasileira.
Dar ênfase não apenas no corpo, mas sim no corpo e mente.
As famílias e o trabalho do professor de Ed. Física.
Educação Física e o ensino na alfabetização.
O ensino do esporte no contexto escolar; O trato da Educação Física no Ensino Infantil: limites e possibilidades; A organização do conhecimento da Educação Física no contexto escolar tendo em vista a estruturação verticalizada de um currículo de conteúdos da Cultura Corporal de movimento.
Sedentarismo e saúde.
A interferência da pandemia no contexto da atividade física.
Retorno das aulas presenciais e vídeos aulas.
Lutas e capoeira.
A inclusão do professor de ed. Física nas escolas de ed. Infantil de 4 e 5 anos (CMEI).
A Educação Física como Severino na Escola.
Específicos: jogos, ginástica, esportes, etc.
Assuntos de todas as naturezas pedagógicas para acesso de todas as disciplinas e áreas de conhecimento seriam de muita valia para todos os níveis de educação e complemento de material para as escolas.
Reflexão dos alunos sobre as aulas de Educação Física.
Práticas corporais de aventura.
Possibilidades metodológicas para o ensino da Educação Física na educação infantil.
Educação ambiental.
Saúde.
A realidade das várias Educação Física escolar, diferença entre as redes públicas e privadas.
Experiências diversas dos professores frente às práticas corporais.
O desafio de realizar um processo avaliativo coerente da disciplina de Educação Física, mediante o quantitativo de aulas reduzidos.

As razões para a extinção da EF no ensino médio e infantil e base nacional curricular
Temas transversais: violência, gênero, racismo, empreendedorismo, novas tecnologias, meio ambiente.
A importância de exercícios físicos para concentração em sala de aula
Como desenvolver o trabalho físico corporal na Educação Infantil?
Educação Física escolar.
A atividade física após os 30 anos.
Educação especial.
Indisciplina no ambiente escolar e seus desafios.
A volta às aulas presenciais na rede pública brasileira em tempos de Pandemia, somente ocorrerá com a vacina.
Avaliação, tecnologia na educação.
BNCC ensino médio e o novo normal. Como será a nova realidade da Educação Física?

Fonte: o autor

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira indicação trazida por este estudo é a de que a discussão sobre a valorização e legitimação da Educação Física escolar, embora seja um tema já consolidado no âmbito acadêmico, ainda carece de estudos no campo do trabalho, no chão da escola, dentro da cultura escolar. Os professores e suas práticas pedagógicas na escola, ainda não conseguiram superar as barreiras do sistema de ensino, do modelo de escola vigente, que não colaboram com a especificidade do ensino da Educação Física escolar.

Como vimos, mesmo a Educação Física estando entre as disciplinas da educação básica que mais sofreu modificações nos últimos tempos, desde mudanças na pedagogia quanto na legislação educacional, ela ainda luta por reconhecimento.

Temos trabalhado com a noção de que a educação física, tradicionalmente, pouco tem sido pensada dentro de um projeto educacional pautado pela ideia da "leitura do mundo". Diversos estudos em nossa área têm revelado que originalmente a EF entra na escola com o claro propósito de preparação do corpo e/ou, por meio do corpo, do caráter. Ainda tem mantido um sentido periférico e autônomo com respeito aos projetos escolares, atendendo, geralmente, a interesses de outras instituições. Longe, assim, do que podemos considerar um componente curricular no sentido de matéria escolar. (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2010, p.12)

Na especificidade de seus conteúdos a Educação Física traz um rol de conhecimentos que, organizados e sistematizados, devem proporcionar ao aluno uma reflexão acerca de uma dimensão da cultura, a cultura corporal de movimento, que aliada a outros elementos curriculares da escola, visa contribuir com a formação cultural do aluno. Na condição de componente curricular tem como finalidade formar indivíduos dotados de capacidade crítica em condições de agir autonomamente na esfera da cultura corporal de movimento e auxiliar na formação de sujeitos políticos, munindo-os de ferramentas que auxiliem no exercício da cidadania (GONZÁLES; FENSTERSEIFER, 2010, p.12).

Como professores cabe-nos também, como apontam Betti e Zuliani (2002, p.80), nos fundamentar teoricamente para justificar à comunidade escolar e à própria sociedade, o que já sabemos fazer, e estreitando a teoria e prática pedagógica, inovar, experimentar novos modelos, estratégias, metodologias, conteúdos, para que

a Educação Física siga contribuindo para a formação integral das crianças e jovens e para a apropriação crítica da cultura contemporânea.

A busca por reconhecimento que pode ser alcançada pelos professores, principalmente os inovadores, em seus contextos escolares pode conceber uma identidade profissional positiva.

No que diz respeito especificamente ao componente curricular EF, pode-se perceber um grande esforço dos professores para sua maior valorização, tarefa que busca ampliar os padrões de reconhecimento no imaginário social dos agentes escolares. A condição de “segunda classe” da EF na escola implica que a luta por reconhecimento se constitua num elemento fundamental da construção das identidades dos professores da área, uma vez que o sentido de “ser” professor de EF tem uma relação estreita com as condições de reconhecimento da área/disciplina na escola. (FARIA; MACHADO; BRACHT, 2012, p.128)

Como nos indicam os estudos de Guimarães (2008) e Gariglio (1998), há espaços para disputas e não há uma hierarquia consolidada em todas as escolas ou fases de ensino. A Educação Física muitas vezes considerada sem status no tradicional currículo, pode reverter essa situação de disciplina de segunda classe. Muitas vezes a legitimidade de uma disciplina se constrói não apenas por imposições sociais externas, mas na mediação com o espaço escolar que é influenciado por interesses dos sujeitos pedagógicos, pela estrutura e a rotina da escola, entre outros fatores.

[...], fica a indicação de que temos uma luta diária a ser travada. Parece-me que essa luta é muito particular de cada comunidade escolar, mas, partindo do pressuposto de que o currículo é um espaço de lutas, conflitos, alianças e também de possíveis inovações, portanto um espaço que pode romper com tradições, precisamos estar constantemente refletindo sobre a posição desejada por nós para a Educação Física. (GUIMARÃES, 2008, p.288)

Seria preciso então, investir em ações e reflexões acreditando numa escola comprometida não só apenas com o ensino para o trabalho, mas, uma escola que promova encontros de culturas, que seja produtora de cultura e que não reduza a educação ao ensino. Uma escola que seja fértil na intenção do surgimento de um ser humano livre, crítico e criativo, capaz de reconhecer em seus movimentos, na sua ludicidade, na sua saúde, os vários aspectos da cultura corporal.

Neste estudo buscamos então um instrumento para colaborar na com a luta por reconhecimento. Optamos por construir o EDUFISICAST como um instrumento

de valor formativo e informativo que fosse de fácil acesso aos professores de Educação Física e toda a comunidade escolar. Pensando nisso escolhemos como produto final a elaboração de um Podcast sobre Educação Física escolar e suas problemáticas sendo um veículo de formação e instrução que pode nos ajudar a atingir os objetivos propostos neste trabalho.

Visto que os podcasts no Brasil estão, aos poucos, ganhando espaço diante de grupos ignorados ou subestimados pela mídia de massa tradicional. A penetração vem sendo cada vez maior, mesmo contando com a grande maioria dos programas sendo feitos a partir de iniciativas pessoais.

O acesso à comunicação de setores marginalizados pela mídia de massa reforça a percepção da democratização da informação existente no podcast brasileiro, tornando cada programa, aos olhos dos ouvintes e dos próprios podcasters, responsável por exercer uma certa “militância” na defesa dessa mídia e de sua importância perante a sociedade.

Vimos, pelos resultados apresentados na avaliação, que o podcast pode ser uma mídia com potencial de alargar o alcance dos conhecimentos sobre Educação Física escolar. Alcançar professores e professoras que estão na escola, afastados do meio acadêmico, afrentando as dificuldades da formação continuada impostas pelas condições de trabalho.

A apropriação das técnicas de produção desse tipo de mídia pode, também, alargar o alcance da voz dos professores em relação ao ensino da Educação Física escolar. Contribuindo para a afirmação do conhecimento sobre o conteúdo curricular, diminuindo sua invisibilidade dentro da escola.

Por fim, cabe ressaltar que este estudo apresenta limites, e pretendia discutir as problemáticas da Educação Física escolar e uma possível utilização de instrumento formativo e informativo, o podcast como facilitador dessa discussão. Mais pesquisas são necessárias sobre o assunto em questão, tendo em vista a natureza da mídia educação.

## REFERÊNCIAS

- BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento. 1991.
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. **Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.1, n.1, p. 73- 81, 2002.
- BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social**. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento?** In: SOUZA JÚNIOR, M. Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica. Recife: EDUPE, 2005. p. 97-106.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996.
- \_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF 1997.
- \_\_\_\_\_. Base Nacional Comum Curricular (**BNCC**). Brasília: MEC. 2017. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf)> Acesso 20 maio 2018
- BRECHT, Bertolt. **Elogio do Aprendizado**, in Poemas 1913 – 1956, São Paulo: Editora 34, 2000, p. 114.
- CARVALHO, Fernando Luiz Seixas Faria de. **O papel da educação física escolar representado por professores e professoras de outras disciplinas**. Dissertação de Mestrado 2006. Disponível em: <https://www.ufjf.br/ppge/files/2010/07/fernando-seixas.pdf>. Acesso em: 13/04/2020.
- CAPARROZ, F. E. **Entre a Educação Física da Escola e a Educação Física na Escola: a Educação Física como componente curricular**. Vitória: CEFD-UFES, 1997.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- COSTA, Amanda Luiza Aceituno da; PEREIRA, Vera Lucia; PALMA, Ângela Pereira Teixeira Victória. **O papel da Educação Física enquanto disciplina escolar**. In: IV CONPEF – jul. 2009.
- DARIDO, S. C. e RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2005.
- DARIDO, Suraya Cristina. **Educação física na escola: realidade, aspectos legais e possibilidades**. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de

formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 21-33, v. 16.

\_\_\_\_\_. **Diferentes Concepções sobre o Papel da Educação Física na Escola.** Caderno de formação - Formação de Professores Bloco 02 - Didática dos Conteúdos, vol. 6. São Paulo, Editora Cultura Acadêmica - 2012.

DEL-MASSO, Maria Candida Soares. **Percurso investigativo.** São Paulo: AVA Moodle Unesp [Edutec], 2018. Trata-se do texto 4 da disciplina 2 do curso Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Acesso restrito. Disponível em: <<https://edutec.unesp.br/moodle/>>. Acesso em: 24 set 2018.

DEL-MASSO, Maria Candida Soares; COTTA, Maria Amélia de Castro; SANTOS, Maria Aparecida Pereira. **Ética em pesquisa científica: conceitos e finalidades.** São Paulo: AVA Moodle Unesp [Edutec], 2018. Trata-se do texto 2 da disciplina 2 do curso Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Acesso restrito. Disponível em: <<https://edutec.unesp.br/moodle/>>. Acesso em: 09 set. 2018.

FARIA, B. A.; MACHADO, T. S.; BRACHT, V. **A inovação e o desenvolvimento pedagógico na Educação Física escolar: uma leitura a partir da teoria do reconhecimento social.** In Revista Motriz, Rio Claro, v. 18 n.1, p.120-129, jan./mar. 2012

FARIA, B. A.; BRACHT, V. **Cultura escolar, reconhecimento e educação física.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte. v. 36, n. 2, supl., p. S310-S323, abr./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/2135/1093>>. Acesso em: 06 mar. 2019.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **O que significa aprender no âmbito da cultura corporal de movimento?** Atos de Pesquisa em Educação - PPGE/ME FURB v. 7, n. 2, p. 320-328, mai./ago. 2012

FENSTERSEIFER, P. E.; GONZÁLEZ, F. J. **Desafios da legitimação da educação física na escola republicana.** Horizontes – Revista de Educação, Dourados, MS, v. 1, n. 2, p. 33-42, 2013. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/view/3163/1713>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, identidade e bom-mocismo — cotidiano de uma adolescência bem-comportada** / Alex Branco Fraga. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. (Coleção Trajetória, 3)

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. **Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação.** 2013. 338 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

\_\_\_\_\_. **Potenciais cooperativos do podcast escolar por uma perspectiva freinetiana.** Revista Brasileira de Educação v. 20 n. 63 out.-dez. 2015.

FREIRE, Gabriel Ribeiro. **Ideias sem fio: um panorama sobre podcasts no Brasil**. 2015. 75 f., il. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

GARIGLIO, Jose Ângelo. **A ludicidade no “jogo” de relações trabalho/escola**. In Revista Movimento – Ano 2 – N. 3 – 1995/2.

\_\_\_\_\_. **Educação física na hierarquia dos saberes escolares do CEFET-MG**. Educação & Tecnologia, [S.l.], v. 3, n. 1, maio 2012. ISSN 2317-7756. Disponível em: <<https://periodicos.cefetmg.br/index.php/revista-et/article/view/310/326>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

\_\_\_\_\_. **Hierarquias dos saberes escolares**. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Dicionário Crítico de Educação Física. 3. ed. Ijuí: Unijuí, p. 357-361, 2015.

FOURQUIN, J. C. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas S/A, 2002.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Entre o “não mais” e o “ainda não”:** pensando saídas do não-lugar da EF escolar I. Cadernos de formação RBCE, Campinas, v. 1, n. 1, p. 9-24, 2009.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Entre o “não mais” e o “ainda não”:** pensando saídas do não-lugar da EF escolar II. Cadernos de Formação RBCE, Campinas, v. 1, n. 2, p. 10-21, mar. 2010.

GONZÁLEZ, F. J. FRAGA, A. B. **Afazer da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Erechim: Edelbra, 2012.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E.; GLITZ, A. P.; RISTOW, R. W. **O abandono do trabalho docente em aulas de educação física: a invisibilidade do conhecimento disciplinar**. Educación Física y Ciencia, Buenos Aires, Argentina, v. 15, p. 1-12, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/GGSnNu>>. Acesso em: 4 jul. 2018.

GONZÁLEZ, F.J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B., org.; prefácio de Ricardo Garcia Cappelli. **Ginástica, dança e atividades circenses** – Maringá : Eduem, 2014.

GONZÁLEZ, F. J; BORGES, R. M. **Conhecimentos acadêmicos, saberes e afazer pedagógicos do professor de Educação Física: mapeando vínculos**. Motrivivencia (UFS), v. 27, p. 36, 2015.

GONZÁLEZ, F. J. **Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica**. In: Unesp: Mestrado Profissional em Educação Física em rede Nacional, 2018.

GUIMARÃES, Márcia Rejane Vieira. **A Educação Física no currículo das séries iniciais: um espaço de disputas e conquistas**. Cadernos de Educação (UFPel), v. 17, p. 269-290, 2008.

HUBERMAN, Michael. **O ciclo de vida profissional dos professores**. In: NÓVOA, António Sampaio da (Org.). Vida de professores. 2 ed. Porto: Editora Porto, 2007. p. 31-61.

JEBER, Leonardo José. **A Educação Física no Ensino Fundamental: o lugar ocupado na hierarquia dos saberes escolares**. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

LOPES, Leo. **PODCAST: guia básico**. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2015.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. **O crescimento do podcast: origem e desenvolvimento de uma mídia da cibercultura**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 3., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM, 2009.

MACHADO, T. S. et al. **As práticas de desinvestimento pedagógico na educação física escolar**. Movimento, Porto Alegre, RS, v. 16, n. 2, p. 129-147, abr./jun. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/9VwNAC>>. Acesso em: 4 jul. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PATEL, Neil. **Usabilidade: O Que é, Conceito e Como Funciona**. Disponível em: <<https://neilpatel.com/br/blog/usabilidade-o-que-e/>>. Acesso em: 15 set/2018.

PICH, Santiago. **CULTURA ESCOLAR, VIDA DAS ESCOLAS E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: balanço e perspectivas**. Motrivivência, Florianópolis, n. 32-33, p. 230-257, Jun-Dez./ 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/viewFile/15586/14124>>. Acesso em: 16 set. 2019.

PICH, S; SCHAEFFER, P. A.; CARVALHO, L. P. **O caráter funcional do abandono do trabalho docente na Educação Física na dinâmica da cultura escolar**. Rev. Educação, Santa Maria, v. 38, n. 3, p. 631-640, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/edufsm/v38n03/v38n03a14.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2018.

PIRES, G. L. ; LAZZAROTTI FILHO, A. ; LISBOA, M. M. . **Educação Física, mídia e tecnologias – incursões, pesquisa e perspectivas**. Kinesis (Santa Maria), v. 30, p. 55-79, 2012.

PODPESQUISA. **Análise & Resultados**. 2019-2020. ABPod. Disponível em: <<http://abpod.com.br/podpesquisa/>>. Acesso em: junho de 2020.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. **As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em educação**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v.6, n.19 p.37-50,

set./dez. 2006. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189116275004>>. Acesso em 8 de abr. 2019.

ROSÁRIO, Luís Fernando Rocha; DARIDO, Suraya Cristina. **Os conteúdos escolares das disciplinas de história e ciências e suas relações com a organização curricular da Educação Física na escola**. Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.26, n.4, p.691-704, out./dez. 2012.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. Campinas, SP. Autores Associados, 1994.

\_\_\_\_\_. **Educação física escolar: conhecimento e especificidade**. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, supl. 2, p. 6-12, 1996.

SOARES, Everton Rocha. **Educação Física no Brasil: da origem até os dias atuais**. Educación Física y Deportes, Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, Nº 169, Junio de 2012. <http://www.efdeportes.com/efd169/educacao-fisica-no-brasil-da-origem.htm>

SOUZA JÚNIOR, M. B. M.. **O saber e o fazer pedagógicos da Educação Física na Cultura Escolar: o que é um componente curricular?**. In: Francisco Eduardo Caparróz. (Org.). Educação Física Escolar: política, investigação e intervenção. 1ed.Vitória: Proteoria, 2001, v. vol. 1, p. 81-92.

SOUZA JUNIOR, Marcílio; GALVAO, Ana Maria de Oliveira. **História das disciplinas escolares e história da educação: algumas reflexões**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 31, n. 3, p. 391-408, Dec. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022005000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000300005&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 14 abril de 2020.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VAGO, T. M. **O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente**. Movimento, Porto Alegre, v. 3, nº 5, p. 4-17, 1996/2. Disponível em: < [http://portais.ufg.br/up/73/o/Texto\\_Tat\\_1\\_\\_1\\_\\_\\_1...pdf](http://portais.ufg.br/up/73/o/Texto_Tat_1__1___1...pdf)>. Acesso em: 15 de set.2019.

\_\_\_\_\_. **Pensar a educação Física na Escola: para uma formação cultural da infância e da juventude**. Cadernos de Formação RBCE, p. 25-42, set. 2009

YOUNG, Michael F. D. **Uma abordagem do estudo dos programas, enquanto fenômenos do conhecimento socialmente organizado**. In: GRACIO, S., STOER, S. Sociologia da Educação II. Lisboa: Livros Horizonte, 1982, 296p.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Roteiro EDUFISICAST #00 EDUFISICAST A Origem

#### **EDUFISICAST**

*“DANDO VOZ À EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR”*

Roteiro Episódio #00

Título: EDUFISICAST A Origem

Tema: Origem do projeto EDUFISICAST

Vinheta

Música de fundo FADE IN/FADE OUT

Host –

Olá pessoal aqui quem fala é Wendell Mendes e a partir de agora eu convido vocês a acompanhar o nosso **EDUFISICAST** – Dando voz à Educação Física Escolar.

Host - Este primeiro episódio é dedicado a apresentar para vocês o projeto que deu origem ao nosso podcast. O **EDUFISICAST** é um produto educacional, gerado no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional coordenado pela UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”) em parceria com a UFG (Universidade Federal de Goiás) sob orientação do Professor Doutor Ari Lazzarotti Filho.

Esse projeto é voltado para professores de Educação Física e comunidade escolar em geral. Seu objetivo principal é servir como canal de informação e formação sobre Educação Física Escolar. Nossos episódios abordarão questões sobre cultura escolar e legitimação da Educação Física. De modo particular, falaremos sobre a invisibilidade de seu conhecimento disciplinar e o abandono do trabalho docente que atualmente são grandes problemas nas aulas de Educação Física. Vamos tentar ainda, apontar perspectivas de superação dessas problemáticas e de inovação das práticas pedagógicas.

E como surgiu essa ideia?

(Efeito sonoro de pensamento)

A motivação para este trabalho vem da inquietação gerada pelo estado de desvalorização da Educação Física Escolar enquanto componente curricular e o tratamento dado aos professores de Educação Física decorrente da “invisibilidade”

de seu conhecimento disciplinar. Essa invisibilidade vincula-se à ideia de que, majoritariamente, o conjunto dos agentes da comunidade escolar não tem elementos suficientes para reconhecer o que se ensina ou se deve ensinar nas aulas de Educação Física. Essa invisibilidade permite que não apenas muitas formas diferentes de ocupar o tempo da aula sejam aceitas, como também que essas diferentes formas recebam o mesmo reconhecimento, mesmo algumas sendo efetivamente aulas e outras não.

Ao tomar como base a experiência de trabalho na Rede Estadual de Ensino de Goiás e também na Rede Municipal de Ensino de Goiânia, percebemos uma proximidade considerável entre a realidade apontada nas produções acadêmicas e a realidade cotidiana das escolas. Podemos assim dizer que, na maioria das escolas, quando comparamos a Educação Física com as demais disciplinas da grade curricular, podemos constatar que a mesma é uma das disciplinas que no senso comum menos tem “peso” na formação dos alunos e alunas. Em tese, a Educação Física não reprova, seus conteúdos não são considerados pré-requisitos para os anos ou ciclos seguintes e não fazem parte das provas externas, que são muito valorizadas no momento atual da política educacional brasileira. E, em consequência disso, nas escolas, a equipe gestora e pedagógica aparenta pouco ou nada se preocupar se os conteúdos contidos nos documentos curriculares e no plano de trabalho do professor foram todos desenvolvidos ou não.

O desconforto com essa situação nos levou aos seguintes questionamentos: Em que medida a realidade de invisibilidade do conhecimento disciplinar (o desconhecimento do conteúdo/objeto de ensino) aparece nas escolas prejudicando o trabalho do professor de Educação Física e influenciando-o ao abandono do trabalho docente? Até que ponto o saber específico da disciplina Educação Física é realmente desconhecido (invisível) para a gestão escolar e professores de outras áreas, já que há vários anos existem documentos oficiais que consolidam a Educação Física dentro da escola? Qual é a participação da escola em seu cotidiano (a cultura escolar) no processo de invisibilidade do conhecimento disciplinar da Educação Física? Como esclarecer e reafirmar o status de componente curricular da Educação Física como mediadora de um conhecimento/saber visível e relevante na formação dos alunos?

Foi tentando responder essas questões que optamos por construir um instrumento de valor formativo/informativo que fosse de fácil acesso aos professores de Educação Física e comunidade escolar em geral. Escolhemos então trabalhar com na elaboração de um Podcast, o EDUFISICAST - sobre Educação Física Escolar e suas problemáticas na escola, sendo um veículo de instrução e informação a esse respeito.

Vamos tentar aqui, apresentar um conhecimento básico, que a comunidade escolar em geral deveria conhecer sobre a Educação Física Escolar. Isso por que consideramos que a cultura instituída da escola através de seus agentes, pode

contribuir para a legitimidade do conhecimento da Educação Física no processo de escolarização.

Estão programados além desse episódio introdutório, outros episódios nos formatos solo, entrevista e mesa redonda (debate), com participação de convidados. Essa programação foi desenvolvida a partir de temas levantados em pesquisa de revisão bibliográfica que visou esclarecer e reafirmar o status do componente curricular Educação Física como mediador de um conhecimento/saber visível e relevante na formação dos alunos e alunas.

A partir do texto base Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica de Fernando Jaime González, que discute as atuações docentes de professores de Educação Física, extraímos o tema central da pesquisa Cultura Escolar e Educação Física. Dentro dele encontramos categorias de análise que adotamos como sub-temas: Invisibilidade do Conhecimento Disciplinar da Educação Física Escolar, Caráter Funcional do Abandono do Trabalho Docente, Hierarquia dos Saberes Escolares e Práticas Inovadoras. Estes subtemas e seus derivados, vão compor o conteúdo da série de episódios do nosso podcast.

Se você está ouvindo pela primeira vez um áudio de podcast, para te dar uma melhor compreensão do que é o nosso projeto e como ele será desenvolvido, talvez seja necessário esclarecer primeiro o que é um podcast.

Podcasts são programas ou arquivos, gravados em formato digital, geralmente em MP3, que ficam armazenados em um servidor na Internet. Na maioria das vezes, são de produção independente. O download dos episódios pode ser feito por meio de um feed RSS que é uma forma de “assinar” as postagens e sempre recebê-las assim que forem publicados através de um aplicativo que funciona como um indexador de arquivos disponíveis online. No caso do podcast, novos programas de áudio são adicionados à lista e constantemente atualizados. Assim, aplicativos como Spotify, Podbean, WeCast, Castbox, iTunes, Deezer, Google Podcasts, Apple Podcast ou uma página da internet que verifica os diversos feeds RSS adicionados, reconhece os novos arquivos e os baixa de maneira automática para o computador ou smartphone. Esse fato faz com que o podcast seja uma ferramenta extremamente fácil de ser utilizada.

Se você é professor de Educação Física escolar, como eu, sei que vai se identificar muito com os temas que vamos tratar aqui. E se não é professor, mas faz parte de uma comunidade escolar, seja como aluno, pai de aluno, professor de outra área, coordenador ou diretor, mais importante ainda é sua audiência em nosso podcast.

É importante ressaltar que o podcast subverte a questão do receptor passivo ligado às mídias de massa tradicionais pois teve um desenvolvimento voltado a facilitar sua produção e distribuição, permitindo que qualquer pessoa se torne potencialmente receptor e emissor, tornando a difusão de informações mais democrática. Segundo Eugênio Paccelli Aguiar Freire, doutor em educação que estuda os Podcasts e Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação no âmbito educativo:

***“Os podcasts brasileiros atuam como amplificadores de vozes costumeiramente ignoradas. Em grande medida produzidos alheios à lógica do lucro financeiro e atentos aos interesses afetivos/cognitivos, aquelas produções acabam preenchendo um espaço educativo de exposição e discussão de temas pouco veiculados ou inexistentes em outros âmbitos: nos grandes veículos de informação, no dia a dia social ou mesmo na escola.”***

É isso que pretendemos aqui expor e discutir a Educação Física Escolar na intenção de sua legitimação e reafirmação como componente curricular que deve ser valorizada não só por nós professores de Educação Física, mas por toda a comunidade escolar.

Faço então o convite, acompanhem nosso EDUFISICAST e nos ajudem a divulgá-lo para que alcance o maior número de pessoas!

Meu muito obrigado! Um forte abraço e até o próximo episódio!

Vinheta Final

APÊNDICE B – Roteiro EDUFISICAST #01 Educação Física escolar, de onde vem? Onde vive? Do que se alimenta?

## **EDUFISICAST**

*“DANDO VOZ À EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR”*

Roteiro do Episódio #01

Título: Educação Física escolar, de onde vem? Onde vive? Do que se alimenta?

Tema: História e Consolidação da Educação Física Escolar no Brasil

### ***Vinheta***

#### ***Música de fundo FADE IN/FADE OUT***

Host – Olá pessoal aqui quem fala é Wendell Mendes e a partir de agora eu convido vocês a acompanhar o nosso **EDUFISICAST** – Dando voz à Educação Física Escolar.

Sejam todos bem-vindos e bem-vindas ao nosso EDUFISICAST, o podcast que dá voz à Educação Física escolar. Começando agora para valer o nosso conteúdo, nós vamos neste episódio 01, falar um pouco sobre as origens da Educação Física escolar brasileira e sua consolidação como componente curricular.

#### ***Vinheta: Sintoniza aí que a conversa já vai começar.***

A Educação Física costuma ser considerada uma das disciplinas mais “amadas” pelos alunos na escola. Mas, por mais que isso pareça bom, este fato está longe de poder ser considerado motivo de prestígio ou reconhecimento no cotidiano escolar. Uma grande parte da comunidade escolar não espera muito das aprendizagens oportunizadas por esta disciplina. Isso se deve à uma tradição sobre a condição da Educação Física escolar: um espaço vazio de conteúdo que pode ser preenchido com atividades que levem os alunos a “se mexerem”, sem importar quais os conhecimentos que cabem tratar e a relação que possa ter com as demais disciplinas na escola.

Estudos apontam que o abandono do trabalho docente é oportunizado ou facilitado por uma cultura escolar que tem expectativas muito limitadas em relação à Educação Física e daquilo que os professores podem ensinar em suas aulas. Nessa lógica, dificilmente qualquer integrante de uma comunidade escolar solicita que os professores justifiquem porque determinado conteúdo específico foi ou não foi desenvolvido em suas aulas (GONZÁLEZ; FRAGA, 2012). Boa parte deles ainda entende que a Educação Física é um tempo para os alunos extravasarem as energias acumuladas na imobilidade das salas de aula, tal como o “banho de sol na prisão” (Fraga, 2000, p. 112), ou um lugar de preparo da motricidade estudantil para melhor assimilação em sala de aula dos conteúdos das disciplinas ditas mais

“sérias”. É como se a aula, os conteúdos e o professor de Educação Física fossem invisíveis, por que quase que tanto faz o que acontece nessas aulas.

Simplemente para ser um “bom” professor de Educação Física, basta ser aquele que não falta ao trabalho, cumpre horário, mantém a burocracia em dia, dá conta dos alunos da sua turma e daqueles que estão soltos no pátio, consegue conter situações indesejáveis (alunos machucados, indisciplina, uso indevido do espaço, saídas da escola, etc.), não ser muito exigente (conformar-se com o material e infraestrutura disponível), estar sempre à frente da organização de eventos e disponível para diferentes demandas da escola, independente do que proponha em suas aulas. Os conhecimentos tematizados (ou não) nas aulas de Educação Física parecem ser invisíveis ao olhar da comunidade escolar em geral.

De certo modo, essas críticas correspondem ao que se passa na escola, mas não leva em consideração que este desprestígio foi construído num longo processo de “desidentificação” da Educação Física com a função social da escola. É o que afirmam Fernando Jaime González e Alex Branco Fraga no livro “Afazeres da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar.

Mas onde, em sua história, a Educação Física perde sua identidade? Onde ela se desidentifica com sua função dentro da escola? É preciso conhecer melhor então suas origens e seu processo de consolidação como componente curricular. E hoje vamos fazer um pouco disso nesse episódio.

### ***Efeito sonoro de transição***

Momento filosófico: “Conhece-te a ti mesmo”

Normalmente atribuída ao filósofo grego Sócrates (479-399 a.C.), a frase “conhece-te a ti mesmo” é, na verdade, a inscrição que se via na entrada do Oráculo de Delfos. Um local, dedicado ao deus Apolo (que na mitologia grega, era o deus da luz e do sol, da verdade e da profecia), onde buscava-se o conhecimento do presente e do futuro por intermédio de sacerdotisas. Na filosofia socrática o “conhece-te a ti mesmo” se tornou uma espécie de referência na busca não só do autoconhecimento, mas do conhecimento do mundo, da verdade. Para o pensador grego, conhecer-se é o ponto de partida para uma vida equilibrada e, por consequência, mais autêntica e feliz. Nessa visão, maturidade não é um desdobramento natural do tempo vivido, e sim resultado da vontade, do esforço de cada indivíduo em conquistá-la.

Mas o que isso tem a ver com a discussão aqui hoje? Vamos tentar entender a partir desse aforismo, a Educação Física Escolar Brasileira em suas origens para conhecê-la melhor. Se fosse um episódio do Globo Repórter, hoje o título poderia ser Educação Física escolar, de onde vem? Como vive? Do que se alimenta? (*vinheta Globo repórter*)

### ***Efeito sonoro de transição***

Entre as disciplinas do ensino fundamental e médio a Educação Física é uma das que mais sofreu modificações nos últimos tempos. Desde mudanças na pedagogia

quanto na legislação educacional. Fatos que inclusive colocaram em dúvida sua própria missão no universo escolar. Durante o período militar por exemplo o foco era o preparo físico e a valorização dos estudantes com aptidão esportiva. Hoje a Educação Física está mais voltada para cultura corporal de movimento. Se antes era limitada à ginástica e ao esporte, hoje os objetos de ensino se diversificaram indo desde a ginástica e os esportes, até os jogos e brincadeiras, dança, lutas e as práticas corporais de aventura. Isso por conta de uma necessidade gerada pelas mudanças sociais em nosso país e que atualmente ganha cada vez mais força dentro das escolas.

Em muitos momentos de sua história a Educação Física brasileira se confunde com as instituições médicas e militares. Estas instituições foram precursoras na definição do caminho da Educação Física Escolar, delineararam o seu espaço e delimitaram o seu campo de conhecimento, tornando-a um valioso instrumento de ação e de intervenção na realidade educacional e social.

Carmen Lúcia Soares professora doutora titular da UNICAMP (1996, p 8), referência em história da Educação Física no Brasil, afirma que a Educação Física Escolar tal como a concebemos hoje - como matéria de ensino - têm suas raízes na Europa de fins do século XVIII e início do século XIX. Esse é o tempo e o espaço da formação dos sistemas nacionais de ensino característicos da sociedade burguesa.

Nesse período, o Brasil colonial e imperial (SOARES, 1994 p 88), as questões relativas à saúde, à higiene, e ao corpo dos indivíduos começam a fazer parte das preocupações das elites dirigentes no nosso país. E é nesses cuidados físicos com o corpo, os quais incluíam a formação de hábitos como: tomar banho, escovar os dentes, lavar as mãos, que se faziam presentes também os exercícios físicos, vistos exclusivamente como fator higiênico. Para tão básico hoje né? Mas antigamente era preciso incentivar a população a criar esses hábitos e o espaço para isso foi visto nas escolas.

Os exercícios físicos, então, passaram a ser entendidos como “receitas” e “remédios”. Julgava-se que, através deles, e sem mudar as condições materiais de vida a que estava sujeito, ao trabalhador daquela época, seria possível adquirir o corpo saudável, ágil e disciplinado exigido pela nova sociedade capitalista. Essa ideia perdurou mais de um século e pouco se alterou em países como o Brasil.

A Ginástica, primeiro nome dado à Educação Física, com caráter bastante abrangente, teve lugar como conteúdo escolar obrigatório, contribuindo com o objetivo dessa sociedade capitalista em formação, “construir” um novo homem: mais forte, mais ágil, mais empreendedor. Este movimento foi bastante vigoroso em todo o século XIX, teve sua denominação definida a partir do país de origem e ficou também conhecido como “escolas” ou “métodos ginásticos”. Os mais conhecidos no Brasil foram o Método Francês, Alemão e Sueco, sendo o mais divulgado e que serviu de modelo para um método nacional de ginástica em nosso país, o Método Francês (SOARES, 1996 p 8).

Estes métodos ou escolas de ginástica não pensaram a Ginástica na escola, mas os pedagogos e médicos buscaram neles os princípios básicos para elaborar os conteúdos de ensino da escola, uma especificidade da Ginástica para a escola. Esta

Ginástica compreendia exercícios individuais, em duplas, quartetos; o ato de levantar e transportar pessoas e objetos; esgrima; danças; jogos e posteriormente, já no final do século XIX, os jogos esportivos; a música; o canto e os exercícios militares.

O pensamento médico higienista construiu um discurso normativo, disciplinador e moral. Tudo em nome da saúde, da paz e da harmonia social. Apoiada pelo poder de Estado a medicina social em sua vertente higienista vai influenciar e condicionar, de modo decisivo, a Educação Física, a educação escolar em geral, e toda a sociedade brasileira.

Vamos analisar um pouco melhor os marcos históricos da Educação Física escolar brasileira.

### ***Efeito sonoro de transição***

#### **Brasil império, de 1822 a 1889**

O início do desenvolvimento cultural da Educação Física no Brasil, apesar de não ter ocorrido de forma contundente, ocorreu no período do Brasil império. Pois foi nessa época que surgiram os primeiros tratados sobre a Educação Física.

Em 1823, Joaquim Antônio Serpa, elaborou o “Tratado de Educação Física e Moral dos Meninos”. Esse tratado postulava que a educação englobava a saúde do corpo e a cultura do espírito, e considerava que os exercícios físicos deveriam ser divididos em duas categorias: 1) os que exercitavam o corpo; e 2) os que exercitavam a memória. Além disso, esse tratado entendia a educação moral como coadjuvante da Educação Física e vice-versa.

O Início da Educação Física escolar no Brasil, inicialmente denominada Ginástica, ocorreu oficialmente com a reforma Couto Ferraz, em 1851. No entanto, foi somente em 1882, que Rui Barbosa ao lançar o parecer sobre a “Reforma do Ensino Primário, Secundário e Superior”, denota importância à Ginástica na formação do brasileiro. Nesse parecer, Rui Barbosa relata a situação da Educação Física em países mais adiantados politicamente e defende a Ginástica como elemento indispensável para formação integral da juventude.

Em resumo, o projeto relatado por Rui Barbosa, buscava instituir uma sessão essencial de Ginástica em todas as escolas de ensino normal; estender a obrigatoriedade da Ginástica para ambos os gêneros (masculino e feminino), uma vez que as meninas não tinham obrigatoriedade em fazê-la; inserir a Ginástica nos programas escolares como matéria de estudo e em horas distintas ao recreio e depois da aula; além de buscar a equiparação em categoria e autoridade dos professores de Ginástica em relação aos professores de outras disciplinas (DARIDO; RANGEL, 2005). No entanto, a implementação da Ginástica nas escolas, inicialmente ocorreu apenas em parte do Rio de Janeiro, que era a capital da República, e nas escolas militares.

### ***Efeito sonoro de transição***

## **Brasil república, de 1890 a 1946**

A Educação Física no Brasil república pode ser subdividida em duas fases: a primeira remete o período de 1890 até a Revolução de 1930 (que empossou o presidente Getúlio Vargas); e a segunda fase, configura o período após a Revolução de 1930 até 1946.

Na primeira fase do Brasil república, a partir de 1920, outros estados da Federação, além do Rio de Janeiro, começaram a realizar suas reformas educacionais e, começaram a incluir a Ginástica na escola (BETTI, 1991). Além disso, ocorre a criação de diversas escolas de Educação Física, que tinham como objetivo principal a formação militar (RAMOS, 1982). Em 1939 foi criada a primeira escola civil de formação de professores de Educação Física. No Brasil, o decreto lei nº 911212, de 17 de abril de 1939.

Após a Segunda Guerra Mundial, que coincide com o fim da ditadura do Estado Novo no Brasil, surgem outras tendências disputando a supremacia. No período de pós-guerra o método de Educação Física Desportiva Generalizada divulgada no Brasil por Augusto Listelo, onde há a influência do esporte como elemento predominante da cultura corporal.

No Brasil, especificamente nas quatro primeiras décadas do século XX, foi marcante no sistema educacional a influência dos Métodos Ginásticos e da Instituição Militar. Pode-se dizer que o auge da militarização da escola corresponde à execução do projeto da sociedade idealizado pela ditadura do Estado Novo.

No entanto, é a partir da segunda fase do Brasil República, após a criação do Ministério da Educação e Saúde, que a Educação Física começa a ganhar destaque perante aos objetivos do governo. Nessa época, a Educação Física é inserida na constituição brasileira e surgem leis que a tornam obrigatória no ensino secundário (RAMOS, 1982).

Na intenção de sistematizar a ginástica dentro da escola brasileira, surgem os métodos ginásticos (gímnicos). Oriundos das escolas sueca, alemã e francesa, esses métodos conferiam à Educação Física uma perspectiva eugênica, higienista e militarista, na qual o exercício físico deveria ser utilizado para aquisição e manutenção da higiene física e moral (Higienismo), preparando os indivíduos fisicamente para o combate militar (Militarismo) (DARIDO; RANGEL, 2005). O higienismo e o militarismo estavam orientados em princípios anátomo-fisiológicos, buscando a criação de um homem obediente, submisso e acrítico à realidade brasileira.

### ***Efeito sonoro de transição***

## **Brasil contemporâneo, de 1946 a 1980**

No Período que compreende o pós 2ª Guerra Mundial, até meados da década de 1960 (mais precisamente em 1964, início do período da Ditadura brasileira), a Educação Física nas escolas mantinham o caráter gímnico e calistênico do Brasil república (RAMOS, 1982).

Com a tomada do Poder Executivo brasileiro pelos militares, ocorreu um crescimento imediato do sistema educacional, onde o governo planejou usar as escolas públicas e privadas como fonte de programa do regime militar (DARIDO; RANGEL, 2005).

Naquela época o governo investia muito no esporte, buscando fazer da Educação Física um sustentáculo ideológico, a partir do êxito em competições esportivas de alto nível, com o objetivo de eliminar críticas internas e deixar transparecer um clima de prosperidade e desenvolvimento (DARIDO; RANGEL, 2005). E aí então que fortalece-se a ideia do esportivismo, no qual o alto rendimento, a vitória e a busca pelo mais hábil e forte estavam cada vez mais presentes na Educação Física.

Dentre as mais importantes medidas que impactaram a Educação Física no período contemporâneo, está a obrigatoriedade da Educação Física/Espportes no ensino do 3º Grau, por meio do decreto lei no 705/69 (BRASIL, 1969). Segundo Lino Castellani Filho em seu livro política educacional e educação física (1998), o decreto lei no 705/69 (BRASIL, 1969), tinha como propósito político favorecer o regime militar, desmantelando as mobilizações e o movimento estudantil que era contrário ao regime militar, uma vez que as universidades representavam um dos principais polos de resistência a esse regime.

Desta forma, o esporte era utilizado como um elemento de distração à realidade política da época. Ademais, a Educação Física/Espportes no 3º Grau era considerada uma atividade destituída de conhecimentos e estava relacionada ao fazer pelo fazer, voltada a formação de mão de obra apta para a produção (DARIDO; RANGEL, 2005).

Esse modelo esportivista, também chamado de mecanicista, tradicional e tecnicista, começou a ser criticado, principalmente a partir da década de 1980. Entretanto, essa concepção esportivista ainda está presente na sociedade e na escola atual (DARIDO; RANGEL, 2005).

### ***Efeito sonoro de transição***

#### **Educação Física na atualidade, a partir de 1980**

Vimos até aqui que a Educação Física ao longo de sua história priorizou os conteúdos ginásticos e esportivos. Após 1970 surgiram novos movimentos na Educação Física escolar, em oposição aos modelos tecnicistas, esportivistas e biologicistas, inspirados no momento histórico social pelo qual passou o país, nas novas tendências da educação de maneira geral, além de questões específicas da própria Educação Física. Assim a Educação Física escolar passou a ser vista como uma ação teórico-prático de crítica, no sentido de desenvolver um corpo de conhecimento científico que pudesse imprimir uma identidade pedagógica da Educação Física no Currículo Escolar.

Atualmente, coexistem na Educação física, diversas concepções, modelos, tendências ou abordagens, que tentam romper com esse modelo mecanicista, esportivista e tradicional que outrora foi embutido aos esportes.

Na década de 80 e 90 alguns estudiosos na área pedagógica começam a dar destaque a Educação Física como área de conhecimento e surgem novas tendências progressistas da Educação Física como: A abordagem da Concepção de Aulas abertas ( 1986, Logo Hildebrandt e Laging), Humanista ( 1985, Vitor Marinho de Oliveira), Psicomotricista ( 1982, Airton Negrine e Mauro Guiselini), Desenvolvimentista ( 1987, Go Tani), Construtivista (1989, João Batista Freire), Crítico Superadora (1992, Coletivo de autores), Crítico- emancipatória (1991, Eleonor Kunz), Sistêmica ( 1991, Betti) e Educação Física Plural ( 1995, JocimarDaiolio), onde os mesmos enfatizam o corpo em todos os seus aspectos, tanto de forma afetiva, cognitiva e motora.

Em 1996, com a reformulação dos PCNs, é ressaltada a importância da articulação da Educação Física entre o aprender a fazer, o saber por que se está fazendo e como relacionar-se nesse saber (BRASIL,1997). De forma geral, os PCNs trazem as diferentes dimensões dos conteúdos e propõe um relacionamento com grandes problemas da sociedade brasileira sem, no entanto, perder de vista o seu papel de integrar o cidadão na esfera da cultura corporal. Os PCNs buscam a contextualização dos conteúdos da Educação Física com a sociedade que estamos inseridos, devendo à Educação Física ser trabalhada de forma interdisciplinar, transdisciplinar e através de temas transversais, favorecendo o desenvolvimento da ética, cidadania e autonomia.

Com o processo inclusivo nas escolas, determinado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (Lei 9.394/96), estabeleceu-se uma nova visão sobre o modo de agir e pensar em educação. É dentro desse universo escolar que encontramos a Educação Física como aliada do desenvolvimento biopsicossocial do aluno. Ela destaca que as aulas de Educação Física, ao contrário das legislações passadas, devem ser integradas à proposta pedagógica da escola. Então a Educação Física é nomeada como um componente curricular da educação básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar.

De forma geral, pode-se concluir que a Educação Física vem se desenvolvendo no Brasil a partir de importantes mudanças político-sociais e que atualmente é vista como um elemento essencial para a formação do cidadão brasileiro.

Hoje o papel da Educação Física está voltado ao desenvolvimento pleno do indivíduo, buscando a formação de um sujeito que conheça e reconheça seu próprio corpo em movimento, valorizando aspectos da cultura corporal e o conhecimento científico, voltados a uma diversidade cultural e social da disciplina, que se manifesta nos gêneros, nas etnias, nas religiões, na deficiência e muito mais aspectos. Não podemos desvincular a Educação Física do processo educacional, onde ela deve ser trabalhada na sua totalidade e a mesma deve ser vista também como área que produz conhecimento.

Esse episódio foi baseado principalmente nas obras de Carmem Lucia Soares **“Educação Física: raízes europeias e Brasil”** e **“Educação Física Escolar conhecimento e especificidade”** e na obra de Everton Rocha Soares **“Educação Física no Brasil: da origem até os dias atuais”**.

Chegamos ao final deste episódio e espero que o tema de hoje tenha sido proveitoso. Se você gostou ou não, deixe seu comentário na nossa página [edufiscast.podbean.com](http://edufiscast.podbean.com) e deixe também sugestões de temas para novos episódios. Assine nosso podcast e siga-nos para acompanhar todos os episódios através dos aplicativos Podbean, Deezer, Google Podcasts, Apple Podcasts, Itunes, Spotify ou outro de sua preferência. Também faço o pedido para que compartilhem nossos episódios e ajudem a divulgar esse trabalho.

Espero vocês no próximo episódio. Um forte abraço e até lá.

#### Referências:

BETTI, M. Educação Física e Sociedade. São Paulo: Movimento. 1991.

BRASIL. Decreto-lei 705/ 69, de 25 de julho de 1969. Altera a redação do artigo 22 da Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961. D.O.U. de 28.7.1969, 1969.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF 1997.

CASTELLANI FILHO, L. Política educacional e educação física. Campinas Autores Associados. 1998.

DARIDO, S. C. e RANGEL, I. C. A. Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2005.

FRAGA, Alex Branco. Corpo, identidade e bom-mocismo — cotidiano de uma adolescência bem-comportada / Alex Branco Fraga. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. (Coleção Trajetória, 3)

GONZÁLES, Fernando & FRAGA, Alex. (2012). Afazeres da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar.

GUTIERREZ, W. História da Educação Física. 1972.

RAMOS, J. J. Os exercícios físicos na história e na arte. São Paulo: Ibrasa. 1982.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. Campinas, SP. Autores Associados, 1994.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade**. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, supl.2, p.6-12, 1996.

SOARES, Everton Rocha. **Educação Física no Brasil: da origem até os dias atuais**. Educación Física y Deportes, Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, Nº 169, Junio de 2012. <http://www.efdeportes.com/efd169/educacao-fisica-no-brasil-da-origem.htm>

APÊNDICE C – Roteiro EDUFISICAST #02 Educação Física Escolar, Especificidade e Currículo

## **EDUFISICAST**

*“DANDO VOZ À EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR”*

Roteiro do Episódio #02

Título: Educação Física Escolar, Especificidade e Currículo

Tema: Especificidade e Currículo da Educação Física escolar

### ***Vinheta***

Música de fundo FADE IN/FADE OUT

Host – Olá pessoal aqui quem fala é Wendell Mendes e a partir de agora eu convido vocês a acompanhar o nosso **EDUFISICAST** – Dando voz à Educação Física Escolar.

### ***Vinheta***

Sejam todos bem-vindos e bem-vindas ao nosso EDUFISICAST, o podcast que dá voz à Educação Física escolar. Nesse episódio vamos dar prosseguimento a discussão sobre a Educação Física escolar, tratando de sua Especificidade e seu Conhecimento Disciplinar.

***Vinheta: Sintoniza aí que a conversa já vai começar.***

Vamos começar o papo de hoje com as seguintes perguntas: Por que a Educação está na escola? Qual seu o papel dentro da cultura escolar? O que a Educação Física ensina? Longe de mim querer apontar respostas certas e incontestáveis aqui. Mas quem sabe encontremos algumas pistas juntos?

Para início desse episódio convidei alguns amigos professores e professoras de outras áreas a responderem as seguintes questões: Como você vê a disciplina de Educação Física na escola onde você trabalha? Ela tem importância para a formação dos alunos? Por quê?

Ouçam comigo algumas das respostas que me foram enviadas (Áudio com as respostas)

Reflexão breve sobre o conteúdo:

Nas falas que acabamos de ouvir é possível encontrar algumas categorias de representação social da Educação Física escolar muito comuns no cotidiano das escolas. Elas se relacionam ao papel de entreter/brincar/recrear, ao papel de

socializar, ao papel de auxiliar as outras disciplinas, ao papel de exercitar/treinar/ensinar esportes e também ao papel de desenvolver o aspecto motor. Os sentidos dados a essas atribuições, ao papel da Educação Física escolar parecem sugerir uma legitimidade fragilizada muito baseada em funções que não são ou não deveriam ser, próprias da Educação Física na escola e que diminuem seu potencial pedagógico como disciplina escolar.

O que nos traz para esta discussão de hoje é exatamente a constatação da falta de conhecimento sobre o conteúdo curricular da Educação Física escolar ou a invisibilidade de seu conhecimento disciplinar como é denominada por alguns autores de nossa área (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER; RISTOW; GLITZ, 2013). Me refiro à falta de conhecimento sobre a atual proposta de Educação Física produzida cientificamente e prevista nos documentos legais orientadores e normativos da educação brasileira (LDB, PCNs e BNCC). Este fato ocasiona situações frequentes de não entendimento e equívocos quanto ao que se deve ensinar nas aulas de Educação Física e sua função dentro da escola.

Primeiramente é bom lembrar, como diz Carmem Lucia Soares em seu artigo Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade, que “A Educação Física está na escola. Ela é uma matéria de ensino e sua presença traz uma adorável, uma benéfica e restauradora desordem naquela instituição. Esta sua desordem é portadora de uma ordem interna que lhe é peculiar e que pode criar, ou vir a criar uma outra ordem na escola. E para realizar esta tarefa, a Educação Física deve sobretudo, preservar, manter e aprofundar a sua especificidade, evidentemente sem isolar-se ou colocar-se à parte e alheia. A Educação Física, portanto, difere das demais disciplinas pois seu objeto de ensino parte de algo ignorado na maioria das vezes pela escola, nosso próprio corpo e seu movimentar-se. E o movimento na escola tradicional, na maioria das vezes, é visto como desordem e incômodo.

Como vimos no episódio anterior à Educação Física percorreu um longo caminho até ser considerada componente curricular pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, culminando na Lei nº 10.793/2003 que rege a atual condição legal da Educação Física reconhecendo seu ensino como obrigatório na Educação Básica sendo integrada à proposta pedagógica da escola.

### ***E o que isso significou? (feito sonoro)***

Significou que a Educação Física Escolar, pelo menos na legislação, deixa de uma vez por todas de ser encarada como uma simples atividade complementar sem propósito pedagógico, e passa a ser vista como um componente, uma matéria de ensino, com conteúdos importantes para a formação de alunos e alunas de forma integrada com a proposta pedagógica da escola. Dentro de uma perspectiva crítica, ela passa a ganhar um tempo e um espaço no currículo escolar que deve cumprir uma função educativa, alicerçada em objetivos e conteúdos específicos e que seja capaz de sistematizar, ao longo dos anos escolares, um conjunto de conhecimentos que permita aos alunos compreender o mundo que habitamos, bem como a dimensão humana que se liga às práticas corporais. Com o propósito de que a apropriação desses conhecimentos possa resultar no bem comum de toda a sociedade (GONZÁLEZ, 2018).

Passamos a reconhecer então que as vivências com as diferentes manifestações da cultura corporal de movimento não se limitam a aquisição de aptidão física ou esportiva. Elas podem enriquecer e estimular momentos de discussões sobre: a organização social, suas regras e normas; a relação entre o envolvimento com essas práticas e a qualidade de vida; a cultura humana relacionada ao tempo livre; as formas que a humanidade pode se relacionar harmoniosamente com o meio ambiente natural e tantos outros aspectos que podem ser induzidos por momentos reflexivos nas atividades desenvolvidas. (GOZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014, p 14.)

***(Aplicar Efeito) Cultura Corporal de movimento o que significa?***

Na perspectiva em que nos apoiamos a Cultura corporal de movimento é atualmente considerada o objeto do qual a Educação Física trata na escola. A área de conhecimento específica pela qual a Educação Física é responsável dentro da escola. Podemos entendê-la como uma dimensão da cultura que se refere as possibilidades do se-movimentar dos seres humanos, suas práticas corporais sistematizadas e suas representações sociais. É importante lembrar aqui, como nos alerta o professor doutor Walter Bracht, um dos defensores do termo, que quando reivindicamos uma especificidade para a Educação Física enquanto disciplina do currículo escolar a partir do conceito de cultural corporal de movimento, não buscamos o seu isolamento, mas sim dizer qual é sua contribuição específica para a tarefa geral da escola. É absolutamente necessário que a Educação Física esteja aberta a dar sua contribuição para a tarefa geral da escola, e isso também, a partir de outras formas de organização curricular que não a da forma de disciplinas (currículo por atividades, currículo por projetos e etc.) (BRACHT, 2005).

A Educação Física possui um vasto conteúdo formado pelas diversas manifestações corporais criadas pelo ser humano ao longo dos anos, entre elas, os jogos, as brincadeiras, as danças, os esportes, as ginásticas, as lutas e as práticas corporais de aventura. Este conjunto de práticas tem sido chamado de cultura corporal de movimento, ou cultura corporal, ou cultura de movimento, entre outros. Por ser um conjunto de saberes diversificado e riquíssimo, consideramos extremamente importante seu tratamento nas aulas de Educação Física.

Porém muitos professores de Educação Física mantêm-se ainda hoje, influenciados pela concepção esportivista e continuam restringindo as aulas aos esportes mais tradicionais: basquetebol, voleibol, handebol e futebol. Não bastasse este fato, é muito comum que estes conteúdos esportivos sejam transmitidos somente na ótica do saber fazer sem o devido aprofundamento (ROSÁRIO; DARIDO, 2012).

Tarcísio Mauro Vago, em seu artigo “Pensar a Educação Física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude”, defende que a escola é um lugar com uma identidade, uma responsabilidade social, uma expectativa social. Escola não é clube. Escola não é academia de ginástica. Escola não é centro de treinamento esportivo. A escola não é a rua, ou a praça do bairro. Escola não é tempo nem “equipamento” de lazer. Embora possa, e deva estabelecer relações com todos esses lugares, a escola é um tempo e um lugar singular, que não pode ser nem confundido com nenhum desses, muito menos ser substituído por eles. Para este autor é fundamental pensar a escola entendida como um lugar de produção de culturas porque seus protagonistas assim o fazem, produzem cultura. É também um lugar de circulação das culturas, porque tem como responsabilidade garantir um

humano direito ao patrimônio por todos produzido. E por último e não menos importante é um lugar situado entre as culturas porque faz relação com outros lugares em que os humanos produzem suas culturas, nas ruas, nas praças, nos pertencimentos religiosos, na política, nas tantas manifestações artísticas, por exemplo. Sendo preciso, no entanto, problematizar estas relações (VAGO, 2009).

Assim surge a necessidade de elaboração do currículo que amplie a linguagem corporal de forma que seja devidamente planejado levando em conta seus objetivos, experiências de aprendizagem e avaliação que atendam às necessidades da escola e supra as especificidades dos alunos. Analisando quais esportes, jogos, lutas, danças e brincadeiras devem fazer parte do currículo na Educação Física naquele contexto escolar.

Vamos conhecer rapidamente agora um pouco mais sobre a Educação Física na Base Nacional Comum Curricular, documento que merece muitas críticas, porém, é o atual documento, em nível nacional, que normatiza a construção dos currículos escolares.

### **(Aplicar Efeito) BNCC que bicho é esse?**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, [...] (BRASIL, 2018, p.7). Nela cada uma das práticas corporais tematizadas compõe uma das seis unidades temáticas abordadas ao longo do Ensino Fundamental.

UNIDADE TEMÁTICA BRINCADEIRAS E JOGOS – com os objetos de conhecimento: Brincadeiras e jogos da cultura popular, Brincadeiras e jogos de matriz indígena, Brincadeiras e jogos de matriz africana e os Jogos eletrônicos;

UNIDADE TEMÁTICA ESPORTES – com os objetos de conhecimento divididos em sete categorias: Esportes de Marca, Esportes de Precisão, Esportes Técnico-combinatórios, Esportes de Rede/quadra dividida ou parede de rebote, Esportes de Campo e taco, Esportes de Invasão ou territorial, Esportes de Combate;

UNIDADE TEMÁTICA GINÁSTICAS – com os objetos de conhecimento divididos em: Ginástica geral, Ginástica de condicionamento físico e Ginástica de conscientização corporal;

UNIDADE TEMÁTICA DANÇAS – com os objetos de conhecimento divididos em: Danças comunitárias e regionais, Danças de matriz indígena, Danças de matriz africana, Danças Urbanas e Danças de salão.

UNIDADE TEMÁTICA LUTAS – com os objetos de conhecimento: Lutas comunitárias e regionais, Lutas de matriz indígena, Lutas de matriz africana, Lutas do Brasil e Lutas do Mundo;

E finalmente UNIDADE TEMÁTICA PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA –dividida em práticas na natureza e no ambiente urbano.

O documento também sugere a distribuição das unidades temáticas e conteúdos de acordo com os anos do Ensino Fundamental. Em princípio, todas as práticas corporais podem ser objeto do trabalho pedagógico em qualquer etapa e modalidade de ensino. Ainda assim, alguns critérios de progressão do conhecimento devem ser atendidos, tais como os elementos específicos das diferentes práticas corporais, as características dos sujeitos e os contextos de atuação, sinalizando tendências de

organização dos conhecimentos. Na BNCC, as unidades temáticas de Brincadeiras e jogos, Danças e Lutas estão organizadas em objetos de conhecimento conforme a ocorrência social dessas práticas corporais, das esferas sociais mais familiares (localidade e região) às menos familiares (esferas nacional e mundial). Em Ginásticas, a organização dos objetos de conhecimento se dá com base na diversidade dessas práticas e nas suas características. Em Esportes, a abordagem recai sobre a sua tipologia (modelo de classificação), enquanto Práticas Corporais de aventura se estrutura nas vertentes urbana e na natureza. Assim orienta a BNCC.

***(Aplicar Efeito) Então, qual a finalidade do ensino da Educação Física na escola?*** Quanto às finalidades para o ensino da Educação Física a professora doutora Suraya Cristina Darido da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho a UNESP, afirma que é possível elencar os objetivos relacionados à saúde, ao lazer e à apreciação crítica. A busca por melhores condições de vida relacionada à saúde é uma possibilidade na aprendizagem da Educação Física, porém não é a única. Ela pode colaborar com a melhoria da saúde ou mesmo com a adoção de um estilo de vida ativo. Outra finalidade é a prática como forma de lazer, como atividade relacionada à vivência lúdica realizada no tempo livre. Assim, no ensino das práticas corporais, o professor deve estar atento ao fornecimento de repertório de movimento, mas também ao tratamento de atitudes para com o lazer, bem como a compreensão do que venha a ser esse termo. A apreciação crítica do esporte, da dança, do circo e de outras práticas é uma terceira finalidade que pode ser buscada, seja por meio da mídia ou mesmo daquela corporalmente presente no ambiente do espetáculo. Tal finalidade demanda uma compreensão abrangente das práticas corporais, no que diz respeito a sua vivência e ao conhecimento sobre determinantes culturais, sociais, econômicos etc.

Assim, deverá compor o rol de conteúdos da disciplina de Educação Física na escola, em uma dimensão biológica: as relações entre nutrição, gasto energético e as diferentes práticas corporais, bem como entre exercício, lesões e uso de anabolizantes; o desenvolvimento das capacidades físicas; e a melhoria da saúde e da estética. Já em uma dimensão sociocultural, deve ser esclarecido aos alunos as relações entre esporte, sociedade e interesses econômicos; a organização social, o esporte e a violência; o esporte com intenções de lazer e de profissionalização; a história e o contexto das diferentes modalidades esportivas; a qualidade de vida, atividade física e contexto sociocultural; as diferenças e similaridades entre as práticas dos jogos e dos esportes; as adaptações necessárias para a prática do esporte voltado para o lazer, entre outros (DARIDO, 2012).

Já o professor doutor Mauro Betti afirma que é um patrimônio cultural da humanidade que merece ser preservado, transmitido e transformado pelas novas gerações e que as finalidades de seu ensino perpassam a promoção da saúde, a vivência do lazer e a apreciação crítica. A Educação Física deve assumir a responsabilidade de formar um cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante das novas formas da cultura corporal de movimento – o esporte-espetáculo dos meios de comunicação, as atividades de academia, as práticas alternativas, etc. Para isso, não basta aprender habilidades motoras e desenvolver capacidades físicas, aprendizagem esta necessária, mas não suficiente. Se o aluno aprende os fundamentos técnicos e táticos de um esporte coletivo, precisa também aprender a organizar-se socialmente para praticá-lo, precisa compreender as regras como um

elemento que torna o jogo possível (portanto é preciso também que aprenda a interpretar e aplicar as regras por si próprio), aprender a respeitar o adversário como um companheiro e não um inimigo, pois sem ele não há competição esportiva.

Fica claro então para nós que a Educação Física também propicia, como os outros componentes curriculares, um certo tipo de conhecimento aos alunos e alunas. Mas não é um conhecimento que se possa incorporar dissociado de uma vivência concreta. Como nos diz o professor Mauro Betti, “A Educação Física não pode transformar-se num discurso sobre a cultura corporal de movimento, sob pena de perder a riqueza de sua especificidade, mas deve constituir-se como uma ação pedagógica com aquela cultura. Essa ação pedagógica a que se propõe a Educação Física será sempre uma vivência impregnada da corporeidade do sentir e do relacionar-se”. (BETTI, 2002).

E assim, chegamos ao final desse episódio. Mais uma vez muito obrigado pela sua companhia. Se você gostou ou não, deixe seu comentário na nossa página [edufiscast.podbean.com](http://edufiscast.podbean.com) e deixe também sugestões de temas para novos episódios. Assine nosso podcast e siga-nos para acompanhar todos os episódios através dos aplicativos Podbean, Deezer, Google Podcasts, Apple Podcasts, Itunes, Spotify ou outro de sua preferência. Também faço o pedido para que compartilhem nossos episódios e ajudem a divulgar esse trabalho.

Espero vocês no próximo episódio. Um forte abraço e até lá.

#### Referências:

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. **Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – Ano 1, Número 1, 2002 p. 73-81.

BRACHT, V. **Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento?** In: SOUZA JÚNIOR, M. Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica. Recife: EDUPE, 2005. p. 97-106.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Magistério 2º grau – série formação do professor

DARIDO, Suraya Cristina. **Diferentes Concepções sobre o Papel da Educação Física na Escola**. Caderno de formação - Formação de Professores Bloco 02 - Didática dos Conteúdos, vol. 6. São Paulo, Editora Cultura Acadêmica - 2012.

FRANCA, K. S. **Currículo de Educação Física: desafio e possibilidades**. [S.l.] [2016?] Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/curriculo-educacao-fisica-desafio-possibilidades.htm>. Acesso em: 05 de abril de 2020.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de, org.; **Ginástica, dança e atividades circenses** – Maringá : Eduem, 2014.

GONZÁLEZ, F. J. **Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica**. In: Unesp: Mestrado Profissional em Educação Física em rede Nacional, 2018.

ROSÁRIO, Luís Fernando Rocha; DARIDO, Suraya Cristina. **Os conteúdos escolares das disciplinas de história e ciências e suas relações com a organização curricular da Educação Física na escola**. Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.26, n.4, p.691-704, out./dez. 2012.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade**. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, supl.2, p.6-12, 1996.

VAGO, Tarcísio Mauro. Pensar a educação Física na Escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. Cadernos de Formação RBCE, p. 25-42, set. 2009

APÊNDICE D – Roteiro EDUFISICAST #03 – Hierarquia dos saberes escolares e o status da Educação Física

## **EDUFISICAST**

*“DANDO VOZ À EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR”*

Roteiro Episódio #03

Título: Hierarquia dos saberes escolares e o status da Educação Física

Tema: Hierarquia dos saberes escolares e a posição de inferioridade da Educação Física

### ***Vinheta***

#### ***Música de fundo FADE IN/FADE OUT***

Host – Olá pessoal aqui quem fala é Wendell Mendes e a partir de agora eu convido vocês a acompanhar o nosso **EDUFISICAST** – Dando voz à Educação Física Escolar.

Sejam todos bem-vindos e bem-vindas ao nosso EDUFISICAST, o podcast que dá voz à Educação Física escolar. Começando agora mais um episódio hoje vamos falar da relação de hierarquia entre as disciplinas na cultura escolar e o status da Educação Física dentro da mesma.

#### ***Vinheta: Sintoniza aí que a conversa já vai começar.***

Discutir a hierarquização dos saberes escolares, e o fato de que o componente curricular Educação Física ocupa uma posição inferiorizada frente a outras disciplinas na escola, não é algo novo para nós. Porém, é importante reconhecer essa condição quando falamos das práticas pedagógicas de professores, já que a Educação Física escolar carrega um conjunto de limites e preconceitos que o professor deve enfrentar para conquistar seu reconhecimento profissional no interior da cultura escolar. Em diversos tipos de pesquisas é possível encontrar relatos de professores participantes que coincidem em apontar que esse desprestígio dificulta a participação em pé de igualdade, no projeto educacional da escola. Frequentemente, também é um empecilho para a constituição de uma prática pedagógica de qualidade frente à precariedade de materiais disponibilizados pelas escolas, a desigualdade na divisão do tempo destinado às aulas de Educação Física, dentre outras formas de desvalorização que a colocam numa clara situação de marginalidade no currículo. (GONZÁLEZ, 2018)

Cabe então neste momento, os seguintes questionamentos: Por que se atribui mais prestígio a certas disciplinas do que a outras? Qual a hierarquia das diferentes disciplinas escolares?

**Momento Reflexivo:**

Para ajudar um pouco nessa reflexão, assim como no episódio anterior, vamos ouvir algumas falas de amigos que convidei a participar desse episódio, que são professores de outras áreas. Eles responderam as seguintes questões:

- Existe uma hierarquia entre as disciplinas/componentes curriculares do ensino fundamental, na escola onde você trabalha? Existe um status de importância entre elas? Explique por favor.
- Se sua resposta for sim diga, quais as três disciplinas mais valorizadas na sua escola e por que você acha que essas disciplinas são mais valorizadas ou tem um status maior de importância?

**Áudios com as falas dos professores e professoras****Análise das falas:**

É possível dizer, após ouvir as falas, que existe um consenso sobre a existência da hierarquia dos saberes, das disciplinas, e que a Educação Física parece não se colocar entre as áreas de conhecimento consideradas mais importantes para a formação de alunos e alunas. Isso sugere que a comunidade escolar não tem se convencido da contribuição da área para o desenvolvimento dos alunos e alunas como o faz em relação principalmente às disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa, Ciências da Natureza entre outras. As representações construídas na escola sobre a Educação Física escolar, veiculadas no discurso dos (as) professores (as) das demais disciplinas, podem informar à própria Educação Física e a nós professores e professoras sobre os papéis e saberes assumidos perante a especificidade de sua intervenção pedagógica, sua legitimidade estabelecida e sua legitimidade a conquistar. Portanto, os papéis poderão ser repensados e resignificados de acordo com a relevância das informações e das necessidades de mudança da prática pedagógica empreendida no fazer diário em cada escola (CARVALHO, 2006)

Baseado nos estudos do sociólogo britânico Michael Young, o professor Dr. José Angelo Gariglio, em seu artigo “Hierarquias dos saberes escolares” no Dicionário Crítico de Educação Física, explica que há duas formas de organização do saber escolar: a primeira diz respeito aos saberes tidos por superiores. Estes seriam dotados de aptidão literária, da ênfase dada à apresentação escrita em detrimento da oral; com peso no caráter abstrato do conhecimento, estruturados e compartimentalizados de forma a ignorar a experiência da vida cotidiana. Paralelamente, existe outro grupo de disciplinas que organiza seu programa segundo critérios não acadêmicos. Esses programas ou saberes, organizam-se invariavelmente na forma de apresentação oral, de trabalho em grupo, do caráter concreto do saber e de seu relacionamento com o conhecimento estranho à escola. Socialmente, no momento atual, os conhecimentos formalizáveis são mais valorizados, por servirem ao avanço técnico e, portanto, ao desenvolvimento econômico. As ciências físicas são transmitidas sem diálogo com a realidade concreta, justamente para reafirmarem essa estratificação e compartimentação, do conhecimento na escola, a serviço dos interesses da ordem social vigente. Em contrapartida, há a desvalorização das Ciências Sociais ou mesmo não científicas (Artes, Filosofia e Educação Física por exemplo), consideradas exclusivamente como pertencentes ao campo da opinião, como destituídos de racionalidade, a não

ser que se igualem ao modelo dominante de ciências físicas. Desvalorização essa que muitas vezes é introjetada e reforçada pelos próprios professores dessas disciplinas ditas não científicas.

YOUNG (1982) nos recorda que.... Essas características do saber superior são consequências históricas de um sistema de ensino baseado num modelo livresco de aprendizagem destinado aos padres da Idade Média, época em que o corpo sofreu uma desvalorização e foi inferiorizado, dicotomizado e dualizado. A partir dessa época, o saber corporal foi estigmatizado e o saber escrito e livresco foi valorizado. Estas características do saber de tipo superior representam escolhas culturais conscientes ou inconscientes, que estão em sintonia com os valores e credos dos grupos dominantes em determinada época.

Leonardo José Jeber em sua dissertação de mestrado na Faculdade de Educação da UFMG (1996) Descreve que A maioria das disciplinas transmite seus conhecimentos através do código escrito, preferencialmente. No caso da Educação Física, não se faz uso frequente do código escrito ou de material didático dessa natureza no seu aprendizado. Ao contrário, é através da apresentação oral que se realiza a aula de Educação Física. Quase toda a organização do movimento dos alunos através dos jogos e demais conteúdos passam pelo comando verbal do professor e da comunicação dos alunos entre si. Não é comum o trabalho mediante material escrito, e quando isso acontece, soa de forma muito estranha para os alunos e alunas. A própria tentativa de, esporadicamente, trabalhar com esse tipo de material nas aulas, tem sido bastante difícil. Há enorme resistência, por parte dos alunos, de aceitar tal situação. Eles chegam mesmo a ironizar, perguntando se aquela aula é de Português, o que revela que eles carregam fortes estereótipos a respeito das disciplinas escolares, evidentemente não sem razão.

Jeber afirma, o que se passa é que, na Educação Física, a ênfase recai sobre as atividades lúdicas de movimento, mas isso não nos autoriza a deixar de lado um dos patrimônios construídos pela humanidade, que é o código escrito. A questão é: como a Educação Física poderia proporcionar a vivência lúdica sem abdicar de transmitir seu conhecimento? (GARIGLIO, 1995, p.31). Ou será que a codificação escrita é impossível ou inútil quando se trata de ensinar as coisas ao corpo? (FORQUIN, 1993, p.105. BOURDIEU, 1987, p.219).

Normalmente, a Educação Física escolar limita-se ao ensino do movimento, desvinculando-o de seus sentidos e significados. Prevalece, assim, a sensação de que o ensino da EF lida apenas com o imediatamente palpável, com o concreto. Oportunamente é bom reafirmar que a ênfase na dimensão abstrata que pode existir no conhecimento transmitido pela EF não pode se dar com o objetivo de transformá-la em disciplina igual às demais, mas apenas demonstrar que pode haver um ensino de EF que considere sua dimensão abstrata, para que os indivíduos que dela usufruem o façam da maneira mais plena possível.

Guimarães 2008 Algo que também pode contribuir para a visão histórica de como a Educação Física vem-se constituindo dentro do espaço escolar, na hierarquia dos saberes, é a permissividade em ser, na escola, “o “curinga curricular”, pois suas aulas são tomadas e negligenciadas em função de outras atividades curriculares, por exemplo, ensaios para festividades de datas comemorativas”. (SOUZA JÚNIOR

2001, p. 84). Esse tema vamos discutir no próximo episódio sobre o “Caráter funcional da Educação Física e o abandono do trabalho docente”

O professor Dr. Fernando Jaime González, pesquisador da REIPEFE (Rede Internacional de Investigação Pedagógica em Educação Física Escolar) afirma que os professores com práticas caracterizadas pelo abandono do trabalho docente em geral percebem essa condição e, também em linhas gerais, assumem condição de “vítimas”, manifestando certo desconforto com essa condição. Sentem-se injustiçados. Nos casos dos professores inovadores, todos relatam diferentes episódios em que o baixo prestígio da disciplina foi explicitado por colegas de outras áreas, de forma sutil, irônica ou direta. Esses relatos vêm acompanhados, para além do sentimento de pena, pela exposição de como os professores “reagiram” à situação e como eles marcaram o seu espaço e o da disciplina (GONZÁLEZ; BORGES, 2015).

Lembramos mais uma vez da especificidade da Educação Física. O movimento está presente em nossa vida mais do que se possa perceber e diante do que se considera educação, a Educação Física está presente na escola para promover conhecimentos relativos ao movimento. Entretanto, se ficarmos apenas nas questões do movimento puro e simples, não é possível alcançar os objetivos educacionais no que se refere a formação do indivíduo crítico e consciente de suas ações, por isso se faz necessário não o estudo de um movimento, mas sim de um movimento intencional. Um movimento que há reflexão e análise antes de ser elaborado e por isso justificasse dentro do sistema educacional.

É necessário, que a sociedade entenda a contribuição da Educação Física na escola, de forma coerente e por toda a amplitude de conhecimentos que a engloba. Muitos ao serem questionados a respeito da contribuição da disciplina Educação Física, afirmam que é importante, mas os argumentos apresentados, muitas vezes, não sustentam a Educação Física enquanto área de conhecimento. Esses argumentos podem variar entre a realização de atividades esportivas, recreativas, desenvolvimento motor, procura de talentos e a promoção da saúde. A Educação Física enquanto área de conhecimento deve, em primeiro lugar, assim como o nome diz, ter um conhecimento a ser estudado. Dessa maneira, esse conhecimento deve ser ensinado em todas as séries da educação, tendo uma contribuição para a vida cotidiana do cidadão por meio dos saberes pertencentes à área.

Portanto, com toda esta abrangência, não cabe à Educação Física escolar realizar apenas atividades esportivas ou recreativas e tampouco que promovam o desenvolvimento motor que tanto são enfatizadas em algumas defesas pela Educação Física na escola. Entretanto, se compreendemos que a Educação Física é uma área de conhecimento, esses argumentos pouco contribuem para tal realização, além de seus objetivos serem distintos dos objetivos educacionais. Sendo esse o sentido que as disciplinas escolares devem caminhar, o de se preocupar essencialmente com a formação do cidadão integral em suas dimensões pessoais, profissionais e sociais, pode-se estabelecer como os professores de Educação Física devem agir no contexto educacional a partir dos conteúdos próprios da área.

Vivemos em um sistema capitalista no qual a preparação para o mercado de trabalho também se faz necessária, porém sem deixar de lado os fatores morais, sociais que abrangem nossa cultura e o ideário do que seja um ser atuante na sociedade. As disciplinas escolares giram em torno dessa preparação e com a Educação Física não é diferente. O que faz a Educação Física essencial para a vida desse sujeito e o que ela contribui no cotidiano da vida desse sujeito é a peça-chave para podermos legitimar nossa área de fato na escola (VAGO, 1999, p. 44). A Educação Física na escola é campo de análise, reflexão e construção de conhecimentos relacionados ao corpo que se movimenta e como o mesmo se constitui na sociedade. Cabe a nós, da espécie humana, possuidores de uma capacidade de reflexão e ação, ao mesmo tempo denominada movimento, fazer a história por meio de nossa autonomia e liberdade de pensar e agir (COSTA; PEREIRA; PALMA, 2009)

Diante dessas ponderações e partindo do pressuposto que “a luta para definir um currículo envolve prioridades sociopolíticas e discurso de ordem intelectual”, nota-se que os conflitos gerados em torno da hierarquização dos saberes escolares estão lado a lado com os interesses de ordem política, pedagógica e sociocultural. Além disso, para fazer crer que determinada disciplina escolar é considerada boa, adequada e eficaz, apoia-se no discurso da busca pela qualidade da educação, onde a escola prepara os alunos para enfrentar o mercado de trabalho. “Conhecer o que deve ser governado é parte da estratégia que permite a regulação e o controle de indivíduos, grupos, processos e práticas”. Logo, pode-se dizer que a hierarquização das disciplinas escolares são processos de controle. É importante entender isso. A seleção das disciplinas escolares e a importância que adquirem no currículo não se baseiam apenas em critérios científicos, mas, em especial, em aspectos de luta de poder entre grupos e sujeitos interessados orientar a conduta das novas gerações. (SOUZA JUNIOR; GALVÃO, 2005)

Concluindo esse raciocínio quando falamos da posição ocupada pela Educação Física na hierarquia dos saberes escolares, devemos ter em mente que essa posição se constrói. Em alguns casos, dependendo das políticas educacionais, de interesses hegemônicos dentro de uma escola, com mais ou menos dificuldade.

E este é o final de episódio. Muito obrigado por mais uma vez estarem com a gente. Se você gostou ou não, deixe seu comentário na nossa página [edufisicast.podbean.com](http://edufisicast.podbean.com) e deixe também sugestões de temas para novos episódios. Assine nosso podcast e siga-nos para acompanhar todos os episódios através dos aplicativos Podbean, Deezer, Google Podcasts, Apple Podcasts, Itunes, Spotify ou outro de sua preferência. Também faço o pedido para que compartilhem nossos episódios e ajudem a divulgar esse trabalho.

Espero vocês no próximo episódio. Um forte abraço e até lá.

Referências:

COSTA, Amanda Luiza Aceituno da; PEREIRA, Vera Lucia; PALMA, Ângela Pereira Teixeira Victória. **O papel da Educação Física enquanto disciplina escolar**. In: IV CONPEF – jul. 2009.

CARVALHO, Fernando Luiz Seixas Faria de. **O papel da educação física escolar representado por professores e professoras de outras disciplinas.** Dissertação de Mestrado 2006. Disponível em: <https://www.ufjf.br/ppge/files/2010/07/fernando-seixas.pdf>. Acesso em: 13/04/2020.

GARIGLIO, Jose Ângelo. **Educação física na hierarquia dos saberes escolares do CEFET-MG. Educação & Tecnologia**, [S.l.], v. 3, n. 1, maio 2012. ISSN 2317-7756. Disponível em: <<https://periodicos.cefetmg.br/index.php/revista-et/article/view/310/326>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

GÓES, Flávia Temponi; MENDES, Cláudio Lúcio. **Currículo e hierarquia dos saberes escolares: onde está a Educação Física?** Disponível em <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT12-5571--Int.pdf>. Acesso em 13/04/2020.

GONZÁLEZ, F. J. **Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica.** In: Unesp: Mestrado Profissional em Educação Física em rede Nacional, 2018.

GUIMARÃES, M. A **Educação Física no Currículo das Series Iniciais: um espaço de disputas e conquistas.** Universidade Estadual de Londrina, 2001.

SOUZA JUNIOR, Marcílio; GALVAO, Ana Maria de Oliveira. **História das disciplinas escolares e história da educação: algumas reflexões.** Educ. Pesqui., São Paulo , v. 31, n. 3, p. 391-408, Dec. 2005 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022005000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000300005&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 14 abril de 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022005000300005>.

APÊNDICE E – Roteiro EDUFISICAST #04 e #05 Educação Física, o Severino da Escola - Caráter funcional (Parte I e II)

## **EDUFISICAST**

*“DANDO VOZ À EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR”*

Roteiro dos Episódios #04 e #05

Título: Educação Física o “Severino” da escola – Caráter funcional

Tema: O caráter funcional do abandono do trabalho docente na Educação Física

**Objetivo:** compreender de que modo os professores de Educação Física “abandonam” o trabalho docente comprometido com a qualidade do ensino e constroem estratégias de sobrevivência no ambiente escolar.

### ***Vinheta de abertura:***

Host: Olá pessoal aqui quem fala é Wendell Mendes e a partir de agora eu convido vocês para mais um episódio do nosso EDUFISICAST – dando voz à Educação Física escolar.

### ***Música de fundo:***

Neste episódio vamos falar sobre o caráter funcional do abandono do trabalho docente nas aulas de Educação Física. Para debater este tema teremos como convidados os professores Lázaro Tuim (cumprimentos do convidado) e João Arlindo (cumprimentos do convidado).

### ***Apresentação dos convidados:***

**Host:** O professor João Arlindo dos Santos Macêdo é Licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás (Eseffego) desde 2012. Se especializou em Metodologia do Ensino em Educação Física Escolar pela Universidade Federal de Goiás em 2017, trabalha como professor de Educação Física na rede municipal de Senador Canedo em Goiás, é membro do Laboratório para estudos e pesquisas em pedagogia do esporte Esporte Lab- UFG desde 2016. Mestrando da primeira turma do Mestrado Profissional de Educação Física em Rede Nacional (PROEF) pelo Polo UFG na Faculdade de Educação Física e Dança.

O professor Lázaro Moreira Gomes Júnior é graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás (2002), tem especialização em Educação Física

Escolar (2006) e recentemente se tornou Mestre em Performances Culturais também pela UFG. Atualmente é professor da Rede Municipal de Educação de Goiânia, além de ator e Co-Fundador da Cia de Teatro Nu Escuro.

***Vinheta de transição: Sintoniza aí ...***

Trataremos hoje então das situações em que o abandono do trabalho docente se torna funcional a cultura escolar e que frequentemente coloca a Educação Física escolar numa posição de desvalorização. Se você é professor de Educação Física talvez saiba do que eu estou falando...

Situações como, ser designado a cuidar dos alunos durante realização de reunião com pais ao invés de participar junto com os demais professores, cuidar de duas ou mais turmas ao mesmo tempo para suprir falta de professores de outra área, a insistência na exclusão da participação nas aulas de Educação Física como forma de punição para alunos indisciplinados, ser considerado o único responsável pela organização de eventos festivos na escola... e muitas outras situações de “quebra-galho” enfrentadas no cotidiano escolar.

**Host:** No título desse episódio nos lembramos do ator Paulo Silvino, falecido em agosto de 2017, ele deu vida a um famoso personagem no programa humorístico Zorra Total da TV Globo, que é bastante sugestivo para a discussão que estamos prestes a fazer nesse episódio, o porteiro Severino. Em seu quadro, com o bordão “cara, crachá”, o famoso quebra-galho trabalhava com um diretor de televisão que estava sempre lhe pedindo favores.

***Áudio dos episódios do Zorra total.***

**Host:** Há alguma semelhança entre a situação do personagem e a Educação Física escolar?

Nós vamos falar então sobre ...

***Sub-temas para discussão:***

- O espaço-tempo da aula de Educação Física utilizado para o “bom funcionamento da escola”;
- Reconhecimento profissional ligado a fatores fora das aprendizagens específicas sobre os saberes da disciplina;
- As práticas de abandono do trabalho docente e o esgotamento profissional;

Tópicos a serem discutidos:

- 1. Desvio da função docente (caráter funcional)***
- 2. Abandono do trabalho docente***
- 3. Síndrome do esgotamento profissional***

**Host:** Muitas vezes, quando se observa a aula de Educação Física no pátio de uma escola, e vê-se os alunos jogando bola e o professor ao lado, costuma-se, de modo

precipitado, dizer: lá está um “professor rola-bola”, um professor que não quer mais nada com nada. Contudo, esse fato pode estar refletindo um processo, uma situação dramática que enfrentam muitos professores de Educação Física: a Síndrome do Esgotamento Profissional (SEP).

Embora os professores de Educação Física se sintam realizados e recompensados pela função social de sua atividade, parece existir um outro profissional do ensino que remete à figura do professor cansado, desiludido com a profissão, sem vontade de ensinar, implicando, assim, baixo nível de qualidade de ensino. Por sentir-se frustrado e esgotado, o professor encontra-se “internamente” incapaz de estabelecer melhores relações com seus alunos.

**Host:** É isso que pretendemos aqui expor e discutir a Educação Física escolar na intenção de sua legitimação e reafirmação como componente curricular que deve ser valorizada não só por nós professores de Educação Física, mas por toda a comunidade escolar.

Um forte abraço e até o próximo episódio!

### ***Vinheta de encerramento***

Referências:

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Educação Física e cultura escolar: critérios para identificação do abandono do trabalho docente.**

In: CD-ROOM Anais... III Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte. Santa Maria-RS. 2006.

GONZÁLEZ, F. J. ***Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica.*** In: Unesp: Mestrado Profissional em Educação Física em rede

Nacional, 2018.

SANTINI; MOLINA NETO. **A síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre.** Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.19, n.3, p.209-22, jul./set. 2005

PICH. S; SCHAEFFER, P. A.; CARVALHO, L. P. **O caráter funcional do abandono do trabalho docente na Educação Física na dinâmica da cultura escolar.** Rev. Educação, Santa Maria, v. 38, n. 3, p. 631-640, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/edufsm/v38n03/v38n03a14.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2018.

APÊNDICE F – Roteiro EDUFISICAST #06 e #07 – Inovação das práticas pedagógicas na Educação Física escolar (Parte I e II)

## **EDUFISICAST**

*“DANDO VOZ À EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR”*

Roteiro dos Episódios #06 e #07

Título: Inovação das práticas pedagógicas na Educação Física escolar

Tema: As práticas de inovação pedagógicas na Educação Física escolar

### ***Vinheta***

#### ***Música de fundo FADE IN/FADE OUT***

Host – Olá pessoal aqui quem fala é Wendell Mendes e a partir de agora estaremos juntos em mais um episódio do nosso **EDUFISICAST** – Dando voz à Educação Física Escolar.

#### ***Vinheta de abertura***

**Host:** Nesse episódio falaremos do tema inovação pedagógica em Educação Física escolar. Para falar sobre esse tema eu tenho aqui hoje comigo dois convidados especiais. O professor Wendell da Costa e a professora Kelly Ferreira

#### ***Breve apresentação do currículo dos participantes***

O professor Wendell da Costa é graduado em Educação Física pela FEFD-UFG no ano de 2005. Atua como professor efetivo da rede municipal de ensino de Goiânia desde 2008. Também é criador da página Educação Física Escolar no Facebook.

A professora Kelly Ferreira Pires é mestranda em Educação Física pela faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás, também especialista em Educação Física escola e Psicopedagogia. Seus principais temas de estudo atualmente são Inovação Pedagógica, Educação Física escolar e Formação de Professores.

#### ***Vinheta de transição:*** Sintoniza aí ...

A partir daqui começar com os questionamentos com a professora Kelly e professor Wendel:

- ✓ Conceitos de Inovação:

- O que é inovação na Educação Física escolar?
- Quais são os critérios para se reconhecer um professor inovador?

Intercalar as respostas da professora Kelly com os relatos de experiência do professor Wendel da Costa. Pedir para que socialize uma experiência de suas aulas e contextualize suas propostas. Aqui sua experiência pode respaldar a teoria que será apresentada pela professora Kelly.

- ✓ Desinvestimento pedagógico e abandono do trabalho docente:
  - O que significa?
  - Reconhecimento profissional do professor de Educação Física.
  - Dilemas da Educação Física como disciplina de segunda classe.

Mais uma vez intercalar as respostas da professora Kelly com os relatos de experiência do professor Wendel da Costa sobre as práticas de avaliação nas Aulas de Educação Física.

***Após os comentários finais agradecer a participação dos professores participantes.***

Um forte abraço e até o próximo episódio!

***Vinheta de encerramento***

Referências:

BRACHT, V. **Dilemas no cotidiano da educação física escolar: entre o desinvestimento e a inovação pedagógica**. Salto para o futuro – Educação Física Escolar: dilemas e práticas, ano XXI, boletim 12, 2011.

FARIA, B. A.; MACHADO, T. S.; BRACHT, V. **A inovação e o desenvolvimento pedagógico na Educação Física escolar: uma leitura a partir da teoria do reconhecimento social**. In Revista Motriz, Rio Claro, v. 18 n.1, p.120-129, jan./mar. 2012

SILVA, Mauro Sérgio da; BRACHT, Valter. **Na pista de práticas e professores inovadores na Educação Física escolar**. Revista Kinesis. Santa Maria, jan./jun. 2012, v. 30, n. 1, pp. 80-94.

SOUZA, S. P.; NASCIMENTO, P. R. B.; FENSTERSEIFER, P. E. **Atuação docente em Educação Física escolar: entre investimento e desinvestimento pedagógico**. Revista Motrivivência, Florianópolis/SC, v.30, n. 54, p. 143-159, julho/2018.

APÊNDICE G – Roteiro EDUFISICAST Episódios #08, #09 e #10 PROEF no chão da escola (Parte I, II e III)

## EDUFISICAST

*“DANDO VOZ À EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR”*

Roteiro dos episódios #08, #09 e #10

Título: PROEF no chão da escola

Tema: As contribuições do PROEF para a formação continuada dos professores da educação básica

### ***Orientações prévias:***

Olá meus amig@s!

Primeiramente gostaria de agradecer a vocês por terem aceitado participar do meu projeto e me ajudar com esse episódio! Serei eternamente grato.

Estou escrevendo para tentar demonstrar a minha intenção com esse episódio e definir com vocês um roteiro mínimo para nossa conversa.

O objetivo deste episódio é “Debater as contribuições do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional para esclarecer e reafirmar o status de componente curricular da Educação Física como mediadora de um conhecimento/saber visível e relevante na formação dos alunos.” Vamos tentar apresentar para os ouvintes o que é o mestrado profissional, quais as características deste tipo de mestrado, qual o perfil do estudante do mestrado profissional e mostrar sua importância na formação continuada, tudo isso relatando nossas experiências pessoais com o PROEF.

Minha intenção é começar o episódio explanando rapidamente de onde surge o mestrado profissional e sua diferenciação em relação ao mestrado acadêmico. Vou falar um pouquinho sobre alguns documentos e normativas, só para introduzir. A partir daí podemos dialogar sobre como foi o nosso processo seletivo, o adiamento do início das aulas e a luta para que o programa não fosse cancelado, a metodologia semipresencial adotada, as dificuldades de ser um discente trabalhador com carga horária extensa, a contribuição na formação de cada um de nós sendo a primeira turma do Programa de Mestrado Profissional em Rede em Educação Física.

### Roteiro/Sequência/Pauta para Debate:

Vinheta de abertura: áudio

Host/apresentador: Fala de abertura e apresentação do Episódio.

Host/apresentador: Apresentação dos convidados.

Convidados: Cumprimentos e apresentação

Cumprimento vocês um por um e vocês cumprimentam-se também.

OBS.: aqui gostaria que vocês preparassem uma breve apresentação/currículo de vocês para que eu possa ler após as apresentações.

Host/apresentador: (texto para referência na introdução)

### **Com base no EDITAL DE ABERTURA DE INSCRIÇÕES - PROEF 2020:**

O Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) é um Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Educação Física, que tem a Universidade Estadual Paulista/Unesp como proponente, com duração de 24 meses, reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação. O programa tem como objetivo capacitar professores da rede pública de ensino, na área da Educação Física, para o exercício da docência na Educação Básica, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no País.

### **Como funciona o curso?**

O ProEF é um programa no modelo híbrido, com disciplinas oferecidas a distância e com encontros presenciais. As disciplinas têm oferta simultânea em rede nacional, no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e presencialmente de forma concentrada nos Polos Instituições de ensino Superior associadas.

É exigência a presença do candidato selecionado em disciplinas oferecidas nas unidades das Instituições de Ensino Superior (IES) Associadas (poderão ser realizadas atividades interPolos); desenvolver as atividades propostas no AVA, apresentar PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA no prazo estipulado pela Coordenação Nacional; participar das Atividades Avaliativas a distância e/ou presenciais; para o Trabalho de Conclusão Final deverá realizar uma pesquisa de intervenção no contexto escolar no qual atua, cumprir os créditos das Atividades Complementares e comprometer-se com o processo de orientação junto ao orientador.

Ao final do Curso o aluno receberá o título de Mestre em Educação Física. As Instituições de Ensino Superior que integram a Rede Nacional do ProEF são

denominadas IES Associadas e são responsáveis pela execução do curso nas suas Unidades.

### **Linhas de Pesquisa atuais 2020:**

A área de concentração do PROEF, é Educação Física Escolar e estrutura-se com três linhas de pesquisa:

Educação Física na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental;  
Educação Física nos finais do Ensino Fundamental;  
Educação Física no Ensino Médio

### **QUAL A DIFERENÇA ENTRE MESTRADO PROFISSIONAL E ACADÊMICO?**

"Mestrado Profissional" é a designação do Mestrado que enfatiza estudos e técnicas diretamente voltadas ao desempenho de um alto nível de qualificação profissional. Esta ênfase é a única diferença em relação ao acadêmico. Confere, pois, idênticos grau e prerrogativas, inclusive para o exercício da docência, e, como todo programa de pós-graduação *stricto sensu*, tem a validade nacional do diploma condicionada ao reconhecimento prévio do curso (Parecer CNE/CES 0079/2002).

São duas diferenças básicas: o perfil do candidato e o foco. O mestrado profissional tem um foco específico de resolução de problemas e de um modo geral, o aluno do mestrado profissional é mais maduro, já tem emprego o que geralmente torna mais difícil seguir carreira acadêmica.

O Mestrado Profissional responde a uma necessidade socialmente definida de capacitação profissional de natureza diferente da propiciada pelo mestrado acadêmico. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) é responsável por regular a oferta de programas de mestrado profissional por meio de chamadas públicas e avaliar os cursos oferecidos.

Entre seus principais objetivos, segundo a Portaria Nº 60, de 20 de março de 2019, estão:

- ✓ Capacitar profissionais qualificados para práticas avançadas, inovadoras e transformadoras dos processos de trabalho, visando atender às demandas sociais, econômicas e organizacionais dos diversos setores da economia;
- ✓ Transferir conhecimento para a sociedade de forma a atender às demandas sociais e econômicas, com vistas ao desenvolvimento nacional, regional e local;
- ✓ Contribuir para agregação de conhecimentos de forma a impulsionar o aumento da produtividade em empresas, organizações públicas e privadas;
- ✓ Atentar aos processos e procedimentos de inovação, seja em atividades industriais geradoras de produtos, quanto na organização de serviços públicos ou

**Daqui em diante eu volto para vocês e podemos relatar e discutir nossa experiência no PROEF.**

Tópicos para discussão com os convidados:

- ✓ O processo seletivo;
- ✓ O adiamento do início das aulas, o tempo de espera e a luta para a manutenção do PROEF;
- ✓ A Metodologia Semipresencial, Atividades como Professor Pesquisador na resolução de Problemas das próprias aulas;
- ✓ As dificuldades encontradas como discente/trabalhador;
- ✓ A contribuição do PROEF para a melhoria da qualidade pedagógica.

**Obs.: Se tiver algum ponto que vocês achem relevante que não esteja contemplado aqui por favor me avisem. Fiquem à vontade para dar sugestões, me ajudaria muito.**

Assim que percebermos que a discussão foi esgotada faço os agradecimentos, encerro a gravação.

#### **QUANTO A GRAVAÇÃO:**


Pessoal na medida do possível gostaria que seguissem essas orientações. Como vou captar o áudio daqui (minha casa) talvez eu não consiga ajudar muito se acontecer algum problema no dia.

- ✓ Me enviem pelo WhatsApp seus endereços de e-mail cadastrados/utilizados no Skype para que eu já adicione aqui.
- ✓ Tenham o Skype instalado no notebook, computador ou até mesmo no próprio celular de vocês.
- ✓ No momento da gravação permaneçam em um ambiente mais fechado com pouco ruído e reverberação (eco) e distante de janelas.
- ✓ Utilizem de preferência um headset (fone de ouvido com controle de volume e microfone acoplado) se tiverem. Se não tiverem podem utilizar o microfone do próprio notebook com o volume dos autofalantes mais baixo para evitar microfonia.

Penso que precisarei de 1 a 2 horas do tempo de vocês nesse dia. Qualquer dúvida ou sugestão por favor me avisem! Mais uma vez agradeço muito a colaboração de vocês! Espero poder retribuir! Super abraço!

## APÊNDICE H – Questionário de Avaliação do EDUFISICAST

### Seção 1 – Apresentação.



**Questionário de avaliação EDUFISICAST  
- para professores de Educação Física e  
de outras áreas da Educação Básica**

Se você é professor, de Educação Física ou de outra área, atuante na Educação Básica, em qualquer rede de ensino (pública ou privada) e ouviu episódios do EDUFISICAST, responda ao questionário.

Este questionário faz parte da avaliação do produto educacional EDUFISICAST desenvolvido através de pesquisa no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF/UNESP, vinculado à Universidade Federal de Goiás. O objetivo da pesquisa é avaliar sua receptividade, seu conteúdo, sua linguagem e sua viabilidade como canal de formação e informação. O EDUFISICAST é um podcast que discute as problemáticas da Educação Física escolar abordando questões relativas a cultura escolar e legitimação da educação física tentando ainda apontar perspectivas de superação das problemáticas e de inovação das práticas pedagógicas. Responda este questionário até 05 de agosto de 2020.

Sua participação e colaboração será de grande importância para o desenvolvimento desse projeto. Caso você tenha alguma dúvida, basta ligar ou enviar mensagem para o número (62) 996310918.

### Seção 2 – Identificação:

1. Gênero (Tipo de resposta: Escolha múltipla – marcar apenas uma)

Opções de resposta:

- Masculino
- Feminino

2. Idade (Tipo de resposta: texto resposta curta)

3. Nível de formação (Tipo de resposta: Escolha múltipla – marcar apenas uma)

Opções de resposta:

- Graduação
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado

4. Função na escola (Tipo de resposta: Escolha múltipla – marcar apenas uma)

Opções de resposta:

- Professor de Educação Física
- Professor de outra área
- Coordenador
- Diretor
- Outro: \_\_\_\_\_

5. Tempo de atuação na educação básica (Tipo de resposta: Escolha múltipla – marcar apenas uma)

Opções de resposta:

- De 1 a 3 anos
- De 4 a 6 anos
- De 7 a 25 anos
- De 26 a 35 anos
- De 36 a 40 anos
- Mais de 40

6. Rede de ensino em que trabalha (Tipo de resposta: Escolha múltipla – marcar apenas uma)

Opções de resposta:

- Rede Privada/Conveniada
- Pública Municipal
- Pública Estadual
- Pública Federal

7. Etapa da educação básica em que trabalha atualmente (Tipo de resposta: Escolha múltipla – marcar apenas uma)

Opções de resposta:

- Educação Infantil
- Ensino Fundamental
- Ensino Médio

### Seção 3 - Avaliação do uso do Podcast (EDUFISICAST)

8. Já conhecia este tipo de mídia? (Tipo de resposta: Escolha múltipla – marcar apenas uma).

Opções de resposta:

- Sim, uso frequentemente
- Sim, mas não uso frequentemente
- Já tinha ouvido falar, mas nunca usei
- Não conhecia, é uma novidade

9. Acesso aos episódios – Como você acessou os episódios? (Tipo de resposta: Escolha múltipla – marcar apenas uma).

Opções de resposta:

- Site ([edufisicast.podbean.com](http://edufisicast.podbean.com))
- Aplicativos/Agregadores (Podbean, Spotify, Dezzter, Google Podcasts, etc.)
- Acessei das duas formas

10. Usabilidade – A plataforma (site) ou aplicativo foi fácil de usar (ouvir os episódios, comentar, fazer inscrição)? (Tipo de resposta: Escala linear – marcar apenas uma).

Opções de resposta:

- 1 Muito difícil
- 2
- 3
- 4

- 5 Muito fácil

11. Quais episódios você ouviu? (Tipo de resposta: Caixa de verificação - marcar tudo o que for aplicável).

Opções de resposta:

- #00 EDUFISICAST - A origem
- #01 Educação Física escolar, de onde vem? Onde vive? Do que se alimenta?
- #02 Educação Física, Especificidade e Currículo
- #03 Hierarquia das disciplinas e o status da Educação Física
- #04 Educação Física, o Severino da Escola? Caráter funcional Parte I
- #05 Educação Física, o Severino da Escola? Caráter funcional Parte II
- #06 Inovação das Práticas Pedagógicas na Educação Física Escolar Parte I
- #07 Inovação das Práticas Pedagógicas na Educação Física Escolar Parte II
- #08 PROEF no chão da escola - Parte I
- #09 PROEF no chão da escola - Parte II
- #10 PROEF no chão da escola - Parte III

12. Duração dos episódios – O que achou da duração dos episódios que ouviu? (Tipo de resposta: Escolha múltipla – marcar apenas uma).

Opções de resposta:

- Foram curtos demais
- Foram do tamanho ideal
- Foram longos demais

13. Qual seria a duração ideal na sua opinião? (Tipo de resposta: Escolha múltipla – marcar apenas uma).

Opções de resposta:

- De 5 a 10 minutos

- De 10 a 15 minutos
- De 15 a 20 minutos
- De 25 a 30 minutos
- De 30 a 60 minutos
- Mais de 60 minutos

14. Periodicidade – De quanto em quanto tempo você acha que os episódios deveriam ser publicados? (Tipo de resposta: Escolha múltipla – marcar apenas uma).

Opções de resposta:

- semanalmente
- quinzenalmente
- mensalmente

15. Quanto ao formato/linguagem do Podcast – O que achou da forma de comunicação? (Tipo de resposta: Escolha múltipla – marcar apenas uma).

Opções de resposta:

- Excelente (achei atrativo, dinâmico na maioria dos episódios)
- Bom (achei interessante, não foi cansativo ouvir na maioria dos episódios)
- Regular (achei cansativo, não consegui me interessar na maioria dos episódios)
- Ruim (Não consegui ouvir sequer um episódio)

16. Qual a sua preferência de formato de Podcast? (Tipo de resposta: Escolha múltipla – marcar apenas uma).

Opções de resposta:

- Solo - só com o host/apresentador falando
- Entrevista - com o host/apresentador e pessoas convidadas
- Debate - com o host/apresentador e debatedores/comentadores
- Diversificado - híbrido, apresentação, entrevista e debate

Seção 4 – Conteúdo do Podcast (EDUFISICAST)

17.Relevância das discussões abordadas pelo EDUFISICAST para o campo da Educação Física escolar (Tipo de resposta: Escala linear – marcar apenas uma).

Opções de resposta:

- 1 Irrelevantes
- 2
- 3
- 4
- 5 Essenciais

18.Qualidade do Conteúdo dos episódios – Avalie a fundamentação teórica e a clareza nas exposições (Tipo de resposta: Escala linear – marcar apenas uma).

Opções de resposta:

- 1 Ruim
- 2
- 3
- 4
- 5 Excelente

19.Numa provável continuação dos episódios você seria um seguidor do EDUFISICAST? (Tipo de resposta: Escolha múltipla – marcar apenas uma).

Opções de resposta:

- Sim, com certeza
- Provavelmente sim
- Talvez
- Provavelmente não
- Não, com certeza

20.Quais temas gostaria que fossem discutidos em novos episódios? (Tipo de resposta: Parágrafo)

APÊNDICE I – Imagens dos momentos de gravação dos episódios de entrevista e debates



*Imagem 1 Momento de gravação com os professores João Arlindo e Lázaro Tuim nos episódios #04 e #05*



*Imagem 2 Momento de gravação com os professores João Arlindo e Lázaro Tuim nos episódios #04 e #05*



*Imagem 3 Participação da professora Kelly Ferreira e do professor Wendel da Costa nos episódios #06 e #07.*



*Imagem 4 Participação da professora Kelly Ferreira e do professor Wendel da Costa nos episódios #06 e #07.*

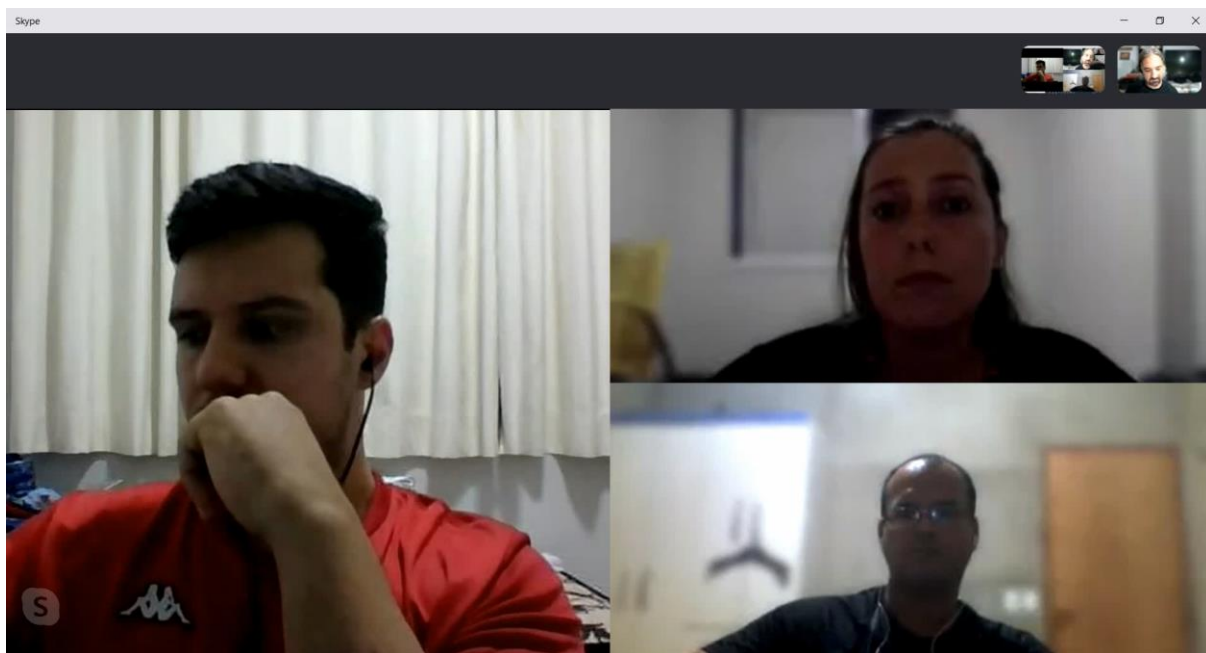


Imagem 5 Participação da professora Karla Medeiros e dos professores Edymar Patryk e Marcos Junio nos episódios #08, #09 e #10 via Skype.

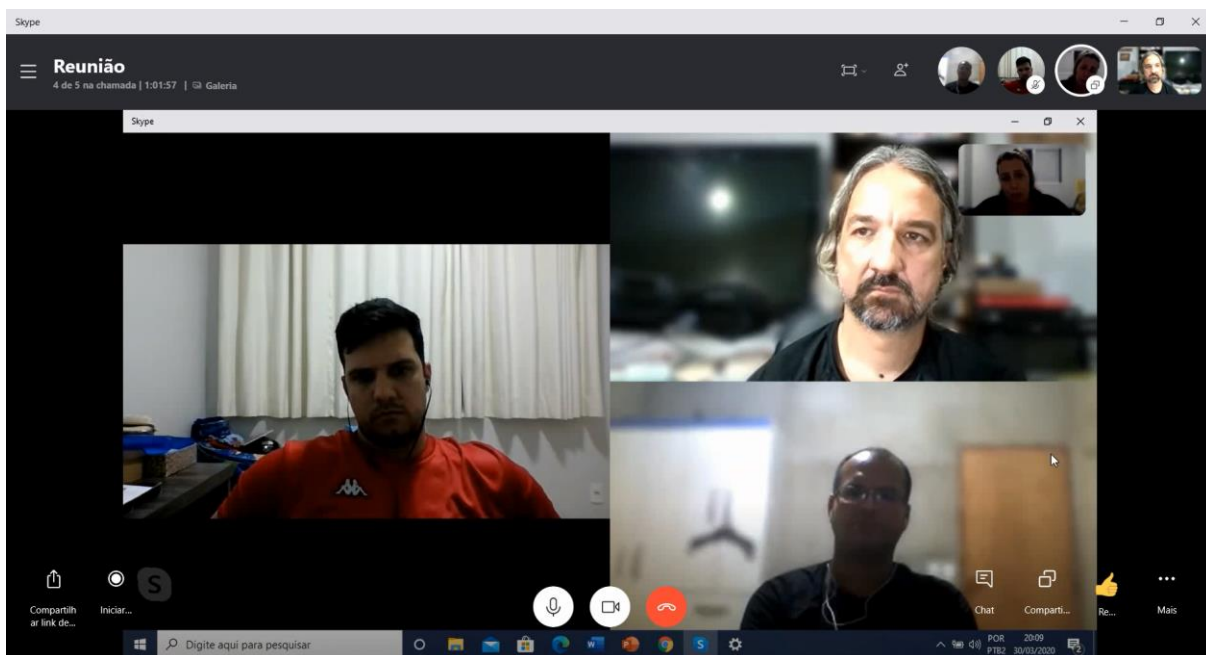


Imagem 6 Participação da professora Karla Medeiros e dos professores Edymar Patryk e Marcos Junio nos episódios #08, #09 e #10 via Skype.